



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO EM ESTUDOS DA RELIGIÃO
Especialização: Estudos de História do Cristianismo**

JOAQUIM CARRASQUEIRO DE SOUSA

Fátima e o catolicismo português

Dissertação Final

sob orientação de:

Professor Doutor Paulo Fontes

**Lisboa
2015**

Agradecimentos

Agradeço

Ao Professor Doutor Paulo Fontes, a orientação rigorosa e competente, os pedagógicos conselhos e a disponibilidade;

À Professora Doutora Ana Jorge, a tutoria e a disponibilidade demonstrada durante este mestrado;

À Ir. Ana Paula Teixeira, Superiora Geral da Congregação das Irmãs Reparadoras de Nossa Senhora de Fátima, a bibliografia e o enquadramento;

À Ir. Maria Fernanda Tavares, da Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima, a bibliografia e o enquadramento;

À Mestre Sandra Duarte, o acesso à biblioteca do Seminário Diocesano de Leiria e demais conselhos;

Ao Dr. Frederico Serôdio, o acesso à biblioteca do Santuário de Fátima;

À Universidade Católica a oportunidade desta formação;

À memória de meus pais, Joaquim e Maria da Luz pelo dom da vida e caminho apontado;

À minha esposa Celeste, o tempo cedido e a paciência demonstrada;

A todos os que, de uma maneira ou de outra, me ajudaram;

À Virgem de Fátima a sua proteção materna e as graças derramadas ao longo deste percurso;

A Deus por tudo o que me tem concedido.

Índice

Introdução4

A questão5

Metodologia9

Esquema.....10

I - Contextualização

1. A época e o lugar 13

1.1. Panorama internacional 13

1.2. Portugal 14

1.3. A região de Fátima 16

2. O “Acontecimento” 19

3. Religiosidade popular ou catolicismo em reconstrução? 23

II - Fátima e a dinâmica do catolicismo

1. Fátima no plano eclesial nacional e mundial..... 28

2. A restauração da Diocese de Leiria e a nomeação do novo Bispo 33

3. Lugar de peregrinação ou romaria? 38

4. Evolução e mecanismos de propagação de Fátima 43

5. *Quereis oferecer-vos a Deus? Sim queremos!* 53

III - Fátima e sua implicação no catolicismo português

1. O espírito laical em associação.....	57
1.1. Associação de Servitas de Nossa Senhor de Fátima	58
1.2. Movimento da Mensagem de Fátima	68
2. Formas de vida religiosa: Uma grande corrente, dois novos rios.....	77
2.1. As Servas de Nossa Senhora de Fátima (1923) e as Reparadoras de Nossa Senhora das Dores de Fátima (1926)	78
2.2. Os fundadores: Luiza Andaluz (1877-1973) e o cónego Manuel Formigão (1883-1958).....	80
2.3. O projeto de fundação de uma Congregação, divergências e separação.....	93
2.4. O reconhecimento de duas novas Congregações: a alegria da entrega.....	104
2.5. As Obras emergem, continuam e frutificam.....	108
Conclusão.....	116
Bibliografia.....	123
Anexos.....	127
Anexo 1 - Arco no local aparições com Lúcia, Jacinta e Francisco	128
Anexo 2 - Capelinha das aparições – 1919	129
Anexo 3 - Capelinha das aparições dinamitada.....	130
Anexo 4 - Bomba colocada na Capelinha	131
Anexo 5 - Estampa de Nossa Senhora da Paz (13 Outubro 1917)	132
Anexo 6 - Estampa de Nossa Senhora da Paz (13 Outubro 1917)	133
Anexo 7 - Estrela Azul “Servitas Nossa Senhora de Fátima”	134
Anexo 8 - Bandeira/emblema MMF.....	135
Anexo 9 - Escudo das Servas de Nossa Senhora de Fátima.....	136
Anexo 10 - Brasão das Irmãs Reparadoras de Fátima.....	137

INTRODUÇÃO

Bem próximo, a poucos quilómetros da localidade da nossa residência, na Diocese de Leiria-Fátima, existe a Cova da Iria, que faz parte da nossa vivência de fé e que desde sempre nos fascinou pelos acontecimentos que aí tiveram lugar.

Em pequeno, 10 anos então, quem desejava entrar no Seminário Diocesano de Leiria, tinha que frequentar os dois primeiros anos, Seminário Menor, naquela localidade da freguesia de Fátima, há algum tempo elevada à categoria de cidade.

Bastante próximo do Santuário, toda a situação, as deslocações amiudadas àquele espaço sagrado, a envolvência nas tarefas que a cada um eram acometidas, nomeadamente durante as cerimónias dos dias 12 e 13 de cada mês, nos ia ajudando a despertar para a *misteriosa* realidade que, para nós adolescentes, ainda se tornava um pouco complexa. No entanto, o tempo ia passando e a reflexão ia-se fazendo...

Como nos diz Jorge Guarda,

“Fátima, como acontecimento sobrenatural, mensagem divina e foco de irradiação espiritual, é uma árvore frondosa, bem plantada no grande jardim da Igreja Católica. A sua raiz está na Serra de Aire, mas os seus ramos estendem-se por muitos países dos cinco continentes”¹.

Ao iniciarmos este Mestrado, começámos por nos colocar a questão acerca do trabalho de dissertação final que deveríamos fazer. Refletindo um pouco, íamos encontrando a resposta. E assim, se o interesse pelo fenómeno de Fátima foi sempre crescendo em nós, era o momento exato para nos podermos debruçar sobre esta realidade, estudando e refletindo sobre ela, de modo que pudéssemos tentar dar resposta a alguma questão que se nos colocaria.

¹ GUARDA, Jorge Manuel Faria – *O Carisma dos Pastorinhos de Fátima: A força de Deus na pequenez humana*. Fátima: Secretariado dos Pastorinhos, 2004, p. 11.

Animados por esta decisão que se perspetiva não muito fácil e que só o poder do Alto nos fará compreender, convencemo-nos a iniciar esta viagem que, com toda a certeza, terá Maria Santíssima como companheira privilegiada, pois ela “tomar-me-á a mão para guiar-me a pena”².

A Questão

O nosso propósito neste trabalho, será o de refletir sobre “como esteve Fátima presente no catolicismo português?”, caracterizando o catolicismo daquela época e como se poderá ter tornado veículo de mudança ou de cristalização. Outras vertentes serão analisadas: qual o protagonismo da Igreja católica, das suas elites laicais e clericais e também do clero local no processo de afirmação do Santuário e do culto de Fátima. Abordaremos também a questão de Fátima como lugar e Mensagem que se tornou Santuário, assim como o modo como terá emergido no plano eclesial nacional e mundial e como terá evoluído este acontecimento.

Fátima, pequena aldeia do concelho de Ourém, talvez nunca tivesse saído do anonimato, se não fosse o conhecido fenómeno “Aparições de Fátima”. A situação geográfica e o seu isolamento não permitiriam a sua expansão e conseqüentemente a difusão do evento.

Os fenómenos de Fátima tiveram um forte impacto na experiência religiosa portuguesa, com uma dinâmica sempre crescente, podendo ser considerado o mais importante fenómeno religioso português do século XX. Fátima não veio estabelecer um corte com a tradição religiosa portuguesa, bem pelo contrário, serviu para o seu

² LÚCIA, Irmã – *Como vejo a Mensagem através dos tempos e dos acontecimentos*, 2ª edição, Fátima: Indugráfica, 2007, p. 13.

fortalecimento. No entanto, tal facto veio impor ao catolicismo nacional uma reconfiguração, enquanto servia de padrão para a vivência de uma experiência cristã e mariana, impondo ao mesmo tempo novos quadros referenciais de mentalidades e de práticas religiosas.

O culto mariano, nas suas diversas formas, encontrava-se presente desde muito cedo na religiosidade portuguesa. Os santuários, ou até meros altares ou capelas, apareceram sempre por todo o país, aos quais o povo nunca deixou de se deslocar em peregrinação³, como refere Tiago Apolinário Baltazar.

Também a devoção ao Papa, como referência máxima do catolicismo, e a devoção eucarística se apresentavam como aliados a este culto.

O fenómeno de Fátima veio apresentar-se como uma forte continuidade com a tradição religiosa portuguesa, sendo através dele que estas temáticas vieram ganhar uma maior força.

Como nos diz António Matos Ferreira, “Desde o início há uma percepção nacional do peregrinar a Fátima, como escola de fé e de patriotismo, em que a Igreja, de perseguida e vilipendiada, surge como triunfante”⁴.

A implantação da República em outubro de 1910 veio com a promessa de modernizar e ao mesmo tempo estabelecer progresso pela via racionalista. No entanto, o seu maior apoio urbano contrastava com a realidade do país real rural, conservador e ao mesmo tempo católico. Para que tal fosse possível, era necessário atacar a Igreja e até o próprio catolicismo e o seu clero, vistos como um entrave a esta ideologia. A Lei da Separação de 1911 foi disso uma consequência. O anticlericalismo apresentou-se sempre como uma instância de luta política, onde a imagem de Fátima abria lugar a um

³ BALTAZAR, Tiago Apolinário – Fátima: a expressão de um culto. *Agência Ecclesia*. Semanário de atualidade religiosa. Moscavide, 2010, p. 75.

⁴ FERREIRA, António Matos – As aparições de Fátima. In *Memórias de Portugal: o milénio português*. Coord. Geral Roberto Carneiro; Coord. Cient. Artur Teodoro de Matos. [S.l.]: Círculo de Leitores, 2001, p. 498.

projeto nacional de restauração católica. A tudo isto, havia a acrescentar a entrada direta de Portugal no teatro europeu da Grande Guerra, a partir de 1916, que veio arruinar a já frágil situação portuguesa. A fome, o desemprego e o aumento do custo de vida provocavam uma miséria geral, sendo a violência da Grande Guerra vivida no quotidiano por esta população. Foi neste quadro que Fátima se encontrou enquadrada. Como nos diz ainda Tiago Apolinário Baltazar,

“Assim se explica que Fátima se venha a tornar, nos anos que se seguirão, quer um ponto de reafirmação identitária e Portugal como um país «verdadeiramente» católico e de vertente missionária, quer como um ponto de encontro entre a religiosidade popular e as esferas hierárquicas e doutrinárias da Igreja católica. De certa forma, é através de Fátima que o catolicismo português se reencontrará consigo próprio, «recompondo-se» agora por e através desta, favorecendo a sua «unificação e uniformização» numa causa comum – a expressão do culto da Virgem Maria”⁵.

Numa época em que as estruturas eclesiais se encontravam fragilizadas, o povo crente, através de manifestações de religiosidade popular, como forma de resistência e mobilização das populações, viria a aderir ao acontecimento de Fátima, embora nem todos o seguiriam com a mesma devoção. A hierarquia mostrava-se relativamente prudente, pelo menos em público, em relação às “aparições”, até porque somente a partir de 1922 o Bispo de Leiria ordenou as averiguações canónicas que viriam dar origem ao seu reconhecimento oficial e ao respetivo culto em 1930. Se por um lado podemos dizer que o referido processo de inquérito tardou a iniciar-se, por outro poderemos perceber que tal demora não impediu que, na prática, o culto popular de Fátima crescesse e fizesse o seu caminho sob o olhar atento das autoridades eclesiais e o empenho direto de alguns membros da hierarquia católica. O período de 1917-1930 foi entendido como “um verdadeiro polo da «restauração católica»,

⁵BALTAZAR, Tiago Apolinário – Fátima: a expressão de um culto. *Agência Ecclesia*. Semanário de atualidade religiosa. Moscavide, 2010, p. 76.

produtora, directa ou indirectamente, de um discurso de cariz «católico nacionalista, anti-republicano e anti-ateista»⁶.

Fátima ia-se tornando progressivamente num ponto de referência central para o catolicismo português. O culto de Fátima, apesar das reticências públicas, nunca sofreu qualquer nível de oposição da hierarquia católica. Lembremos o papel decisivo que o episcopado nacional teve na afirmação de Fátima, assim como o próprio Vaticano. Recordemos Pio XI e a distribuição de estampas de Nossa Senhora de Fátima, em 1929, aos alunos do Colégio Português, em Roma; Pio XII que se empenhou na promoção e definição do culto da Virgem e que em 1942 consagrou o Mundo ao Imaculado Coração de Maria, indo, a partir dos anos 50, o Santuário a ganhar um novo e decisivo impulso com as visitas de João XXIII, em 13/05/1956; Paulo VI a 13/05/1967; João Paulo II a 13/05/1982 e 13/05/1991, cuja devoção a Nossa Senhora de Fátima foi um ponto fulcral no reforço e consolidação identitária do catolicismo português na devoção à Virgem de Fátima, e por fim Bento XVI em 2010.

De espaço e referência frequentemente configurado à devoção popular, na realidade “com a democratização do país, Fátima torna-se claramente o centro da dinamização pastoral e um púlpito com eco mundial”⁷, como refere o historiador Matos Ferreira, já citado.

⁶ *Ibidem*, pp. 78-79.

⁷ FERREIRA, António Matos – As aparições de Fátima. In *Memórias de Portugal: o milénio português*. Coord. geral Roberto Carneiro; Coord. cient. Artur Teodoro de Matos. [S.l.]: Círculo de Leitores, 2001, p. 499.

Metodologia

Para suporte a esta realidade, procurámos fazer um levantamento das iniciativas que, contemporâneas deste fenómeno, terão surgido com vontade de responder, no campo católico, aos desígnios da Mensagem de Fátima. Assim, foram aparecendo Associações e Movimentos de Voluntariado católico e Congregações Religiosas, contemporâneos das aparições uns, sendo que outros se foram constituindo ao longo dos tempos, respondendo ao apelo cristão: “Eis-me aqui a favor dos outros”⁸.

O espírito laical, congregado em Associação, surgiu no ano de 1924 com a “Associação de Servitas de Nossa Senhora de Fátima”, Movimento de voluntariado católico na esteira do fenómeno de Fátima.

Alguns anos mais tarde emergiu uma outra realidade, inspirada numa liga de piedade, caridade e apostolado que se denominou “Ala do Santíssimo Rosário”, criada pelo cónego Manuel Nunes Formigão, na diocese de Santarém, e que viria a dar origem ao “Movimento da Mensagem de Fátima”.

Quanto às Congregações religiosas, tenhamos em conta que, dado o contexto político que se vivia, dificilmente se poderia esperar que se viessem fixar no imediato, em Fátima, mesmo após 1930, data da oficialização do culto. Passaram alguns anos até que, de forma explícita, isso se concretizasse.

As primeiras Congregações religiosas que se estabeleceram na Cova da Iria, foram duas Instituições que tiveram por fundadores dois católicos portugueses, pessoas que cedo se ligaram aos acontecimentos de Fátima, Luiza Andaluz e o cónego Manuel Nunes Formigão, que lhes deram crédito e tudo fizeram para que nessas fundações se

⁸ BUENO DE LA FUENTE, Eloy – *A Mensagem de Fátima. A Misericórdia de Deus: O Triunfo do Amor nos Dramas da história*. Fátima: Santuário de Fátima, 2013, p. 215.

pusse em prática a Mensagem que a Senhora do Rosário terá transmitido aos pastorinhos.

Vivendo na mesma cidade ribatejana, Santarém, e dada a sua proximidade na prossecução de uma ação de cariz socio-caritativo, estes dois protagonistas colocaram-se na mesma senda do interesse por Fátima e sua Mensagem. Durante bastante tempo acarinharam um projeto que resultasse na fundação de uma família religiosa. O grupo constituiu-se e teve o seu desenvolvimento na cidade de Lisboa durante alguns anos, tendo razões de vária ordem determinado uma cisão, dando depois origem a duas Congregações religiosas com espiritualidades distintas, mas ambas bem entrosadas na Mensagem de Fátima.

O grupo de Luiza Andaluz recebeu o nome de “Servas de Nossa Senhora de Fátima”, estas, por carisma, mais votadas a uma vida apostólica ativa; o outro grupo, seguindo o cónego Manuel Nunes Formigão, assumiu-se como Congregação das “Irmãs Reparadoras das Dores de Nossa Senhora de Fátima”, cujo carisma se encontrava mais votado à reparação-contemplação. Com a sua fixação em Fátima, pelos anos 30, as duas Congregações entregavam-se a trabalhos e atividades que o Santuário dinamizava. Mais tarde surgiram outras Congregações, nacionais umas e estrangeiras outras, que vieram colocar-se no mesmo espírito, atraídas pelo culto de Maria e pela Mensagem que dali emana.

Esquema

Para atingir os objetivos enunciados, começaremos, na primeira parte, por uma contextualização geral da época e do lugar em que ocorreram as aparições (Capítulo 1), partindo do ambiente sociopolítico internacional e nacional, bem como do momento que

se vivia, em especial, nesta região da extinta diocese de Leiria. No capítulo 2, faremos uma abordagem sobre o “Acontecimento” de Fátima; como foi esta localidade palco deste insólito acontecimento que iria ser conhecido através dos diversos meios, imprensa, testemunhas oculares e presenciais e mais tarde determinados cronistas, refletindo no capítulo 3 sobre a questão que se poderá colocar: estaríamos perante um fenómeno de religiosidade popular ou lugar e oportunidade para um catolicismo em reconstrução? Aqui o nosso discurso pretende colocar em destaque que as aparições de Fátima não podem deixar de ser analisadas no contexto de uma antinomia entre uma religiosidade popular e uma religiosidade institucional decretada e promovida pela hierarquia católica.

Na segunda parte - Fátima e a dinâmica do catolicismo - faremos uma reflexão sobre esta realidade, como terá sido ela veículo de transição e movimento de mudança, iniciando com a análise de “ Fátima no plano eclesial nacional e mundial” (Capítulo 1), para num segundo momento verificarmos como se processou “a restauração da Diocese de Leiria e a nomeação do novo bispo” assim como a sua eventual ligação às aparições de Fátima (Capítulo 2). No capítulo 3, abordaremos a questão que porventura se colocou e/ou poderá colocar-se sobre este local: tratar-se-á ou tratou-se de “Lugar de peregrinação ou romaria?”, refletindo de seguida sobre o modo como se terá processado a “Evolução e mecanismos de propagação de Fátima” e como Fátima se afirmou progressivamente com dimensão mundial (Capítulo 4). Por último, partindo de uma interrogação expressa pelos videntes e que terá sido colocada por Nossa Senhora: “Quereis oferecer-vos a Deus? Sim queremos!...” abordaremos de forma breve alguns traços dessa tentativa de concretização (Capítulo 5).

Entraremos finalmente na terceira parte (Fátima e sua implicação no catolicismo português), que consideramos o ponto nuclear deste nosso trabalho. Tratando-se de um

universo bastante dilatado aquele em que nasceu e/ou partilha o carisma da Mensagem de Fátima, cingir-nos-emos a determinadas realidades pelo seu envolvimento singular. Para tanto, tivemos em atenção duas realidades de âmbito laical (Associação de Servitas de Nossa Senhora de Fátima e o Movimento da Mensagem de Fátima) e duas Congregações que foram contemporâneas da época das aparições (Servas de Nossa Senhora de Fátima e Reparadoras de Nossa Senhora das Dores de Fátima), que desenvolvem a sua ação em Portugal, surgindo esta última como separação do Ramo Reparação, em 1934, da primeira.

Por fim, indicamos que este trabalho seguirá a ortografia conforme ao Novo Acordo Ortográfico, mantendo a ortografia original, quando se tratar de citações.

I – Contextualização

1. A época e o lugar

1.1. Panorama internacional

O século XX acentuou na Europa Ocidental tendências que deram origem à laicização do Estado e secularização da sociedade. A acentuação destes processos deve ser compreendida à luz do inovador quadro político, económico-social e cultural oitocentista.

Tal quadro foi marcado pela difusão de um amplo movimento filosófico, herdeiro do Iluminismo, que rejeitou a tutela da religião e reivindicou o direito de submeter toda a realidade ao exame prévio da razão.

Foi também caracterizado pela Revolução Francesa de 1789, que exportou depois para quase toda a Europa uma conceção liberal e laica de organização política e social. Por outro lado, foi ainda diferenciado pela deflagração das revoluções industriais e dos transportes, que aceleraram os fenómenos da urbanização e da mundialização, proporcionaram um enorme crescimento demográfico, alteraram radicalmente os sistemas tradicionais de produção e do trabalho e conduziram a novos modos de vida, com conseqüente indiferença crescente das sociedades pela crença na religião e questionamento do lugar das igrejas na vida pública.

Essa indiferença originou uma profunda rutura dos hábitos individuais e coletivos tradicionais que eram, até então, sustentados por uma moral católica, surgindo uma organização política centrada no indivíduo, enquanto cidadão livre e autónomo relativamente a qualquer tutela religiosa.

1.2. Portugal

Portugal, não obstante as especificidades próprias, veio a refletir de algum modo esta conjuntura europeia.

A Revolução de 1820 intensificou decididamente as hostilidades contra as estruturas que ainda perduravam do Antigo Regime, que tinha como uma das instituições baluarte a Igreja católica. Esta revolução, assim como as diversas experiências liberais monárquico-constitucionais que se seguiram, contribuíram de modos diversos para a implantação de ideias e movimentos modernos que influenciaram as elites intelectuais, remodelaram a mentalidade e a orgânica social e transformaram o sistema político e a organização económica do território nacional: o liberalismo, a democracia, o capitalismo industrial e financeiro, as diferentes concepções socialistas, o republicanismo, o laicismo, o anticlericalismo, o positivismo, o realismo, etc.

Estas transformações deram origem no nosso país a um longo confronto entre uma Igreja tradicional, avessa aos valores essenciais da modernidade, saudosista do tempo em que condicionava e até monopolizava o poder político e ideológico e um Estado laico, liberal e anticlerical que pretendia retirar à instituição religiosa o seu domínio histórico sobre os cidadãos, desejando instaurar um regime político não confessional ou laico e uma sociedade secularizada. Tal conflito ganhou um carácter mais intenso depois da Revolução republicana, proclamada em 5 de outubro de 1910 e, sobretudo, com a aprovação da Lei da Separação do Estado das Igrejas (abril 1911).

No entanto, o radicalismo com que se pretendeu implementar a mudança de padrão social, nomeadamente, tomando a Igreja como inimigo, veio fazer com que a prática não correspondesse à teoria. Como nos diz José Miguel Sardica,

“O regime republicano cedo se revelou uma realidade desfocada face à nação que tinha de governar: limitado, à direita, pela ameaça da contra-revolução, e à esquerda pela ameaça da revolução social, o seu apoio veio sempre de uma minoria, quase

exclusivamente urbana (lisboeta) e pequeno-burguesa, e por isso mesmo geográfica e sociologicamente isolada, num país estruturalmente ruralista, conservador e católico”⁹.

Desta forma, os primeiros anos da I República foram marcados pela instabilidade de sucessivos governos, golpes de estado, tentativas de ditaduras, greves, divisões e lutas civis entre as várias cisões do Partido Republicano (democráticas, evolucionistas, unionistas) e outros movimentos monárquicos, socialistas e até anarquistas.

O povo que até então tinha contestado o descontrolo das instituições do governo da Nação, ia compreendendo que a sua situação não tinha melhorado com a mudança de regime. As promessas de desenvolvimento não eram cumpridas, a paz democrática era apenas uma miragem, com guerrilhas políticas tanto no plano nacional como local, e assim a vida continuava difícil e sem que se vislumbrasse um horizonte de esperança para essa gente, analfabeta e sem voz, que constituía a maioria da população.

A tudo isto, havia que juntar a conjuntura internacional que se mostrava pouco favorável. A Europa conhecia a Primeira Grande Guerra, na qual também Portugal participou diretamente no teatro europeu a partir de 1916, agravando a situação interna, provocando uma carestia de nível de vida e fome nas populações mais pobres. Nesta conjuntura, a Primeira República atravessava em 1917 o seu pior ano, como refere ainda José Miguel Sardica,

“quer por causa dos pesados custos económico-sociais da participação portuguesa na Primeira Guerra Mundial, quer por causa do crescente sentimento de divórcio entre o regime e o País [...]. Neste cenário, e embora os piores anos da chamada «questão religiosa» tivessem passado [...] as aparições de Fátima vieram remexer e reacender o foco de conflito e o confronto de mentalidades e ideologias vivido entre crentes e não-crentes, ou seja, entre católicos (na oposição) e laicistas anticlericais (no poder)”¹⁰.

⁹ SARDICA, José Miguel – Sociedade Portuguesa. In AZEVEDO, Carlos A. Moreira; CRISTINO, Luciano (Coords.), *Enciclopédia de Fátima*. Estoril: Principia, 2007, p. 543.

¹⁰ *Ibidem*, Estado e Fátima. In *Enciclopédia de Fátima*, p. 191.

Na verdade, juntando a constante instabilidade política depois de 1910 à débil situação económica e financeira herdada dos últimos anos da monarquia, em que a agricultura se encontrava num estado lamentável e a indústria ainda pouco desenvolvida, a entrada de Portugal na guerra veio a agravar a inflação, o desemprego, a falta de condições de higiene e salubridade, a mortalidade proveniente das epidemias, a fome e a miséria de um povo já de si depauperado.

Também as notícias que iam chegando das mortes acontecidas no mal preparado exército português semeavam a dor em muitos lares que tinham assistido à partida de familiares seus para os campos de batalha.

Com todo este cenário, o descontentamento social era enorme, multiplicavam-se as greves, as contendas, os assaltos a estabelecimentos comerciais e todo o tipo de manifestações de oposição à “República afonsista”, abrindo o caminho para o sucesso da revolta de Sidónio Pais, que teve lugar em dezembro de 1917¹¹.

1.3. A região de Fátima

Os fenómenos acontecidos em Fátima, aparições marianas, também conhecidas por “mariofanias”¹², tiveram como palco privilegiado a Cova da Iria.

O local era, por esta altura, ano de 1917, no dizer de Luís Filipe Torgal, uma “obscura colina, árida, inabitada e inculta, situada num planalto irregular, nos contrafortes da Serra de Aire, onde emergiam pequenas e ancestrais povoações”¹³. Refere a Irmã Lúcia que “Se houvesse de ser escolhido pelos homens, teria sido o primeiro a ser rejeitado”¹⁴.

¹¹ *Ibidem*, Sociedade Portuguesa, In *Enciclopédia de Fátima*, pp. 542-545.

¹² BUENO DE LA FUENTE, Eloy – *A Mensagem de Fátima. A Misericórdia de Deus: O Triunfo do Amor nos Dramas da história*. Fátima: Santuário de Fátima, 2013, p. 19.

¹³ TORRAL, Luís Filipe – *As aparições de Fátima: Imagens e representações*. Lisboa: Temas e Debates, 2002, p. 63.

¹⁴ LÚCIA, Irmã – *Como vejo a Mensagem através dos tempos e dos acontecimentos*, 2ª edição, Fátima: Indugráfica, 2007, p. 13.

A aldeia de Fátima, paróquia anexa ao patriarcado de Lisboa desde a extinção da diocese de Leiria, em 1882, ficava a cerca de dois quilómetros de distância e era sede de uma freguesia do concelho de Vila Nova de Ourém, distrito de Santarém.

Esta aldeia distava cerca de 10 quilómetros da sede do concelho, aproximadamente 23 quilómetros de Leiria e 125 quilómetros de Lisboa. Na verdade, embora pertencesse ao concelho de Vila Nova de Ourém, Fátima estabelecia mais ligações com a cidade de Leiria, do que com a sua sede de distrito, a mais de sessenta quilómetros.

A região que envolvia o sítio onde iria nascer o futuro Santuário era humilde, agreste e inhóspita, não constituindo por isso um centro de atração. O clima era húmido e ventoso e o relevo muito acidentado. O solo era calcário e demasiado seco, não obstante chovesse intensamente no inverno, sem grandes cursos de água e muito rochoso. Não era muito fértil para as atividades agrícolas que, apesar disso, ocupavam a população ali residente.

De facto, apesar de todas estas circunstâncias adversas, as gentes desta região viviam da prática de uma economia agro-pastoril de subsistência, que tinha como pano de fundo suor e muito esforço. Da terra, os esforçados agricultores colhiam algum azeite, figo, vinho, batatas, trigo, aveia, milho, centeio, abóbora, feijão e hortaliças.

O pastoreio de ovelhas e cabras era o complemento de uma agricultura de sequeiro, rudimentar e precária, sendo os rebanhos quase sempre apascentados por crianças entre os 6 aos 12 anos, ou então por idosos, uma vez que as pessoas válidas eram necessárias para as tarefas mais pesadas do campo.

Mal nutrida, já que “a alimentação era frugal, pouco variada, dependendo quase exclusivamente daquilo que a terra produzia”¹⁵, e com as poucas condições higiénicas

¹⁵ ABRANTES, Joaquim Roque; PINTO, Manuel Serafim; CARVALHO, Maria Palmira – *Aljustrel: uma aldeia de Fátima. O passado e o presente*. Fátima: Santuário de Fátima, 1993, 22; pp. 268-273.

em que vivia, a população era sujeita a vagas de epidemias que frequentemente assolavam o país. A assistência médica era muito limitada, sendo o acesso a tratamentos e medicamentos muito difícil à maioria da população, razão pela qual a taxa de mortalidade infantil e juvenil era bastante elevada. Assim no-lo relatam os autores de um estudo monográfico sobre Aljustrel:

“O médico só era chamado em momentos de desespero, quando algum doente estava em perigo de vida e mais ninguém sabia o que fazer. De resto, também era difícil encontrar socorro clínico porque no primeiro quartel do século, existia apenas um médico na sede do concelho”¹⁶.

Não esqueçamos que os dois pequenos pastores, Jacinta e Francisco, morreram precocemente, vítimas da pneumónica, com 9 e 10 anos, respetivamente.

A mentalidade destas comunidades adequava-se a esta vida quotidiana e difícil, vivida ao ritmo do cultivo dos campos, o pastoreio dos rebanhos e das atividades domésticas, neste caso atribuídas às mulheres.

Os sentimentos, a sua forma de pensar, seriam o esteio de uma vida quotidiana difícil, pelo isolamento da região a que se tinha acesso apenas por caminhos estreitos e pedregosos e por uma única estrada sinuosa que ligava a sede do concelho a Fátima e depois se iria prolongar até à vila da Batalha.

A dependência dessas gentes dos fenómenos climáticos, o estado de analfabetismo generalizado que atingia boa parte da região e nomeadamente dos habitantes da freguesia de Fátima, bem como o aparente desconhecimento das realidades emergentes nos centros urbanos, onde entretanto se difundia o espírito laico, anticlerical e mesmo antirreligioso, contribuíram para a fervorosa devoção do povo.

¹⁶ *Ibidem*, p. 279.

2. O “Acontecimento”

A Cova da Iria, lugar nas imediações da aldeia de Fátima, entre 13 de maio de 1917 e 13 de outubro desse mesmo ano, foi palco de acontecimentos insólitos, conhecidos através dos diversos meios, imprensa, testemunhas oculares e presenciais e mais tarde determinados cronistas, com o nome de “aparições marianas”.

Três pequenos pastores, Lúcia de 10 anos e os primos Francisco de 9 e Jacinta de 7 anos de idade, foram os protagonistas deste fenómeno, que haveria de irromper pelo mundo. Afirmavam terem visto naquele dia 13 de maio, pela primeira vez, “sobre uma carrasqueira, uma Senhora, vestida de branco, mais brilhante que o sol, espargindo luz”¹⁷, como refere a Irmã Lúcia, que lhes parecia ter vindo do céu e do cimo da qual lhes falava.

Como se encontra no interrogatório do P. Manuel Marques Ferreira, pároco de Fátima nessa época, a Lúcia de Jesus Santos sobre a primeira “aparição”, essa “Senhora” teria pedido para ali voltar “todos os mezes até fazer seis messés”¹⁸ e que no fim diria o que queria. “E depois de tudo isto abalou pelo ar acima”¹⁹.

Lúcia diz ainda, ao serem interrogados pelo pároco de Fátima, que quando pastoreavam os seus rebanhos na Cova da Iria,

“viram um relâmpago, levantaram-se e começaram a juntar as ovelhas para se irem embora com medo, depois viram outro relâmpago, depois viram uma mulher em cima de uma carrasqueira, vestida de branco, nos pés meias brancas, saia branca dourada, casaco branco, manto branco, que trazia pela cabeça, o manto não era dourado e a saia era toda dourada a atravessar, trazia um cordão d’ouro e umas arrecadas muito

¹⁷ LÚCIA, Irmã – *Memórias da Irmã Lúcia*, compilação do padre Luís Kondor e introdução e notas do padre Joaquín M. Alonso e do padre Luciano cristino, 8ª edição, Fátima: Secretariado dos Pastorinhos, 2000, vol. I, p. 161.

¹⁸ SANTUÁRIO DE FÁTIMA – *Documentação Crítica de Fátima*, Vol. I, Doc. 1, Fátima, 2013, p. 28.

¹⁹ *Ibidem*, Doc. 1, Fátima, 2013, vol. I, p. 29.

pequeninas, tinha as mãos erguidas e quando falava alargava os braços e mãos abertas”²⁰.

Do mesmo modo, essa “Senhora” disse: “ não tenhais medo. Eu não vos faço mal”²¹, adianta a Irmã Lúcia nas suas *Memórias*.

Se a situação geográfica do lugar, o seu isolamento, não permitiu a difusão imediata do evento na imprensa regional e até nacional, no entanto, a sua expansão começou logo a verificar-se naquela região da Serra de Aire, despertando a curiosidade daquela gente rural. A sua educação tradicional era de tal ordem que facilitava uma forte predisposição para aderir de forma entusiástica e acrítica a fenómenos maravilhosos, que lhe proporcionavam uma nova esperança para o seu difícil dia-a-dia, tão marcado pela miséria e pelo terror da guerra. Estávamos em plena Grande Guerra (1914-1918) e chegavam os primeiros ecos da presença portuguesa.

A história rapidamente se transformou num problema para os pais dos três pastores, que lhes exigiam, mas sem sucesso, a confissão da mentira, que configurava um grave pecado moral e social na escala de valores do povo mais simples. O assunto viria a tornar-se mais complicado com o súbito crescimento do número daqueles que afirmavam acreditar neles e os questionavam constantemente acerca dos pormenores de tal evento.

Já no mês seguinte terão assistido ao insólito espetáculo algumas dezenas de curiosos, sobretudo provenientes da freguesia de Fátima.

No entanto, foi a partir da terceira “aparição”, a 13 de julho de 1917, que o caso transpirou para a imprensa e a polémica nacional começou a desenvolver-se em torno do assunto. Foi nesta “aparição” que a “Senhora” terá pedido: “rezem o terço a Nossa

²⁰ *Ibidem*, Doc. 1, Fátima, 2013, vol. I, p. 28.

²¹ LÚCIA, Irmã – *Memórias da Irmã Lúcia*, compilação do padre Luís Kondor e introdução e notas do padre Joaquín M. Alonso e do padre Luciano cristino, 8ª edição, Fátima: Secretariado dos Pastorinhos, 2000, vol. I, p. 161.

Senhora do Rozario que abrande a guerra que só ela é que lhe pode valer”²², conforme consta do interrogatório do pároco de Fátima, a Lúcia e a Jacinta, sobre as aparições de Julho.

Com a entrada em cena da imprensa, terá surgido um problema para as autoridades locais, a quem a República incumbia de proibir qualquer manifestação religiosa pública. Também, a nível local, o pároco tentou evitar a sua expansão e as suas consequentes complicações.

Com o evoluir da situação, em agosto, o administrador de Ourém, Artur de Oliveira Santos, pretendendo acabar com as especulações em volta deste fenómeno e ao mesmo tempo estancar as manifestações públicas de culto religioso na Cova da Iria, deslocou-se a casa dos pais dos videntes, onde os interrogou e, com a desculpa de lhes querer prestar mais segurança na sua deslocação ao local das “aparições”, levou-os diretamente para a sede do Concelho, onde os deteve durante dois dias, em sua própria casa²³, como refere o pároco de Fátima, P. Manuel Marques Ferreira. Haveria também de encontrar forma de tentar afastar as multidões por outros expedientes, mais ou menos violentos, mas a onda de adesão a este fenómeno não parou de aumentar. Já na presença de milhares de pessoas, em setembro, tudo se repetia, afirmando os pastorinhos que haveria um milagre para que todos acreditassem, pelo que a mesma “Senhora” vestida de branco pedira que ali voltassem no dia 13 de outubro porque, ”para o último dia ha-de-vir S. José dar a paz ao mundo e Nosso Senhor dar a benção ao povo”²⁴, conforme se lê no interrogatório feito a Lúcia pelo pároco de Fátima sobre a aparição desse mês.

Foi sobretudo a partir de 13 de outubro que o assunto se tornou notícia privilegiada nos periódicos nacionais, com a despedida da “visão”. Milhares de pessoas

²² SANTUÁRIO DE FÁTIMA – *Documentação Crítica de Fátima*, Doc. 3, Fátima, 2013, vol. I, p. 32.

²³ *Ibidem*, Doc. 31, Fátima, 2013, vol. I, p. 253.

²⁴ *Ibidem*, Doc. 5, Fátima, 2013, vol. I, p. 40.

afirmavam ter presenciado o “bailado do sol”²⁵, isto é, o sol a “bailar” a mudar de cores e a apresentar-se de uma forma nunca vista e até inexplicável para a ciência.

Importa recordar e reter que tanto para crentes como para não crentes, este foi um facto que marcou o início do século XX, tanto a nível social, como político e sobretudo religioso. Como refere António Matos Ferreira,

“As aparições de Fátima, em 1917, marcam de forma determinante a experiência católica e a realidade portuguesa. Os acontecimentos e a sua mensagem desencadearam novas referências e novos conteúdos para a experiência cristã, impulsionaram diversas reacções no universo mental e nas práticas sociais, com impacte no conjunto da Igreja católica e da sociedade geral”²⁶.

²⁵ *O Mensageiro*, 25 de Outubro de 1917, ano IV, nº. 159, p. 1.

²⁶ FERREIRA, António Matos – As aparições de Fátima. In *Memórias de Portugal: o milénio português*. Coord. Geral Roberto Carneiro; Coord. Cient. Artur Teodoro de Matos. [S.l.]: Círculo de Leitores, 2001, p. 498.

3. Religiosidade popular ou catolicismo em reconstrução?

Frequentemente se considerou ou procurou classificar os acontecimentos e o mecanismo que se desenvolveu em Fátima como expressões próprias da chamada “religiosidade popular”. O termo “popular” tinha, sobretudo até finais do século passado, uma conotação pejorativa, um significado grosseiro e vulgar²⁷, refere o sociólogo da religião José Lima. Também neste vocábulo se encontrava uma conotação de opressão, sinónimo de “grupo oprimido”. Mas, com a aplicação deste termo à “religiosidade”, encontramos um significado preciso, embora não se rejeite essa ligação depreciativa de opressão, de miséria. No entanto, no tempo presente, refere o aspeto quantitativo de incidência social: Igreja popular, uma Igreja de massas, ou seja, Igreja de multidão.

José Lima sugere diversas definições. Assim:

“A religiosidade popular é a forma como o povo expressa a sua visão da vida e a sua relação com o sagrado, através de uns ritos, uns símbolos e uns comportamentos. [...] Conjunto de mediações ou expressões de todo o tipo, mas nas quais um sujeito, que neste caso é o povo, vive a sua atitude ou a sua relação religiosa”²⁸.

E ainda,

“A religiosidade popular é como uma grande árvore que brota do «modelo oficial» da Igreja-instituição, não em contraste com esta, mas como livre-comportamento, existencialidade vivida, [...] não é uma categoria em si, [...] é antes a religião institucional que varia segundo os diferentes ambientes [...]. A «religião oficial», misturando-se com eles, engendra o fenómeno da «religiosidade popular»”²⁹.

²⁷ LIMA, José da Silva – Religiosidade Popular. In AZEVEDO, Carlos A. Moreira (Dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Lisboa: Círculo de Leitores, 2000, p. 108.

²⁸ *Ibidem*, p. 108.

²⁹ *Ibidem*, p. 108.

O catolicismo popular surge assim como uma forma de pertença religiosa inseparável da cultura popular, que consiste em manifestar publicamente a sua vinculação à Igreja, sobretudo em momentos de grande importância da vida, tanto pessoal como familiar.

A religião, mais do que a soma de todo um cem número de histórias pessoais, é uma autobiografia de todo um povo. Ela está, por vezes, misturada de superstição e de tradição. Vejamos que, para os crentes, a busca de Deus e a relação com Ele, não se processa de igual modo em toda a parte. Tendo presente que o sentido é o mesmo, no entanto as formas para se chegar a Deus são várias, as quais espelham as sensibilidades dos povos de cada cultura.

Em concreto e segundo o teólogo Leonardo Boff, “não se consideram como religiosidade popular as vivências da fé que não se manifestam, ou se manifestam pouco, em mediações”³⁰. De facto, a religiosidade popular não é conforme a uma fé intelectual, pois ela não alcança o divino por um salto intelectual, mas busca-o, pressente-o no concreto, na cerimónia, no objeto, no ambiente. Ela recebe do catolicismo oficial as doutrinas fundamentais, ou seja, vive a partir das propostas do Magistério da Igreja. Mas, de tudo isto, deveremos ter em conta que também ao longo da história da Igreja, o Magistério se dispôs a aceitar determinadas manifestações ancestrais de piedade popular que sempre tiveram algo de híbrido entre cristianismo e paganismo: vejamos os Santos populares, oriundos das festas da primavera, ou ainda, o Natal que veio substituir as festas romanas do *Sol invicto*. Face ao que se disse, sugere ainda José Lima que

“a religiosidade popular possa ser entendida como um conjunto de comportamentos, ritos e gestos religiosos de um povo, [...] que [...] manifestam, por um lado, a sua

³⁰ *Apud* CLEMENTE, Manuel, bispo – *A fé do povo: compreender a religiosidade popular*. Lisboa: Paulus, 2013, p. 19.

relação e abertura ao divino, e por outro, a sua contextura sociocultural portadora de elementos étnicos e de «desvios» inconscientes”³¹.

A entrega às práticas religiosas por parte da população residente naquela região de Fátima, encontrava o seu núcleo no tradicional calendário das festividades religiosas de sentido cristão e popular, que se mantinha a todos os níveis. As celebrações católicas institucionais do Natal, da Quaresma, da Páscoa, da Ascensão, do Corpo de Deus, do Sagrado Coração de Jesus e da Imaculada Conceição, bem como as romarias dos santos populares de veneração local, como a Senhora das Candeias, Nossa Senhora dos Prazeres, Santa Quitéria, Santo António, Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora da Ortiga³², permitiam “exorcizar os males, fertilizar a terra e regenerar os homens”³³, como refere Luis Filipe Torgal.

Não obstante as insistentes campanhas anticlericais e secularistas dos finais do século XIX e princípios do século XX, são inúmeros os testemunhos de que a grande maioria das pessoas permanecia fiel à religião católica, com práticas diárias de oração, tais como: a reza do terço nos serões em família, a frequência regular dos sacramentos da Penitência e da Eucaristia. Ao verificarmos o relato que faz dos seus interrogatórios aos videntes, a 27 de setembro de 1917, o cônego Manuel Nunes Formigão³⁴ refere sobre a família de Lúcia que

“A mãe, typo da mulher christã, e da boa dona de casa, entregue às lides domésticas, procurou sempre inspirar aos filhos o santo temor de Deus e levá-los ao cumprimento de todos os seus deveres moraes e religiosos”³⁵.

³¹ LIMA, José da Silva – Religiosidade Popular. In AZEVEDO, Carlos A. Moreira (Dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Lisboa: Círculo de Leitores, 2000, p. 110.

³² O santuário de Nossa Senhora da Ortiga fica situado a cerca de dois quilómetros de Fátima.

³³ TORGAL, Luís Filipe – *As aparições de Fátima: Imagens e representações*. Lisboa: Temas e Debates, 2002, p. 65.

³⁴ Nascido a 1 de Janeiro de 1883, fez estudos no Seminário de Santarém até 1903, tendo-se doutorado na Universidade Gregoriana de Roma em Teologia e Direito Canónico. Foi um dos padres que acompanharam mais de perto todo o processo de Fátima e um dos principais autores sobre o assunto, utilizando o pseudónimo de *Visconde de Montelo*.

³⁵ SANTUÁRIO DE FÁTIMA – *Documentação Crítica de Fátima*, Doc. 7, Fátima, 2013, vol. I, p. 70.

Do mesmo modo, nos interrogatórios do padre Lacerda³⁶, a 19 de outubro de 1917, os três pequenos pastores referem que iam todos os domingos à missa, sendo que por vezes o faziam durante a semana, e que rezavam o terço todos os dias³⁷. Também o relatório da *Comissão Canónica*, de 13 de abril de 1930, nomeada pelo bispo de Leiria para trabalhar o processo que conduziria ao reconhecimento das aparições, começa pela caracterização das famílias dos pastorinhos, mencionando que “as crianças possuíam uma instrução religiosa muito rudimentar, tendo só a Lúcia feito a sua primeira Comunhão” e que “a devoção mais querida naquela região é a recitação do terço do Rosário”, ou ainda que “é rara a família, cujo chefe, à noite, depois da lida dos campos, não reze o terço juntamente com os seus, antes da ceia, que é a refeição principal”³⁸.

Outros autores poderiam ser citados, nomeadamente José Galamba de Oliveira³⁹, que puderam atestar a enraizada devoção destas populações. Por tudo isto, podemos considerar a existência, ao tempo, de uma estreita relação de causalidade entre o meio físico descrito, onde se enquadrava o lugar da Cova da Iria, e a expressão religiosa da população desta região.

No entanto, o catolicismo vinha impregnando a sociedade portuguesa, sendo que as correntes secularizadoras se limitavam a setores minoritários, intelectuais e urbanos, enquanto a população, especialmente a rural, vivia ao ritmo das celebrações e devoções tradicionais. Disto nos fazem eco as *Memórias* de Lúcia refletindo a prática religiosa do

³⁶ José Ferreira de Lacerda, nascido a 23 de Abril de 1881, cónego, militar, jornalista, fundou *O Mensageiro*, o mais antigo semanário do distrito de Leiria

³⁷ SANTUÁRIO DE FÁTIMA – *Documentação Crítica de Fátima*, Doc. 47, Fátima, 2013, vol. I, pp. 312-325.

³⁸ *Ibidem*, Doc. 9, Fátima, 1999, vol. II, p. 161.

³⁹ Nascido a 4 de Fevereiro de 1903, na freguesia do Olival, concelho de Ourém, fez os seus estudos no Seminário de Santarém. Estudou na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, concluindo o doutoramento em Filosofia em 1922 e o bacharelato em Teologia e Direito canónico. Sacerdote da diocese de Leiria, foi um dos padres que procurou estudar e divulgar os acontecimentos da Cova da Iria e a mensagem de Fátima, através de artigos, ensaios e obras (*Fátima à prova*, *Jacinta*, *História das Aparições*), tendo mais tarde (1947-1948) acompanhado a imagem da Virgem Peregrina à América do Norte, ao mesmo tempo que assumia a presidência nacional do Exército Azul (atual Apostolado Mundial de Fátima).

seu ambiente, com as devoções católicas a dominarem a vida religiosa: ao Papa, à Virgem, à Eucaristia, ao Sagrado Coração de Jesus e ao Coração de Maria.

Apesar de tudo isto, estávamos em presença do que alguns teólogos consideram “um catolicismo muito elementar, que podia ser catalogado de fetichista, profundamente ignorante dos conteúdos centrais da fé”⁴⁰, não muito preparado para aceitar as mudanças profundas que se iam produzindo na sociedade portuguesa. Era mais o hábito do que o sentimento, até porque se encontravam numa situação em que o clero, dada a sua inconstância no seu compromisso pastoral, vivia o ministério mais como um emprego do que como um serviço eclesial. Porque a Igreja era ainda reconhecida como oficial, os sacerdotes acomodavam-se, cumpriam os seus deveres mas sem entusiasmo apostólico, sem capacidade de resposta e de resistência à cada vez mais crescente propaganda anticristã.

Desde a publicação da encíclica *Rerum Novarum* de Leão XIII, em 1891, novas formas de apostolado social e religioso se vinham desenvolvendo como círculos católicos operários e estudantis. Este tipo de iniciativas viera criar as condições mínimas para que as movimentações religiosas à volta dos fenómenos de Fátima encontrassem o apoio e o eco na opinião pública maioritariamente católica, oferecendo ao mesmo tempo enorme espírito e alento a um catolicismo que pretendia consolidar-se num novo espaço sociocultural.

⁴⁰ BUENO DE LA FUENTE, Eloy – *A Mensagem de Fátima. A Misericórdia de Deus: O Triunfo do Amor nos Dramas da história*. Fátima: Santuário de Fátima, 2013, p. 69.

II – Fátima e a dinâmica do catolicismo

1. Fátima no plano eclesial nacional e mundial

Fátima emergiu do anonimato para as primeiras páginas dos jornais católicos e republicanos, nomeadamente a partir dos fenómenos de 13 de outubro de 1917, numa altura crítica, em que as autoridades políticas e administrativas evitavam a todo o custo as manifestações públicas de carácter religioso e o clero e os católicos desejavam evitar o confronto. Todo o espaço de tempo que se prolongou até 1920/1922 e que poderíamos classificar como de quase esquecimento, se distinguiu por uma conjuntura política e até eclesiástica que veio permitir uma evolução do novo culto de uma forma discreta e paulatina.

Do lado político, este período correspondeu a uma rápida ascensão e ao mesmo tempo a uma queda do sidonismo, que se caracterizou por um apaziguamento da questão religiosa. Iria prolongar-se até mesmo para além da morte de Sidónio Pais, em 1918.

Do lado eclesiástico, foi um período marcado pela restauração do bispado de Leiria que teve lugar a 17 de janeiro de 1918 e pela nomeação daquele que seria o seu novo bispo D. José Alves Correia da Silva, a 15 de maio de 1920. Tal facto teve grande preponderância pois foi este bispo que promoveu e geriu, com descrição e prudência, toda a expansão e organização do culto na Cova da Iria.

O primeiro exegeta de Fátima, o cónego Manuel Nunes Formigão, já em 1919 descreveu o local das aparições como um espaço de oração, penitência e conversão continuamente procurado, admitindo logo a seguir que o comportamento dos devotos aparecia ainda impregnado de algum paganismo e superstição. Referiu também a

construção da “Capelinha das Aparições”⁴¹ em julho de 1919, facto que marca o que poderemos considerar o início do futuro Santuário, bem como a ocorrência constante e sempre crescente de muitas pessoas vindas de todos os lados⁴², sobretudo aos domingos e dias santificados. Aludiu ainda ao ambiente de oração e às promessas cumpridas pelos peregrinos que se deslocavam de joelhos em redor da capela⁴³. Os factos iam-se sucedendo, até que surgiu na noite de 5 para 6 de março de 1922 aquele que seria o lapidar acontecimento que iria atrair mais audiências nacionais e justificaria uma intervenção mais evidente das autoridades eclesíásticas em prol de Fátima. Tratou-se do facto conhecido por “dinamitação da Capela das Aparições”⁴⁴, referido na carta enviada pelo P. Agostinho Marques Ferreira, pároco de Fátima, ao cónego Manuel Nunes Formigão, assim como no semanário católico *O Mensageiro*.

Após o atentado, o pároco de Fátima organizou, para o dia 13 desse mês, uma solene procissão de desagravo na Cova da Iria, culminando este movimento de fiéis, que ia evoluindo e assumia uma expressão cada vez mais difusa, com a celebração de 13 de maio de 1922, classificada pelo cónego Manuel Nunes Formigão como a “mais estupenda e significativa manifestação religiosa dos últimos tempos em Portugal”⁴⁵.

Segundo a imprensa católica da época, o número de peregrinos continuava a aumentar, passando os jornais a descrever as sucessivas peregrinações da Cova da Iria com regular frequência. As manifestações culturais e litúrgicas da Cova da Iria, praticadas sobretudo entre 13 de maio e 13 de outubro de cada ano, obedeciam, já em 1926, a um ritual variado que respeitava as normas oficiais, que começaram a ser

⁴¹ VISCONDE DE MONTELO – *As Grandes Maravilhas de Fátima: Subsídios para a história das aparições e dos milagres de Nossa Senhora de Fátima*. Lisboa: União Gráfica, 1927, p. 40.

⁴² *Ibidem*, pp. 48-49.

⁴³ *Ibidem*, p. 163.

⁴⁴ SANTUÁRIO DE FÁTIMA – *Documentação Crítica de Fátima*, Doc. 709, Fátima, 2005, vol. III-3, p. 303; *O Mensageiro*, 25 de Março de 1922, ano VIII, nº. 367, p. 1.

⁴⁵ VISCONDE DE MONTELO – *As Grandes Maravilhas de Fátima: Subsídios para a história das aparições e dos milagres de Nossa Senhora de Fátima*. Lisboa: União Gráfica, 1927, p. 143.

definidas desde 1922, pelas provisões, circulares e orientações do bispo de Leiria⁴⁶. Atendendo a este facto, é lícito inferir e reter que o programa litúrgico do santuário se encontrava já bem definido e implementado pela Igreja católica mesmo antes de ela declarar como dignas de crédito as aparições, permitindo oficialmente o culto a Nossa Senhora de Fátima, o que só veio a acontecer através da *Carta Pastoral sobre o Culto de Nossa Senhora de Fátima*⁴⁷, datada de 13 de outubro de 1930.

Uma questão que se nos coloca é a forma e celeridade como se difundiram as notícias das aparições de Fátima e o seu culto no país e no estrangeiro. Não podendo esquecer que os acontecimentos ocorreram num pequeno local ermo, distante e isolado, que fazia parte de um país também ele pequeno e periférico, lembremo-nos que o fenómeno das aparições de 1917, na Cova da Iria, beneficiou de uma conjuntura, interna e externa, que proporcionou a sua rápida propagação. Por um lado, a nível nacional, Portugal, como já referido, atravessava sérias dificuldades políticas e económicas; por outro, a participação na Primeira Guerra Mundial, contribuiu para agravar as já deficientes condições de subsistência da população nacional, tornando a vida nos maiores centros urbanos difícil e aprofundando a miséria e o atraso nas zonas rurais, ignoradas e abandonadas pelo poder central, onde tudo escasseava. Este contexto de crise, miséria e morte, tornava-se mais propício a um regresso a Deus e ao despertar de fenómenos sobrenaturais que confortassem a alma humana das angústias das realidades temporais. Sabendo-se que, antes de Fátima, fenómenos aparicionais semelhantes surgiram noticiados nos jornais do tempo, anunciando o fim da guerra em diversos locais do País, por que razão Fátima se impôs, enquanto outros caíram no

⁴⁶ SANTUÁRIO DE FÁTIMA – *Documentação Crítica de Fátima*, Doc. 713, Fátima, 2005, vol. III-3, p. 309; Doc. 774, Fátima, 2005, vol. III-3, p. 397; JOSÉ, Bispo de Leiria – “Recomendação do bispo de Leiria aos peregrinos”. In *Voz da Fátima*, 13 de Julho de 1924, ano II, nº. 22, p. 1.

⁴⁷ SANTUÁRIO DE FÁTIMA – *Documentação Crítica de Fátima*, Doc. 11, Fátima, 1999, vol. II, pp. 263-276.

esquecimento? Certamente não haverá uma resposta fácil. Se até 13 de outubro de 1917 a imprensa católica e o clero olhou Fátima com alguma reserva, pois, segundo José Barreto “A Igreja e os meios da «política católica» estavam bem conscientes de como uma actuação precipitada poderia pôr em risco a sua credibilidade”⁴⁸, posteriormente alguns cronistas católicos e até determinados periódicos, católicos e republicanos, iam publicando inúmeros relatos de testemunhas presenciais que descreviam e atestavam o carácter extraordinário do evento. Recordemos também que, ao longo da década de 20, a contribuição do clero e mesmo da alta hierarquia da Igreja para a propagação e consolidação do culto não pode também ser desvalorizada.

Finalmente, veja-se a evolução da posição da Santa Sé sobre Fátima que seria determinante para o êxito ou fracasso do culto. O papa Bento XV nunca se referiu objetivamente sobre o assunto, mas restaurou a diocese de Leiria e nomeou o seu novo bispo, D. José Alves Correia da Silva, que em conjunto com o cônego Manuel Nunes Formigão, acabou por se tornar o mais determinante obreiro de Fátima. O mesmo Papa, numa carta enviada aos bispos portugueses, em 1918, sublinhou a proteção particular da “Virgem Imaculada” à terra de Portugal, de quem era padroeira, quando a Igreja aí passou por momentos de grandes dificuldades, lembrando a tradição do culto português à Imaculada Conceição, considerada rainha e padroeira do país (1640). A posição de Pio XI seria mais clara e inequívoca, verificando-se a primeira visita de um representante da Santa Sé ao Santuário. Em janeiro de 1927, a Sagrada Congregação dos Ritos enviou de Roma a primeira licença sobre Fátima e em 3 de junho de 1928 o jornal oficioso do Vaticano, *Observatore Romano*, publicou uma crónica desenvolvida sobre a peregrinação de 13 de maio de 1928. Todo este discreto e paulatino empenhamento do Vaticano no culto de Nossa Senhora de Fátima, será depois confirmado e até ampliado

⁴⁸ BARRETO, José – *Religião e Sociedade: Dois Ensaios*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2002, p. 35.

por Pio XII, o primeiro Papa que falou de forma solene de Fátima e para Fátima num discurso, proferido em Português, e difundido pela Emissora Nacional, em 31 de outubro de 1942, merecendo então o título de “Papa de Fátima”.

2. A restauração da Diocese de Leiria e a nomeação do novo Bispo

A diocese de Leiria fora criada em 22 de maio de 1545, pelo Papa Paulo III, através da Bula *Pro excellenti apostolicae sedis*, conforme pedido de D. João III, tendo sido uma das extintas por ocasião da divisão eclesiástica do país, em 30 de setembro de 1881, por determinação de Leão XIII. Desta forma, conforme nos relata Luís Miguel Ferraz, “o seu território estava dividido pelas dioceses de Coimbra e Lisboa, uma situação com que muitos católicos leirienses nunca se conformaram [...]”⁴⁹.

Com a instauração da República em 1910, estava em causa não apenas a questão da relação entre Estado e Igreja, mas também um novo enquadramento jurídico criado para o exercício da atividade da Igreja católica, mediante a separação do Estado dessa mesma Igreja, através da aplicação da Lei de Separação, laicizadora das principais instituições da sociedade, como nos adianta Paulo Fontes:

“Efectivamente, desde o final do século XIX que, na perspectiva da afirmação de um ideal regenerador de sociedade, o combate político contra a Monarquia esteve associado a uma visão messiânica da própria República que, a vários níveis, se propunha funcionar como uma espécie de concepção religiosa de substituição, assente no ideal livre-pensador, que tanta importância assumiu entre as elites políticas do novo regime”⁵⁰.

A reação a este ataque veio despertar o espírito da militância católica, desenvolvendo-se como recomposição da sua própria identidade tanto interna como externamente, neste caso nas suas relações com instituições e movimentos sociais⁵¹.

⁴⁹ FERRAZ, Luís Miguel – Reflexos dos conflitos político-religiosos na imprensa local: o caso de Leiria. In *Lusitania Sacra*, 24 (Julho-Dezembro 2011), p. 92.

⁵⁰ FONTES, Paulo – O catolicismo português no século XX: da separação à democracia. In AZEVEDO, Carlos A. Moreira (Dir.), *História Religiosa de Portugal: Religião e Secularização*, Vol. 3. Lisboa: Círculo de Leitores, 2002, p. 137.

⁵¹ *Ibidem*, pp. 136-177.

Como no resto do país, “também em Leiria terá havido perseguição a membros do clero e a leigos católicos, com especial incidência àqueles que se destacavam no ativismo social [...]”⁵², refere Luís Miguel Ferraz. No entanto, tais ataques “não terão sido tão violentos como na capital e em algumas outras regiões do País”⁵³, no dizer do mesmo autor.

Uma eventual ligação das aparições de Fátima à restauração da diocese de Leiria, decretada em 17 de janeiro de 1918, tem sido motivo de grande especulação. Enquanto uns consideram que teria sido este fenómeno a influenciar o Papa Bento XV para que restabelecesse a sede episcopal em Leiria, outros porém têm outra opinião, considerando que tais factos, ocorridos em 1917, não terão influenciado a restauração da diocese, nem a nomeação do seu bispo. Esta tese foi e é suportada pelo facto de o bispo de Leiria “não assumir como sua missão primordial orientar os movimentos relacionados com o culto da Cova da Iria”, como se lê na *Documentação Crítica de Fátima*⁵⁴, e mais ainda “que os factos de 1917 não influenciaram nem na restauração da Diocese de Leiria, nem na nomeação do seu primeiro Bispo”, como refere a mesma obra.

Já em 1904 se iniciara um movimento cívico concertado, de pressão e opinião, visando recuperar o bispado. A bula pontifícia *Quo Vehementis*, promulgada pelo Papa Bento XV, em 17 de janeiro de 1918, acabava por restaurar a diocese⁵⁵.

O novo bispo foi nomeado pela bula *Commissum Humilitati Nostrae*, datada de 15 de maio de 1920⁵⁶. Natural do concelho da Maia, diocese do Porto, D. José Alves Correia da Silva, e como refere Afonso Zúquete,

⁵² FERRAZ, Luís Miguel – Reflexos dos conflitos político-religiosos na imprensa local: o caso de Leiria. In *Lusitania Sacra*, 24 (Julho-Dezembro 2011), p. 94.

⁵³ *Ibidem*, p. 95.

⁵⁴ SANTUÁRIO DE FÁTIMA – *Documentação Crítica de Fátima*, Fátima, 1999, vol. II, p. 11.

⁵⁵ *O Mensageiro*, 28 de Fevereiro de 1918, ano IV, n.º. 177, p. 1.

⁵⁶ *Ibidem*, 23 de Abril de 1920, ano VI, n.º. 274, p. 1.

“de seus pais, bem como do honrado povo das Terras da Maia, herdou o grande amor do trabalho, que é o melhor título de glória dos filhos daquela região, e no lar paterno, além do exemplo sempre vivo dos seus progenitores, encontrou orientação e conselho [...]”⁵⁷.

Formou-se em Teologia, na Universidade de Coimbra, tendo desempenhado as funções de professor do Seminário do Porto e cónego da Sé. Foi distinto e fluente orador sagrado, revelando-se também no jornalismo doutrinador culto e guia seguro da opinião católica, prestando grande auxílio aos jornais *A Palavra* e *A Liberdade*⁵⁸. Animou a *Associação Católica do Porto*⁵⁹, tendo prestado dedicada atenção ao *Círculo Católico de Operários*, instituição que foi objeto de vários assaltos levados à prática pela onda revolucionária que agitou o país nos primeiros anos da República. Estudioso, fez frequentes viagens “aos Lugares Santos da Palestina. Viajou também muito pela França, Bélgica e Itália, e fez grandes estadias em Lourdes”⁶⁰, no dizer do mesmo autor, adquirindo com elas e com o trato dos livros uma vasta cultura que lhe conquistou prestígio em todo o Norte do país, razão pela qual foi recebida com regozijo a sua nomeação para bispo da nova diocese. “Austero, tenaz e persistente, norteou-o sempre a nobre preocupação de servir o seu bispado, convencido de que assim servia a Igreja que o elegera bispo”⁶¹, como nos relata o médico José Pereira Gens.

Pastoreou, durante largos anos a diocese de Leiria, tendo sido a sua longa vida cheia de numerosos serviços prestados à Igreja. Foi também notável a ação desenvolvida no âmbito da obra de Fátima. Na verdade, refere o mesmo autor,

“Ali ditara a Virgem Santíssima a sua Mensagem; e o grande Prelado de tal maneira a compreende e tão acertadamente se devota à sua expansão, que hoje Fátima é o «Altar

⁵⁷ ZÚQUETE, Afonso – *Leiria: Subsídios para a História da sua Diocese*. Leiria: Gráfica de Leiria, 1945, p. 292.

⁵⁸ *Ibidem*, p. 294.

⁵⁹ *Ibidem*, p. 293.

⁶⁰ *Ibidem*, p. 294.

⁶¹ GENS, José Pereira – *Fátima como eu a vi e como a sinto: Memórias dum médico*. Leiria: Gráfica de Leiria, 1967, p. 118.

do Mundo» [...]. Ali ergueu o Bispo preclaro o farol do alto, do qual [...] brilhará a luz que há-de rasgar as tervas que ocultam o verdadeiro trilho, pelos homens perdido. Por isso lhe fica bem o título de «Bispo de Fátima»⁶².

Um mês depois de tomar posse, em 5 de agosto de 1920, o cónego Manuel Nunes Formigão encontrou-se com ele em Leiria, para o inteirar sobre o processo de Fátima e receber instruções sobre o assunto. Segundo o referido cónego, no início terá notado nele “uma frieza e uma indiferença difíceis de disfarçar por tudo o que interessava ao fim principal da visita”⁶³, como se encontra no relatório sobre os acontecimentos ocorridos na Cova da Iria em 1917, apresentado na reunião da Comissão Canónica nos dias 13 e 14 de abril de 1930. No entanto, segundo o mesmo cónego, esta postura ir-se-ia rapidamente alterando e várias foram as intervenções e iniciativas desenvolvidas por D. José Alves Correia da Silva sobre Fátima, desde que tomou posse da diocese de Leiria.

Vejamos, a título de exemplo, algumas das mais expressivas medidas: em 1922 assinou o primeiro documento diocesano sobre os acontecimentos de Fátima e nomeou uma comissão de sacerdotes para estudar o caso e proceder à organização do processo das aparições, de acordo com as leis canónicas⁶⁴; em 4 de maio desse mesmo ano, aprovou a publicação do mensário *Voz da Fátima*⁶⁵, conforme consta da ata da 1ª Sessão da *Comissão Canónica* para o estudo dos acontecimentos de Fátima; em 1924, fundou a *Obra dos Servitas*, que tinha como funções prestar assistência aos peregrinos e velar pela “pureza e desenvolvimento do culto de Nossa Senhora”⁶⁶; em 1927, consagrou os cruzeiros de uma Via Sacra erigidos na estrada entre o Reguengo do Fetal

⁶² *Ibidem*, p. 118.

⁶³ SANTUÁRIO DE FÁTIMA – *Documentação Crítica de Fátima*, Doc. 9, Fátima, 1999, vol. II, p. 204.

⁶⁴ *Ibidem*, Doc. 1, Fátima, 1999, vol. II, pp. 41-50.

⁶⁵ *Ibidem*, Doc. 2, Fátima, 1999, vol. II, pp. 51-52.

⁶⁶ *Manual do Peregrino de Fátima*, 4ª edição, Lisboa: União Gráfica, 1935, pp. 47-49.

e a Cova da Iria⁶⁷. Em 13 de outubro de 1930, publicou a Carta Pastoral *A Divina Providência*⁶⁸, sobre o culto a Nossa Senhora de Fátima, onde o reconheceu e oficializou. Resumiu-o em dois pontos: declarar como dignas de crédito as visões das crianças na Cova da Iria e permitir oficialmente o culto a Nossa Senhora de Fátima.

Por tudo isto, pode-se concluir que a hierarquia da Igreja católica escolheu um bispo com perfil adequado para presidir à diocese que tinha sob a sua jurisdição a Cova da Iria, isto é marcado por uma prudente atitude de observação crítica e, simultaneamente, capacidade de iniciativa e decisão, em ordem a enquadrar eclesialmente a nova realidade gerada pelos acontecimentos de Fátima. Parece, pois, pouco credível a tese de que D. José Alves Correia da Silva, após ter tomado posse, não tenha assumido como primordial missão orientar os movimentos relacionados com o culto da Cova da Iria, apesar de se perceber que o esperava um duro trabalho relacionado com a reconstituição e organização da diocese. Bem se lhe poderá chamar o *Bispo de Fátima*⁶⁹, pois que a Fátima ficou ligado para sempre o seu nome.

⁶⁷ SANTUÁRIO DE FÁTIMA – *Documentação Crítica de Fátima*, Fátima, 1999, vol. II, p. 16; Doc. 929, Fátima, 2009, vol. IV-4, p. 494.

⁶⁸ *Ibidem*, Doc. 11, Fátima, 1999, vol. II, pp. 261-276.

⁶⁹ ZÚQUETE, Afonso – *Leiria: Subsídios para a História da sua Diocese*. Leiria: Gráfica de Leiria, 1945, p. 296.

3. Lugar de peregrinação ou romaria?

Ao questionarmo-nos sobre se estaríamos na presença de um “lugar de peregrinação ou romaria” deparamo-nos com um problema que também se terá colocado à Igreja católica em Fátima, logo após as aparições.

Vejamos o sentido destes dois conceitos. O primeiro, de cariz religioso, poderá ser definido como sendo uma viagem ou deslocação a um lugar considerado sagrado. O que vai determinar o ato daquele que se desloca, o peregrino, é a fé em que uma entidade sagrada lhe irá proporcionar a realização dos seus superiores desejos terrenos (uma cura, a saúde, o perdão) ou até escatológicos. Em contrapartida, romaria surge como festa profana, de cariz popular.

No entanto, até finais do século XVIII, em Portugal, o termo “peregrinação” confundia-se com o termo “romaria”, começando a partir de então este a diferenciar-se daquele pela sua maior periodicidade e pelas deslocações relativamente curtas e festivas e, em regra, num âmbito local ou regional. Em 1983, Pierre Sanchis caracterizou

“a romaria como a parte profana das festas nos santuários e opôs a este conceito o modelo de peregrinação exclusivamente espiritual que ocorre em Fátima, o qual surgiu na década de 1920 como um arquétipo de «contra romaria». [...] «a romaria é uma peregrinação popular a um lugar tornado sagrado pela presença especial de um santo»⁷⁰.

Associado a este conceito surge um outro vocábulo “arraial” que, no dizer do mesmo autor,

“outrora designava um acampamento militar, passou depois a ser utilizada [...] para significar o espaço tradicional, concreto e preciso [...] que envolve os santuários. O arraial é, portanto, o lugar de sociabilização intensa e fugaz onde, sobretudo, se

⁷⁰ SANCHIS, Pierre – Arraial: Festa de Um Povo. As Romarias Portuguesas. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2ª edição, 1992. In TORRAL, Luís Filipe – *As aparições de Fátima: Imagens e representações*. Lisboa: Temas e Debates, 2002, pp. 89-90.

desenvolve [...] a componente «profana» das festas de peregrinação. Durante o período de festa, é nesse espaço feérico, lúdico e catártico [...] que os romeiros cantam, dançam, tocam música, lançam foguetes e fogo-de-artifício, conversam de forma animada, namoram, fazem comércio, lutam, cozinham, comem e dormem”⁷¹.

As peregrinações populares portuguesas, que decorrem todos os anos por altura das festas locais de veneração aos santos, culminam, por tradição, com grandes arraiais onde se promove uma rutura com o quotidiano.

A dicotomia entre “religião oficial” e “religião popular”, que se revelava nas romarias, foi acentuada, em Portugal, nos finais do século XX, quando a Igreja católica pretendeu intervir de forma mais determinada com o objetivo de transformar as festas religiosas populares e os seus arraiais em comemorações marcadas pela ordem e por formas de piedade definidas eclesialmente.

Todo o esforço que se ia fazendo para disciplinar as manifestações de religiosidade popular, nomeadamente ao nível das peregrinações aos principais santuários, verificava-se também a nível das festividades religiosas locais, por iniciativa das autoridades eclesiásticas que, face aos desregramentos e ao predomínio de atividades que consideravam profanas nas romarias, as procuravam contrariar. Enquanto se procedia a um processo disciplinador das formas de religiosidade popular, havia necessidade de explicitar o que se considerava autenticamente católico.

Foi numa conjuntura caracterizada pela crescente afirmação da “religião oficial” sobre a “religião popular”, emergente ainda no contexto do confronto exacerbado que opôs o Estado republicano anticlerical à Igreja católica, que despontou a problemática das “aparições” de Fátima, que conduziram à construção do Santuário da Cova da Iria.

⁷¹ *Ibidem*, p. 63.

Como nos diz Alfredo Teixeira,

“Os santuários, reconhecidos pelos crentes como lugares privilegiados da intervenção sobrenatural, vivem da manutenção e da reelaboração de uma memória. Eles são, por assim dizer, o suporte material de uma memória crente”⁷².

As “aparições” de 1917 foram, no seu início, um fenómeno local de raiz popular e cunho rural, mas que, desde cedo, ganhou projeção nacional e uma adesão social, alargada, sobretudo a partir do “milagre do sol” ocorrido em 13 de outubro desse ano. A movimentação continuada que Fátima gerou, nomeadamente através de peregrinações vindas de todo o país, veio colocar questões de suporte e enquadramento às autoridades religiosas.

Toda esta situação foi objeto de paulatina transformação, com o início de uma apropriação do espaço físico da Cova da Iria e das suas fórmulas de culto. Várias iam sendo as testemunhas que, incógnitas, assistiam à movimentação da multidão de peregrinos que cumpriam as suas promessa em redor da Capelinha das Aparições e que constatavam não haver ainda um programa de culto organizado no local.

Com a gradual aquisição de alguns terrenos⁷³ em maio de 1922, como nos conta o cónego Manuel Nunes Formigão em carta dirigida ao P. Faustino José Jacinto Ferreira, pároco do Olival, o bispo de Leiria publicava uma provisão⁷⁴ que seria fundamental. Nomeava uma comissão para estudar este fenómeno e organizar o seu processo canónico, admitindo já o seu carácter extraordinário e miraculoso. Não obstante o crescente controlo da Igreja sobre estes factos, o espírito profano das festas e romarias continuava a pairar sobre o local, situação que preocupava as autoridades eclesiásticas.

⁷² TEIXEIRA, Alfredo – Catolicismo: entre o território e a rede. In TEIXEIRA, Alfredo (org.), *Identities Religiosas em Portugal: ensaio interdisciplinar*. Prior Velho: Paulinas, 2012, p. 149.

⁷³ SANTUÁRIO DE FÁTIMA – *Documentação Crítica de Fátima*, Doc. 584, Fátima, vol. III-3, 2005, p. 61.

⁷⁴ *Ibidem*, Doc. 11, Fátima, 1999, vol. II, pp. 263-276; *Mensageiro*, 13 de Maio de 1922, ano VIII, n.º 373, p. 1.

Diversos foram os esforços destas entidades para que se acabasse com este estado de coisas, (venda de “comes e bebes”, artigos religiosos, e outros objetos que habitualmente se vendem numa feira), afirmando a dada altura o prelado de Leiria que aquele local era exclusivamente para “orar e fazer penitência”⁷⁵, pelo que determinava a proibição do uso de foguetes e a “não permissão de venda de vinho ou bebidas alcoólicas naquele lugar”⁷⁶, conforme carta dirigida ao pároco de Fátima em 18 de novembro de 1921.

Ao longo dos anos 20 continuará o referido bispo, através de várias provisões publicadas no jornal *Voz da Fátima*, que mais tarde serão reproduzidas no *Manual do Peregrino de Fátima*, a apelar à ordem no interior do Santuário, de forma a conservar “o carácter primitivo de piedade, penitência e caridade das peregrinações de Nossa Senhora do Rosário de Fátima”⁷⁷.

Todo este espírito solene das peregrinações se encontra presente ao longo de toda a obra fatimita, tanto do cónego Manuel Nunes Formigão, como doutras individualidades do laicado católico e até em alguma imprensa, nomeadamente de carácter local, como seja o *Mensageiro*, órgão dos católicos do distrito de Leiria.

Apesar de todas estas diligências, anos mais tarde, já em 1990, o jornal *Voz da Fátima* com o título “Fátima vai deixar de ter comércio nas ruas?” noticiava uma intervenção da Câmara Municipal de Ourém em que lamentava a perda de simplicidade de outrora:

“Com a data de 20 de Julho, a Câmara Municipal de Ourém publicou um edital em que se proíbe ter quaisquer materiais ou objectos na via pública, estorvar o trânsito com objectos e fazer da via pública usos diferentes daqueles a que se destina. [...] São cada

⁷⁵ *Ibidem*, Doc. 108, Fátima, 2006, vol. IV-1, p. 292.

⁷⁶ *Ibidem*, Doc. 108, Fátima, 2006, vol. IV-1, p. 292; Doc. 669, Fátima, 2005, vol. III-3, p. 232.

⁷⁷ JOSÉ, Bispo de Leiria – “Recomendação do bispo de Leiria aos peregrinos”. In *Voz da Fátima*, 13 de Julho de 1924, ano II, nº. 22, p. 1; *Manual do Peregrino de Fátima*, 4ª edição, Lisboa, União Gráfica, 1935, pp. 37-38.

vez mais frequentes os lamentos de portugueses e estrangeiros que já não encontram em Fátima a atractiva simplicidade de tempos pouco recuados. [...]”⁷⁸.

De tudo o que acabámos de referir podemos inferir que a Igreja católica se empenhou com êxito em não deixar resvalar Fátima para o arquétipo das romarias tradicionais, onde imperava um culto de reminiscências pagãs e idolátricas e a fazer de Fátima um exemplo a seguir noutras manifestações religiosas à escala local.

⁷⁸ *Voz da Fátima*, 13 de Setembro de 1990, ano LXVIII, n.º 816, p. 2.

4. Evolução e mecanismos de propagação de Fátima

O fenómeno das “aparições” irá revolucionar de forma extraordinária o aspeto paisagístico e topográfico da Cova da Iria, transformando este espaço solitário e quase desumanizado num caso de singular interesse nos domínios físico e religioso. A pretensão de construção de um Santuário capaz de satisfazer as necessidades espirituais e materiais dos peregrinos, assim como as ambições de alguns sectores católicos terá sido logo posto em evidência por altura da última aparição. Tal ideia começou a ganhar forma após um interregno de dois anos. A autorização e até instruções do novo bispo de Leiria para que se iniciassem as aquisições dos terrenos da Cova da Iria, é disso revelador. Anos mais tarde, concluída esta fase, outras formas de difusão da realidade de Fátima foram surgindo. Também a representação iconográfica será uma forma de fixação e de apropriação da denominada Mensagem de Fátima.

Comecemos por analisar a evolução do espaço físico da Cova da Iria, procurando perceber se, e como, terá de algum modo contribuído para a propagação deste acontecimento.

O lugar da Cova da Iria, diz-nos José Pereira Gens, aparecia

“De princípio, pobrezinha e agreste, retalhada em pequenas parcelas por rudimentares muros de pedra solta, salpicada de grupos de carrasqueiras, crescendo nas fendas das pedras; mais além, num pedaço de terra mais fundável e deficientemente agricultado, grupos de oliveiras dispersas; mas tudo aquilo pobre e árido, autêntico panorama serrano”⁷⁹.

⁷⁹ GENS, José Pereira – *Fátima como eu a vi e como a sinto: Memórias dum médico*. Leiria: Gráfica de Leiria, 1967, XIV.

Também a Irmã Lúcia afirma que “ainda o mundo não existia, já o Senhor tinha presente aquele lugar inóspito, que só por Ele podia ser escolhido para casa de Deus [...]”⁸⁰. Mas foi esta a paisagem que acolheu a manifestação da Senhora de Fátima.

À distância do tempo, podemos ver como aquele local agreste e desprestigiante se transformou em terra de penitência e oração, em lugar de peregrinação e irradiação de uma mensagem religiosa para todo o mundo. A carrasqueira, sobre a qual tinha descido a Senhora, ia desaparecendo paulatinamente, já que os peregrinos queriam todos levar dela uma recordação. Era preciso então balizar o local, pelo que surgiu um arco tosco, do qual pendiam duas lanternas que se conservavam acesas durante a noite⁸¹.

Assim iam as coisas na Cova da Iria, com o aumento de peregrinos e até curiosos, nos dias 13 de cada mês, quando foi nomeado D. José Alves Correia da Silva, bispo da nova diocese de Leiria.

O novo bispo de Leiria mostrava-se inicialmente frio e reservado perante o fenómeno de Fátima, no dizer do cónego Formigão, mas ia iniciando paulatinamente o processo de aproximação e o reconhecimento do seu valor.

A primeira visita do recém-nomeado bispo deu-se a 12 de setembro de 1921, após alguma reflexão sobre os vastos problemas, e sua projeção sempre crescente, que inundavam a diocese que acabava de lhe ser confiada. Refere Afonso Zúquete que

“Para qualquer lado que olhasse, não via senão ruínas. Não fora, pois, em vão, que o sôpro devastador de uma revolução anti-cristã se desencadeara sobre o país durante mais de dez anos”⁸².

⁸⁰ LÚCIA, Irmã – *Como vejo a Mensagem através dos tempos e dos acontecimentos*, 2ª edição, Fátima: Indugráfica, 2007, p. 13.

⁸¹ ALONSO, Joaquín Maria – *O Dr. Formigão: Homem de Deus e Apóstolo de Fátima*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1979, p. 280; SANTUÁRIO DE FÁTIMA – *Documentação Crítica de Fátima*, Doc. 76, Fátima, 2002, vol. III-1, p. 208.

⁸² ZÚQUETE, Afonso – *Leiria: Subsídios para a História da sua Diocese*. Leiria: Gráfica de Leiria, 1945, p. 294.

Era agora o momento de abraçar como primeira preocupação este fenómeno de Fátima. Na verdade, o mesmo autor escreve que “um único lugar da Diocese oferecia um espectáculo consolador: era Fátima com as suas ardentes manifestações”⁸³. Para ela se voltava resolutamente a atenção do novo prelado, não obstante a desolação a que o bispado fora levado, pois seria “mais uma fonte de preocupações e responsabilidades”⁸⁴, refere Afonso Zúquete, começando a surgir as primeiras medidas que iriam permitir alicerçar firmemente o novo Santuário mariano, capaz de satisfazer as necessidades espirituais e materiais dos peregrinos e as ambições de alguns sectores católicos. No entanto, o início efetivo do processo de transformação da Cova da Iria “começa ainda antes da entrada do Sr. Bispo na diocese”⁸⁵, como refere Joaquim Maria Alonso.

Para controlar e disciplinar o culto popular emergente e expurgá-lo das manifestações das romarias tradicionais, alguns elementos católicos, autorizados e instruídos pelo bispo de Leiria, iniciavam a missão de comprar os terrenos da Cova da Iria. Podemos citar, entre outros, vários elementos do clero que se iam ocupando desta e outras tarefas: Cónego Manuel Nunes Formigão (professor do Seminário de Santarém), P. Faustino José Jacinto Ferreira (prior do Olival)⁸⁶, P. Manuel Marques dos Santos (professor do Seminário de Leiria), P. Joaquim Ferreira Gonçalves das Neves (prior de Santa Catarina da Serra), que irão, todos eles, integrar a *Comissão Canónica*⁸⁷, nomeada pela Provisão Diocesana de 3 de maio de 1922.

A existência de vários proprietários, a quem pertenciam os terrenos, obrigou a negociações desiguais. No mês de setembro de 1921, várias escrituras foram já celebradas, tendo sido as propriedades adquiridas, por determinação do bispo, registadas

⁸³ *Ibidem*, p. 295.

⁸⁴ *Ibidem*, p. 295.

⁸⁵ ALONSO, Joaquín Maria – *O Dr. Formigão: Homem de Deus e Apóstolo de Fátima*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1979, p. 129.

⁸⁶ SANTUÁRIO DE FÁTIMA – *Documentação Crítica de Fátima*, Doc. 593, Fátima, 2005, vol. III-3, p. 73.

⁸⁷ *Ibidem*, Doc.1, Fátima, 1999, vol. II, p. 41.

em nome do Prior de Santa Catarina da Serra, P. Joaquim Ferreira Gonçalves das Neves⁸⁸.

Quando da assinatura de algumas dessas escrituras, a 14 desse mês, D. José Alves Correia da Silva, aproveitando a visita pastoral a S. Mamede da Serra, deslocou-se à Cova da Iria onde rezou e autorizou que “se celebrasse lá Missa nos dias 13”⁸⁹.

Enquanto tudo isto ia fazendo o seu caminho, outras realidades iam convertendo a Cova da Iria naquilo que viria a ser “ «um Grande Centro de Peregrinação» ”⁹⁰ e de construir no local uma cidade devota de Maria, inspirada em Lourdes, a “Lourdes Portuguesa”⁹¹, onde reinasse um espírito de oração, penitência e conversão.

Já em 1918 a piedade popular pugnava pela construção de um templo, que viria a concretizar-se com a construção da primeira «capelinha», iniciada em abril de 1919 e cuja inauguração, sem bênção (que viria a receber mais tarde), se concretizou em Junho de 1919, no local onde podemos ver hoje a “Capelinha das Aparições”.

Na madrugada de 5 para 6 de março de 1922, esta construção foi dinamitada por quatro bombas, colocadas nas paredes do edifício, deixando-o parcialmente destruído, tendo sido iniciada a sua reconstrução a 13 de dezembro de 1922 e inaugurado a 13 de janeiro de 1923, aumentado por um alpendre que sobre ele alargava o espaço sagrado. Fora para este espaço que Gilberto Fernandes dos Santos⁹² oferecera, em 1920, aquela que seria a primeira imagem de Nossa Senhora de Fátima, em cedro do Brasil, encomendada ao escultor santeiro José Ferreira Thedim, da «Casa Teixeira Fânzeres», de Braga, benzida solenemente no dia 13 de maio de 1920, imagem essa que ainda hoje

⁸⁸ *Ibidem*, Doc. 635, Fátima, 2005, vol. III-3, p. 161; Doc. 637, Fátima, 2005, vol. III-3, p. 167; Doc. 638, Fátima, 2005, vol. III-3, p. 171.

⁸⁹ *Ibidem*, Doc. 640, Fátima, 2005, vol. III-3, p. 177.

⁹⁰ TORGAL, Luís Filipe – *As aparições de Fátima: Imagens e representações*. Lisboa: Temas e Debates, 2002, p. 73.

⁹¹ SANTUÁRIO DE FÁTIMA – *Documentação Crítica de Fátima*, Doc. 641, Fátima, 2005, vol. III-3, p. 179; Doc. 722, Fátima, 2005, vol. III-3, p. 322.

⁹² *Ibidem*, Doc. 9, Fátima, 1999, vol. II, p. 202.

podemos ver naquele espaço e que terá contribuído para aumentar a devoção dos peregrinos.

A 21 de janeiro de 1927, a Sagrada Congregação dos Ritos autorizou que no Santuário se celebrasse a missa votiva do Santíssimo Rosário.

Mais tarde, em 15 de janeiro de 1928, foi constituída a Confraria de Nossa Senhora do Rosário da Fátima e em 13 de maio desse mesmo ano teve lugar a bênção da primeira pedra da futura Igreja de Nossa Senhora de Fátima (hoje conhecida por basílica de Nossa Senhora do Rosário), cujo projeto fora encomendado pelo bispo de Leiria ao arquiteto holandês Gerardus van Krieken⁹³, tendo a sua sagração ocorrido a 7 de outubro de 1953.

Gradualmente, o novo Santuário foi-se tornando uma realidade, com a sondagem de água e a construção no recinto das aparições de uma nova fonte, a “fonte miraculosa”⁹⁴, assim como de alguns novos edifícios, como escreve o Visconde de Montelo:

“Entre a capela das missas e o posto das verificações médicas à direita deste último, erguem-se já as paredes do hospital-sanatório. Um pouco mais longe, a meia encosta, vêem-se os alicerces da capela das confissões, semelhante na forma e no estilo à Penitenciaria de Lourdes, de recente fundação”⁹⁵.

Entre outubro de 1923 e finais de 1924, foi fechado o recinto sagrado, de forma a evitar a profanação pelos adeptos das romarias populares, colocando junto à entrada principal arcadas e portões de ferro, e de cada lado duas pequenas casas destinadas à venda de artigos religiosos.

⁹³ *Ibidem*, Doc. 607, Fátima, 2005, vol. III-3, p. 93.

⁹⁴ VISCONDE DE MONTELO – *As Grandes Maravilhas de Fátima: Subsídios para a história das aparições e dos milagres de Nossa Senhora de Fátima*. Lisboa: União Gráfica, 1927, p. 238.

⁹⁵ *Ibidem*, p. 239.

Dados os primeiros passos no sentido do nascimento do novo Santuário, o bispo de Leiria publicou uma *Provisão sobre Fátima*, em 3 de maio de 1922, pela qual nomeou uma comissão de peritos para que analisasse, com rigor e imparcialidade, os factos ocorridos⁹⁶.

Na sequência desta posição oficial, foi fundado o periódico *Voz da Fátima*, em 13 de outubro de 1922, que tinha como missão a transmissão de notícias e informações de tudo o que se relacionasse com o ocorrido em Fátima.

Anos mais tarde, a *Comissão Canónica*, nomeada em 1922, depois de ser pressionada pelo bispo, deu por concluído o seu trabalho sobre as “aparições”, tendo o Prelado publicado em 13 de outubro de 1930 a *Carta Pastoral sobre o culto de Nossa Senhora de Fátima*, declarando “dignas de crédito as visões das crianças na Cova da Iria” e “permitindo oficialmente o culto a Nossa Senhora de Fátima”⁹⁷.

Estavam assim reunidas as condições para um crescimento de peregrinos e residentes.

Concluída esta fase de construção e expansão do Santuário da Cova da Iria, foram surgindo outros modos de difundir a realidade de Fátima.

Neste contexto, merecem especial relevo as formas de representação iconográfica, uma forma de apropriação da Mensagem de Fátima pelo imaginário nacional.

Do ponto de vista da imagética religiosa, Fátima abriu em Portugal um momento central na representação mariana, nomeadamente a da invocação do Imaculado Coração de Maria. Como nos diz Paulo Fontes,

“Já na iconografia do Imaculado Coração de Maria, a Virgem, toda vestida de branco, simbolizando a plenitude da sua glória, estende os braços e, enquanto a mão direita

⁹⁶ SANTUÁRIO DE FÁTIMA – *Documentação Crítica de Fátima*, Doc.1, Fátima, 1999, vol. II, p. 41.

⁹⁷ *Ibidem*, Doc. 11, Fátima, 1999, vol. II, pp. 261-276.

segura um rosário, a mão esquerda indica o seu coração cercado de espinhos, símbolo do amor que a associa à redenção do seu Filho”⁹⁸.

Quanto à divulgação da Mensagem de Fátima, sublinhe-se a invocação da Virgem, como “Nossa Senhora da Paz, para defesa, guarda e proteção”⁹⁹ de Portugal, daqueles considerados seus inimigos, estampas distribuídas na Cova da Iria, no dia 13 de outubro de 1917. Não esqueçamos o período que atravessávamos: a Grande Guerra.

Paralelamente, e subjacente à mesma intensão de divulgação da Mensagem, surgiu a circulação das estampas populares¹⁰⁰ que, explicando Fátima e divulgando as suas orações, estiveram na base da construção de um imaginário religioso e de uma catequese popular.

A iconografia popular foi assim um meio excelente para documentar e incrementar a piedade, exercendo uma função pedagógica ao exercício privado da oração. O recurso a estampas, relacionadas com as aparições, foi quase imediato ao fenómeno de Fátima, como podemos ler na *Enciclopédia de Fátima*:

“A primeira estampa, relacionada com as aparições, é distribuída a 13 de Outubro de 1917, mostrando, na zona superior, a reprodução de uma imagem da Imaculada Conceição (Sé de Leiria), em meio corpo, envolta em nuvens. Na parte inferior apresenta duas pastorinhas de joelhos, a olhar para o alto, uma de cada lado da azinheira [...]. A edição é da Imprensa Comercial- à Sé – Leiria”¹⁰¹.

Outras se foram seguindo, com o *Imprimatur* do bispo de Leiria, mostrando a imagem da Senhora de Fátima. Exemplares existiam, nos quais aparecia, no reverso, o

⁹⁸ FONTES, Paulo – O catolicismo português no século XX: da separação à democracia. In AZEVEDO, Carlos A. Moreira (Dir.), *História Religiosa de Portugal*, Vol. 3, CLEMENTE, Manuel; FERREIRA, António Matos (Coords.), Religião e secularização. Lisboa: Círculo de Leitores, 2002, p. 157.

⁹⁹ SANTUÁRIO DE FÁTIMA – *Documentação Crítica de Fátima*, Doc.43 e Doc. 44, Fátima, 2002, vol. III-1, pp. 140-144.

¹⁰⁰ *Ibidem*, Doc.570, Fátima, 2005, vol. III-3, pp. 37-38; *Ibidem*, Doc. 467, Fátima, 2010, vol. V-2, pp. 85-88.

¹⁰¹ AZEVEDO, Carlos Moreira; CRISTINO, Luciano (Coords.) – Religiosidade Popular. In *Enciclopédia de Fátima*. Estoril: Príncipia, 2007, p. 459.

texto intitulado “A Lourdes Portuguesa”, podendo evidenciar a necessidade de afirmar a veracidade destes videntes, quando diversas experiências contemporâneas concorriam com Fátima.

Encontravam-se também pagelas muito simples, apenas com a reprodução da imagem, impressas a preto e branco, com a legenda “verdadeira imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima” e oração no verso, aprovada a 21 de abril de 1929, pelo bispo de Leiria. Aqui surgia a valorização da oração e da penitência, fazendo alusão aos factos políticos e a esperança num “dourado e mitológico passado”¹⁰².

Pelos anos 30, continuava a produção de exemplares muito simples e considerados “Recordação de Fátima”, declarando o seu valor e ao mesmo tempo cedendo à religiosidade popular, com a indicação: “esta estampa foi tocada na imagem de Nossa Senhora da Fátima, da Capelinha das Aparições”¹⁰³, terminando com a invocação: “Coração Imaculado de Maria! Tende piedade de nós. Coração Imaculado de Maria, salvai-me e salvai Portugal”¹⁰⁴, com o *Imprimatur* de 19 de outubro de 1939. Também em copos de papel, para as velas, foram utilizadas as imagens de Nossa Senhora.

De um modo continuado, o fenómeno de Fátima teve enorme repercussão no âmbito da Igreja católica. O bispo da Leiria, D. José Alves Correia da Silva, solicitou a Pio XI, em 1937, a consagração da Rússia e os bispos escreveram ao papa, pedindo a consagração do Mundo ao Imaculado Coração de Maria¹⁰⁵, para que o livrasse dos perigos de uma guerra iminente.

¹⁰² *Ibidem*, p. 462.

¹⁰³ *Ibidem*, p. 464.

¹⁰⁴ *Ibidem*, p. 464.

¹⁰⁵ LÚCIA, Irmã – *Memórias da Irmã Lúcia*, compilação do padre Luís Kondor e introdução e notas do padre Joaquín M. Alonso e do padre Luciano cristino, 8ª edição, Fátima: Secretariado dos Pastorinhos, 2000, vol. I, p. 168.

A devoção à Virgem de Fátima alargou-se rapidamente ao estrangeiro, até pela presença da imagem peregrina, tendo a primeira sido feita segundo as indicações da Irmã Lúcia, oferecida pelo bispo de Leiria e coroada solenemente pelo arcebispo de Évora a 13 de maio de 1947, e dessa forma começavam nesse mesmo dia as peregrinações internacionais.

Fátima afirmava-se com dimensão mundial, face à extensão do culto e ao reconhecimento expresso pelos sucessivos papas, que se mostrou surpreendente. Conforme nos conta Marco Daniel Duarte, desde Pio XI,

“«recebendo no dia 9 do mês de Janeiro de mil novecentos e vinte e nove, em audiência particular, os superiores e alunos do Colégio Português em Roma» e a entrega de « duas lindas estampas de Nossa Senhora de Fátima - uma para eles e outra para suas famílias – com a recomendação de orarem pelo Papa»”¹⁰⁶.

Seguida de Pio XII que recordou a coincidência da sua consagração episcopal com o início das aparições de Fátima e a sua radiomensagem por ocasião da coroação da Senhora de Fátima. João XXIII que recordou várias vezes a visita a Fátima a 13 de maio de 1956, por ocasião dos 25 anos da consagração de Portugal ao Coração Imaculado de Maria. Paulo VI que, no encerramento da 3ª sessão do concílio ecuménico Vaticano II, não só mencionou Nossa Senhora de Fátima, como a proclamou Mãe da Igreja decidindo enviar-lhe a Rosa de Ouro e estando presente na Cova da Iria no 50º aniversário das aparições. João Paulo II que expressou a sua devoção e vinculação constante a Fátima, ao interpretar os acontecimentos da sua vida (atentado de 1981) e do seu ministério, à luz de Fátima, culminando com as suas visitas ao Santuário de Fátima. Bento XVI que se deslocou a Fátima no ano 2010.

¹⁰⁶ DUARTE, Marco Daniel – “Em Fátima rezei por ti”: uma abordagem aos testemunhos materiais da peregrinação. In *Memórias, sinais, afetos: Nos 90 anos das Aparições de Fátima*. Lisboa, 2007, p. 212.

Por último, recorde-se que o Papa Francisco, ao iniciar o seu ministério, pediu ao patriarca de Lisboa que consagrasse o seu pontificado à Virgem de Fátima, ato que teve lugar durante a peregrinação aniversária de 13 de maio de 2013, na Cova da Iria. O mesmo Papa “chamou” a imagem de Nossa Senhora de Fátima, aquela que é venerada na Capelinha das aparições, para a *Jornada Mariana em Roma*, onde esteve nos dias 12 e 13 de outubro de 2013, num dos grandes eventos pontifícios previstos no Calendário de celebração do Ano da Fé¹⁰⁷. Segundo a *Voz da Fátima*, esta data “ficará gravada na memória daqueles que acompanharam a imagem de Nossa Senhora a Roma, pela intensidade da experiência e pelo grande amor a Nossa Senhora de Fátima que puderam testemunhar”¹⁰⁸. No final da Eucaristia, o Pontífice, tendo presente o seu amor pelos pobres e excluídos da sociedade, todos aqueles que se encontram nas periferias, conforme refere frequentemente, realizou o Ato de Entrega a Nossa Senhora de Fátima, utilizando a fórmula seguinte:

“Bem-aventurada Virgem de Fátima, [...]. Acolhe com benevolência de Mãe o ato de entrega que hoje fazemos com confiança, diante desta tua imagem que nos é tão querida. Temos a certeza de que cada um de nós é precioso aos teus olhos, [...]. Guarda a nossa vida entre os teus braços, [...]. Ensina-nos o teu amor de predileção pelos pequeninos e pelos pobres, pelos excluídos e sofredores, pelos pecadores e os desorientados; reúne-nos a todos sob a tua proteção e recomenda-nos a todos ao teu dileto Filho, nosso Senhor Jesus. *Amen*”¹⁰⁹.

A realidade religiosa que em Fátima se manifestou foi humilde na sua origem; mas depressa cresceu, venceu contrariedades e obstáculos, empolgou as multidões e conquistou o mundo. Hoje é uma realidade viva e enche com a sua presença a Terra inteira.

¹⁰⁷ *Presente*, 10 de Outubro de 2013, ano LXXXI, nº. 4150, p. 3.

¹⁰⁸ *Voz da Fátima*, 13 de Novembro de 2013, ano 92, nº. 1094, p. 1.

¹⁰⁹ *Ibidem*, p. 1.

5. *Quereis oferecer-vos a Deus? Sim queremos!...*

“Qualquer aparição autêntica deve sempre situar Deus no centro da história, como protagonista fundamental na sua origem e na sua consumação”¹¹⁰. Esta é a perspetiva da teologia católica.

Em Fátima, na pergunta de Nossa Senhora aos videntes, “quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em ato de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?”, diz Lúcia ver “como Deus respeita o dom da liberdade que nos deu, e não força a que aceitemos uma Missão especial, que Ele queira confiar-nos”¹¹¹.

Na perspetiva da Irmã Lúcia, os videntes, não tendo preocupação com os sofrimentos que Deus lhes iria enviar, entregaram-se inteiramente à vontade de Deus e responderam na lógica do que já tinham feito Jesus e Maria: “Eis-me aqui, [...] eu vim, ó Deus, para fazer a tua vontade”¹¹²; “Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra”¹¹³.

Assim, ao oferecerem a mesma resposta “Sim, queremos”¹¹⁴, refere Lúcia, “a Senhora acolheu esta resposta como a primícia da sua Mensagem”¹¹⁵ e, continua ela, com um gesto de maternal proteção envolvendo-nos na imensa luz de Deus, respondeu: «”Ides, pois, ter muito que sofrer, mas a graça de Deus será o vosso conforto”»¹¹⁶.

¹¹⁰ BUENO DE LA FUENTE, Eloy – *A Mensagem de Fátima. A Misericórdia de Deus: O Triunfo do Amor nos Dramas da história*. Fátima: Santuário de Fátima, 2013, p. 43.

¹¹¹ LÚCIA, Irmã – *Como vejo a Mensagem através dos tempos e dos acontecimentos*, 2ª edição, Fátima: Indugráfica, 2007, p. 36.

¹¹² Hb 10, 7.

¹¹³ Lc 1, 38.

¹¹⁴ LÚCIA, Irmã – *Memórias da Irmã Lúcia*, compilação do padre Luís Kondor e introdução e notas do padre Joaquín M. Alonso e do padre Luciano cristino, 8ª edição, Fátima: Secretariado dos Pastorinhos, 2000, vol. I, p. 67.

¹¹⁵ LÚCIA, Irmã – *Como vejo a Mensagem através dos tempos e dos acontecimentos*, 2ª edição, Fátima: Indugráfica, 2007, p. 36.

¹¹⁶ *Ibidem*, p. 37.

Na perspectiva da teologia contemporânea, e como escreve Eloy Bueno de la Fuente, “o destino dos outros não pode ser contemplado à distância, mas como uma questão que afeta o mais íntimo da própria experiência mística, convertendo-se em critério de credibilidade”¹¹⁷. O sentido da interpelação “Quereis oferecer-vos a Deus?” é captado a partir da situação de desgraça da humanidade quando o “ato criador” é posto em causa.

A pergunta dirigida a Adão e a Caim foi encontrando resposta em pessoas concretas: o primeiro foi Abraão que, ao convite de Deus, respondeu “eis-me aqui”¹¹⁸, depois Moisés, quando foi chamado a libertar o povo do Egito¹¹⁹, e tudo isto na mesma linha de compreensão do que responderam Jesus e Maria.

Também os videntes ficaram assim inseridos nesta linhagem crente de alguém que realizou grandes obras na fé¹²⁰. Todos foram testemunhas porque disseram: “Eis-me aqui”. Refere ainda Lúcia que “não é só sobre os humildes pastorinhos que Deus tem desígnios de misericórdia. Sobre cada um de nós, Deus tem desígnios de misericórdia, graça, perdão e amor, basta que não ponhamos obstáculo [...]”¹²¹. Não sendo apenas para as três crianças que a Senhora ditou os seus ensinamentos, tal Mensagem destinava-se a todo o mundo e por isso os acontecimentos de Fátima começaram a transpor o ambiente acanhado em que se produziram.

A devoção a Maria, que fazia parte da cultura do povo português e de grande parte do mundo católico, não ignorou o que se ia passando na Cova da Iria e assim com vontade de responder aos desígnios da Mensagem de Fátima, foram aparecendo associações, movimentos de voluntariado católico e congregações religiosas,

¹¹⁷ BUENO DE LA FUENTE, Eloy – *A Mensagem de Fátima. A Misericórdia de Deus: O Triunfo do Amor nos Dramas da história*. Fátima: Santuário de Fátima, 2013, p. 219.

¹¹⁸ Gn 22, 1. 11.

¹¹⁹ Ex 3, 4.

¹²⁰ Hb 11.

¹²¹ LÚCIA, Irmã – *Como vejo a Mensagem através dos tempos e dos acontecimentos*, 2ª edição, Fátima: Indugráfica, 2007, p. 22.

contemporâneos das aparições uns, sendo que outros se foram constituindo ao longo dos tempos, respondendo sempre da mesma forma: “Eis-me aqui a favor dos outros”¹²².

O espírito laical, congregado em associação, surgiu no ano de 1924 com a “Associação de Servitas de Nossa Senhora de Fátima”, Movimento de voluntariado católico na esteira do fenómeno de Fátima.

Alguns anos mais tarde, emergiu uma outra realidade, inspirada numa liga de piedade, caridade e apostolado, que se denominou “Ala do Santíssimo Rosário”, criada pelo cónego Manuel Nunes Formigão, na diocese de Santarém, que viria a dar origem ao “Movimento da Mensagem de Fátima”.

Quanto às congregações religiosas, tenhamos em conta que, dado o contexto político que se vivia, dificilmente se poderia esperar que se viessem fixar no imediato em Fátima, mesmo após 1930, data da oficialização do culto. Passaram alguns anos até que, de forma explícita, isso se concretizasse.

As primeiras congregações religiosas que se estabeleceram na Cova da Iria, foram duas Instituições que tiveram por fundadores duas pessoas que cedo se ligaram aos acontecimentos de Fátima, Luiza Andaluz e o cónego Manuel Nunes Formigão, que lhes deram crédito e tudo fizeram para que nessas fundações se pusesse em prática a Mensagem que a Senhora do Rosário terá transmitido aos videntes.

Vivendo na mesma cidade ribatejana, Santarém, estes dois protagonistas, dada a sua proximidade na prossecução de uma ação de cariz socio-caritativo, colocaram-se na mesma senda do interesse por Fátima e sua Mensagem. Durante bastante tempo acarinharam um projeto que resultasse na fundação de uma família religiosa. O grupo constituiu-se e teve o seu desenvolvimento na cidade de Lisboa durante alguns anos, tendo razões de vária ordem determinado uma cisão, dando origem a duas

¹²² BUENO DE LA FUENTE, Eloy – *A Mensagem de Fátima. A Misericórdia de Deus: O Triunfo do Amor nos Dramas da história*. Fátima: Santuário de Fátima, 2013, p. 215.

Congregações religiosas com uma espiritualidade bem entrosada na Mensagem de Fátima.

O grupo de Luiza Andaluz recebeu o nome de “Servas de Nossa Senhora de Fátima”, estas, por carisma, mais votadas a uma vida apostólica ativa; o outro grupo, seguindo o cónego Manuel Nunes Formigão, assumiu-se como Congregação das “Irmãs Reparadoras das Dores de Nossa Senhora de Fátima”, cujo carisma se encontrava mais votado à reparação-contemplação.

Com a sua fixação em Fátima, pelos anos 30, as duas Congregações entregavam-se a trabalhos e atividades que o Santuário dinamizava.

III – Fátima e sua implicação no catolicismo português

1. O espírito laical em associação

O Movimento de voluntariado católico encontra o seu sentido no âmago do cristianismo: desde logo, no próprio gesto de Jesus, que “não veio para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida para resgate de todos”¹²³. Por várias vezes e de várias maneiras, Jesus convidou a esta experiência de gratuidade, exprimindo no gesto do lava-pés a radicalidade da vocação cristã ao serviço, com um imperativo expresso de assim nos tratarmos uns aos outros¹²⁴.

Na Igreja primitiva, percebeu-se bem como o serviço voluntário existiu desde o primeiro momento como modo de libertar os Apóstolos para a pregação¹²⁵. Inúmeras são igualmente as vidas de santos que testemunham esta mesma experiência. Difícil será também contar a história da cultura na Europa sem falar do contributo das ordens religiosas, que estão também na origem de muitas unidades de saúde, educação e ação social.

No que a Fátima se refere, é curioso notar como, tendo o Santuário crescido como instituição onde existem vários trabalhos assalariados, o movimento voluntário é imparável. A experiência de todos os voluntários, incluindo neles os consagrados que trabalham em Fátima, é de crescimento: surgem movimentos novos e, à sua volta, bem como dos mais antigos, há uma enorme adesão e procura. Servir em Fátima, e de forma gratuita, atrai, congrega e interpela.

¹²³ Mt 20, 28.

¹²⁴ Jo 13, 1-17

¹²⁵ At 6, 1-6.

Mergulhemos agora em duas realidades laicais que, sendo das primeiras a servir os peregrinos, se moviam por uma onda de compaixão, no mais nobre significado desta palavra.

1.1. Associação de Servitas de Nossa Senhora de Fátima

A Associação Servitas de Nossa Senhora de Fátima,

“É uma associação pública de Leigos, Religiosos e Sacerdotes, ereta canonicamente pelo Bispo de Leiria, sob a proteção de Nossa Senhora, no Santuário de Fátima, onde tem a sua sede (Estatutos, 1983). Foi fundada no dia 13 de Junho de 1924, sob o nome de «Servos de Nossa Senhora do Rosário da Fátima», por D. José Alves Correia da Silva, bispo de Leiria, pelo padre Manuel Nunes Formigão e um grupo de «pessoas de boa vontade» »¹²⁶.

Possui estatutos próprios, com última alteração em 1983 e um regulamento geral, aprovado em assembleia-geral de 4 de dezembro de 1999 e ratificado por D. Serafim de Sousa Ferreira e Silva, bispo de Leiria -Fátima. Como última versão, foi aprovada revisão dos estatutos em 1999, pelo referido bispo, entrando em vigor na mesma data.

São órgãos da Associação o assistente espiritual, enquanto representante permanente do bispo de Leiria-Fátima junto da Associação de Servitas [art.º 43.º dos estatutos], a Assembleia-geral, a Direção, o Conselho de disciplina e o Conselho-geral [art.º 22.º dos estatutos]. A estrutura funcional da Associação inclui ainda a Secretaria-geral, o Tesoureiro e os diversos sectores de atividade: serviços de saúde, confissões, recinto, retiro de doentes, fins de semana, informações, formação e oração.

¹²⁶ SERÔDIO, Frederico da Silva – Servitas. In AZEVEDO, Carlos A. Moreira; CRISTINO, Luciano (Coords.), *Enciclopédia de Fátima*. Estoril: Principia, 2007, p. 532.

A Associação de Servitas, “enquanto associação da Igreja, submete-se à autoridade do Bispo de Leiria-Fátima, e no exercício da sua atividade no Santuário de Fátima, integra-se na orgânica do Santuário, na dependência do seu Reitor” [art.º 3º. dos estatutos].

De acordo com o art.º 2º, alínea a) dos mesmos estatutos, os Servitas comprometem-se a exercer a sua missão e, como se lê na Constituição Dogmática sobre a Igreja, *Lumen Gentium*,

“por vocação própria, buscar o reino de Deus, ocupando-se das coisas temporais e ordenando-as segundo Deus. Vivem no mundo [...]. Aí os chama Deus a contribuírem, a partir de dentro e à maneira de fermento [...] antes de mais com o testemunho da sua vida e com o fulgor da sua fé, esperança e caridade”¹²⁷.

Entende-se por Servita “aquele que fez a sua Promessa e lhe permanece fiel” [art.º 5.º dos estatutos], sendo esta “um compromisso público, consciente e livre, com Cristo e a Igreja, fruto da sua resposta ao chamamento de Nossa Senhora, pelo qual o Servita promete servir os irmãos no Santuário de Fátima e viver a Mensagem de Nossa Senhora, tal como foi confiada aos Pastorinhos” [art.º 10.º dos estatutos].

Todos os Servitas procuram viver e dar a conhecer a mensagem de Nossa Senhora e do Anjo de Portugal, empenhando-se na realização do triunfo do Imaculado Coração de Maria, que pressupõe a devoção permanente dos Primeiros Sábados para a conversão do mundo, e fazer da sua presença em Fátima uma autêntica peregrinação de oração, penitência e conversão [art.º 2.º, alínea b) dos estatutos].

Por outro lado, colaboram de forma gratuita com o Santuário de Fátima, servindo os peregrinos, para que todos se sintam acolhidos como irmãos e possam encontrar ambiente adequado para a vivência da sua peregrinação [alínea c) do referido artigo]. Ao mesmo tempo servem os mesmos peregrinos correta e eficazmente, com

¹²⁷ IGREJA CATÓLICA – *Lumen Gentium*, n.º 31.

humildade e espírito sobrenatural, que deve brotar da vida interior dos seus membros, alimentada na Oração, na Palavra e nos Sacramentos [alínea d) do referido artigo].

É uma obra de Fátima, com um *carisma próprio* de *acolher e servir*, que os seus associados dignificam e prestigiam pela forma como o vivem.

Os Servitas de Fátima são amigos e servidores de Nossa Senhora e dos peregrinos que vêm a Fátima, especialmente os doentes. São bem conhecidos e apreciados pelos peregrinos que de todo o mundo vêm a Fátima.

O Visconde de Montelo, num artigo publicado no jornal *Voz da Fátima* de 13 de março de 1934, com o título “Cruzados de Fátima, Deus o quer...” explicita o dinamismo apostólico desta associação da seguinte forma:

“É preciso, é urgente, que um exército de activos e generosos auxiliares da hierarquia eclesiástica junte os seus esforços aos dos ministros do Senhor, numa organização larga, forte e disciplinada, cooperando assim eficazmente na grande e incomparável *obra da conversão e salvação das almas*”¹²⁸.

Inspirada nos *Brancardiers*¹²⁹ de Lourdes, como refere o cónego Formigão numa das suas cartas a D. José Alves Correia da Silva, a Associação, nos seus elementos, veio a constituir-se e serviu, com um carácter mais organizado, os peregrinos e sobretudo os doentes:

“Desde a segunda aparição de Nossa Senhora em Fátima, que os doentes têm afluído àquele lugar privilegiado, onde devotamente pedem a Deus a cura dos seus males, por intercessão de Nossa Senhora. [...] Tornava-se necessário e urgente haver quem os atendesse e lhes proporcionasse assistência”¹³⁰.

¹²⁸ ESTEVES, Maria Encarnação Vieira - *Apóstolo de Fátima: Cón. Manuel Nunes Formigão*. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 2004, p. 90.

¹²⁹ *Brancardiers*, é uma das três equipas (Brancardiers, Baiquers e Infirmiers) que asseguram de Maio a Outubro, o funcionamento metódico e regular de todos os organismos que têm em vista o transporte, os banhos e tratamento dos doentes.

¹³⁰ ESTEVES, Maria Encarnação Vieira - *Apóstolo de Fátima: Cón. Manuel Nunes Formigão*. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 2004, p. 87.

Em carta de 1 de março de 1924, o bispo de Leiria afirma:

“[...] precisamos de ter um serviço organizado de médicos para examinarem os doentes à semelhança do *Bureau* de Lourdes, mas não é fácil mantê-lo no nosso meio, não havendo na Cova da Iria elementos”¹³¹.

Ainda em outra carta de 2 de junho do mesmo ano, diz-lhe:

“No próximo dia 12 irei, se Deus quiser, à Cova da Iria tratar das obras e ainda desejava reunir um grupo de pessoas dedicadas para a criação de uma *Associação* semelhante à dos *Brancardiers* ou *Hospitais de Lourdes*”¹³².

Em mais uma carta, esta de 10 do mesmo mês, o mesmo bispo diz ao cónego Formigão: “Escrevi a V. Rev. pedindo o obséquio de comparecer na Fátima no dia 12 do corrente para tratarmos da *Fundação dos Hospitais* e outros assuntos”¹³³.

Nesse encontro, decidiu-se que dois dias depois se iniciasse essa obra em Fátima. As condições de trabalho dos primeiros tempos eram muito diferentes, mas o “grande amor à causa” que a todos animava, fez com que tudo se fosse ultrapassando e mais Servitas foram aderindo.

Lê-se ainda no *Mensageiro de Maria*:

“Os peregrinos que nos últimos meses foram à Cova da Iria, viram com sumo agrado e aproveitaram os serviços duma benemérita Associação fundada há pouco pelo Exm^o. Prelado de Leiria. [...] Os doentes, sobretudo, para recobrar a saúde, vão cada vez mais numerosos à *Lourdes* portuguesa dirigir uma prece fervorosa àquela a quem invocamos com o título de «Saúde dos Enfermos».

Sua Ex^a. Revm^a. comoveu-se com os sofrimentos de tantos enfermos. Sentia-se a falta de um serviço de maqueiros bem organizado [...]. Para isso, fundou o carinhoso Prelado

¹³¹ *Ibidem*, p. 87.

¹³² *Ibidem*, p. 87.

¹³³ *Ibidem*, p. 87.

que preside à nova diocese de Leiria a *Associação dos Servitas de Nossa Senhora do Rosário de Fátima* ou mais simplesmente dos *Servitas de Fátima*”¹³⁴.

A 13 de maio de 1926, iniciou-se o serviço de assistência aos peregrinos doentes: “Posto médico de Assistência e de Verificação de Curas”.

Surgiu, primeiro, a associação masculina, cujo fim é “auxiliar os doentes e peregrinos”. Aqui destacamos, logo no seu início, um colaborador ativo, considerado o fundador do primeiro posto de doentes de Fátima, o Dr. José Pereira Gens que nos relata a sua criação deste modo:

“ «Um dia, em fins de 1925, no regresso de uma peregrinação, parámos uns momentos, como de costume, em casa do saudoso amigo P. Manuel Carreira Ramos, o prestigioso prior do Reguengo do Fetal. Conversámos inevitavelmente de Fátima, (...) e da conveniência evidente de se providenciar no sentido de ser ali montado um Posto de Socorros Médicos, devidamente apetrechado. (...) Passados alguns dias, Sua Rev. procurava-nos para nos comunicar que o venerando Bispo de Leiria, D. José Alves Correia da Silva, a quem narrara a nossa conversa, nos pedia que passássemos pelo Paço, porque desejava falar-nos sobre tal assunto. Nessa entrevista ficou assente que montaríamos e dirigiríamos em Fátima, um Posto Médico para socorro dos doentes e verificação de possíveis curas. (...) No decorrer da entrevista falou-se ainda da necessidade dum corpo de auxiliares e dum edifício para montar os serviços. É verdade que Sua Ex.^a Revm.^a havia nomeado já algumas pessoas para, nos dias 13, garantirem a boa regularidade dos actos de culto; eram os Servos de Nossa Senhora do Rosário de Fátima; não havia, porém, ainda uma organização regular e suficiente, como o novo serviço ia exigir. (...)»”¹³⁵.

“«Em 13 de Abril de 1926 fomos a Fátima e aí investido nas novas atribuições, ao mesmo tempo que era nomeado mais um grupo de cerca de meia centena de Servos de Nossa Senhora para reforçar os já existentes. (...) Tudo começámos a preparar para iniciar os serviços no dia 13 de Maio seguinte. (...) Entretanto o Sr. Bispo (...) no dia seis desse mesmo mês de Maio, criava também a secção feminina dos Servos de Nossa Senhora, que logo a treze iniciou os seus serviços. (...) Desta maneira começou, pois a

¹³⁴ SERVITAS de Fátima. *Mensageiro de Maria*. Fátima. S.d., p. 103.

¹³⁵ GENS, José Pereira – *Fátima como eu a vi e como a sinto: Memórias dum médico*. Leiria: Gráfica de Leiria, 1967, 135-136; *Fátima como eu a vi e como a sinto: História dos Servitas*. In *Boletim Associação dos Servitas de Nossa Senhora de Fátima*, nº 4, Fátima, 1987, p. 2.

funcionar em 13 de Maio de 1926 o serviço de assistência aos peregrinos doentes, que se intitulou, de princípio: «Posto Médico de Assistência e de Verificação de Curas»¹³⁶.

Salientava-se nos primeiros estatutos dos “Servos de Nossa Senhora ou Servitas”, como desde a primeira hora foram chamados, expressão já usada no *Jornal de Fátima* de 1924, como primeiro objetivo e fim principal o auxílio aos doentes e peregrinos e especialmente aos pobres, orando pela conversão dos pecadores e alívio dos doentes, procurando que durante as peregrinações e atos de culto se observasse a máxima ordem e respeito. Desde logo se previu também uma associação análoga de mulheres cristãs as “Servas de Nossa Senhora do Rosário de Fátima”, cujas regras a seguir foram aprovadas por D. José Alves Correia da Silva a 25 de março de 1926, tendo sido a Associação instituída canonicamente a 6 de maio de 1926, como nos relata o jornal *Voz da Fátima*:

“No dia 6 de Maio último, depois da santa missa celebrada pelo Rev. Dr. Manuel Marques dos Santos, capelão director, na Capela das Aparições, na Cova da Iria (Fátima), o Snr. Bispo de Leiria, D. José Alves Correia da Silva, instituiu canonicamente a *Associação das Servas de Nossa Senhora do Rosário de Fátima* [...], dando uma nota muito agradável com a sua dedicação e o seu bonito *hábito* de enfermeira, tendo merecido simpatia de todos os peregrinos”¹³⁷.

“Quem assiste às peregrinações oficiais ao Santuário de Fátima, é agradavelmente impressionado pela presença carinhosa e solícita de dezenas de Senhoras, envergando o alvo traje de enfermeiras, a assistir aos doentes peregrinos, [...]. São as *Servitas* de Fátima ou, rezam os Estatutos próprios, *Servas de Nossa Senhora do Rosário de Fátima*”¹³⁸.

Lícino Alves, no jornal *Voz da Fátima*, apresenta-nos um breve apontamento intitulado os “SERVITAS-Modelo de dedicação aos peregrinos”, em que escreve:

¹³⁶ *Ibidem*, 137-138; *Ibidem*, nº 5, p. 4.

¹³⁷ *Voz da Fátima*, 13 de Junho de 1926, ano IV, nº. 45, p. 4.

¹³⁸ *Ibidem*, 13 de Abril de 1956, ano XXXIV, nº. 403, p. 3.

“[...] não posso deixar de manifestar (foi esta a causa da minha carta) a minha admiração por essa «plêiade» de pessoas distintas, que todos os anos, no movimentadíssimo mês de Maio, vou encontrar em missões delicadas, como seja no «lava – pés», de que sempre tenho beneficiado, [...]”¹³⁹.

Em entrevista para a revista *Stella*, em maio de 1950, Maria Celeste da Câmara e Vasconcelos, ao tempo vice-presidente das Servitas, fala-nos também da Associação das Servitas de Fátima. Diz ela:

“Vêm aqui grandes aleijões humanos, têm vindo autênticos monstros, rezar Aquela que é a Saúde dos Enfermos e a Mãe de Misericórdia... Junto deles, as Servitas – de bata branca marcada com a rubra cruz das caravelas, o véu ondulante seguro por uma estrela azul de oiro no seu vestido branco – são como anjos consoladores dessas grandes agonias que se arrastam de muito longe até ao local santificado pela Mãe de Deus”¹⁴⁰.

Os Estatutos das “Servas” são em tudo semelhantes aos dos “Servos”, apenas com uma ênfase ainda maior no cuidado aos doentes, cuja expressão usada é a de “aos doentinhos”, bem de acordo com um carinho especial feminino.

Em ambas as Regras se estimula o exemplo, para os homens, no amor ardente de S. João de Deus, e para as Senhoras, nas virtudes da Rainha Santa Isabel. Para todos, se recomenda ainda, a devoção ao Beato Nuno de Santa Maria, hoje S. Nuno de Santa Maria, “pelo seu grande amor à Pátria Portuguesa que é Terra de Santa Maria”. Desde logo, a devoção e dedicação destes primeiros voluntários no acolhimento dos peregrinos se destacou na Cova da Iria, tanto mais que não havia nada em estruturas e edifícios.

As duas associações uniram-se, mais tarde, sob a forma canónica de “Pia União”, com o nome de “Pia União dos Servitas de Nossa Senhora de Fátima”. Com a reforma do Código de Direito Canónico de 1983, a Pia União passou a ter a natureza

¹³⁹ *Ibidem*, 13 de Fevereiro de 1973, ano LI, nº. 605, p. 13.

¹⁴⁰ VASCONCELOS, Maria Celeste – Documento dactilografado. In *Stella*, nº 161, Fátima, 1950.

canónica de “Associação Pública de Fiéis”, adotando o nome de “Associação dos Servitas de Nossa Senhora de Fátima”.

O primeiro presidente dos homens servitas foi o coronel Teles Sampaio Rio, seguindo-se-lhe José Maria de Sousa Guedes e Carlos Azevedo Mendes, um dos fundadores. Já no âmbito da Pia União, foram chefes António Moura Neves, António Corrêa d'Oliveira, que, com o padre Joaquim Rodrigues Ventura, então assistente espiritual, introduziu mais tarde, no início dos anos 60, uma profunda reestruturação na organização e no funcionamento dos Servitas.

A primeira presidente das Servitas foi Maria da Piedade de Lima e Lemos (madre Maria Amada da Santíssima Virgem, dominicana), tendo-se seguido outras ao longo dos tempos.

A ligação dos Servitas com a Irmã Lúcia foi desde sempre muito estreita, não só de grande comunhão espiritual mas também de laços de amizade muito grande. Vários Servitas com ela colaboraram ao longo da vida e em muitas ocasiões. Durante muitos anos foi um Servita o médico particular da Irmã Lúcia, o Dr. Barata, bem como a Servita Marquesa de Cadaval a única tradutora das cartas vinda das mais diversas partes do mundo.

A Associação dos Servitas, ao longo da sua história, presta serviço nas peregrinações aniversárias, principalmente no que diz respeito a posto de socorros, lava-pés, confissões e nas diversas celebrações litúrgicas; acolhimento nos fins de semana de maio a outubro, nos retiros de doentes e em todas as outras ocasiões e peregrinações especiais que ao longo do ano vão acontecendo no Santuário de Fátima.

Embora a atividade dos Servitas se desenvolva, por definição estatutária, no Santuário de Fátima, podem estes, a título excepcional, ser chamados a servir noutros lugares, fora de portas. Assim aconteceu na primeira viagem a Roma para a consagração

do Mundo e da Rússia feita por João Paulo II, bem como na segunda viagem a pedido também do Santo Padre João Paulo II, para a consagração do novo milénio ao Imaculado Coração de Maria, na celebração do Jubileu dos Bispos. Também no Congresso para a Nova Evangelização, que teve lugar em Lisboa, em novembro de 2005, foi a Imagem da Capelinha confiada aos Servitas na sua deslocação a Lisboa assim como lhes foi atribuída a responsabilidade da organização da grande procissão das velas que precedeu a consagração pública da cidade a Nossa Senhora.

Os Servitas estiveram presentes em todas as horas grandes que marcaram a grandiosa história de Fátima: A consagração solene do Papa Pio XII no 25º. Aniversário; a coroação da imagem, Rainha do Mundo, com a radiomensagem do Papa em 1946; o início das viagens com a Imagem Peregrina; o encerramento do Ano Santo em 1950; a entrega da rosa de Ouro; o cinquentenário com a vinda de Paulo VI. Mais recentemente nas três vindas a Fátima do Papa João Paulo II; a beatificação dos Pastorinhos; as duas idas da Imagem da Capelinha a Roma, sendo a primeira em 1984, com a consagração do Mundo ao Coração Imaculado de Maria e a segunda no ano 2000, no encerramento do Jubileu e por último, a visita, no ano 2010, do Papa Bento XVI.

Na vinda de Paulo VI a Fátima, em 1967, foram-lhe entregues as insígnias dos Servitas. Por ocasião do cinquentenário da Associação, em 1976, os Servitas receberam do Papa Paulo VI a “palavra paternal” que, através do bispo de Leiria, D. Alberto Cosme do Amaral, lhe haviam pedido: “[...] sejam iluminados sempre por tais coordenadas do amor cristão, atentos às moções do Espírito [...]”. Em 1979, tiveram uma nova mensagem papal, de João Paulo II: “[...]quero exortar a serem generosos; recomendar às suas preces as grandes intenções da Igreja, da humanidade e do Papa; e dar-lhes [...] uma ampla Bênção apostólica”. Em 1982, o Papa João Paulo II dirigiu-se, no Santuário de Fátima, deste modo aos Servitas:

“ «Oxalá continueis a deixar-vos iluminar por esta razão da nossa esperança e que seja ela a dar-vos coragem para levardes por diante, com serenidade, alegria e amor, as tarefas que aceitais generosamente, como vivência da condição cristã, e quereis que redundem em homenagem filial à Mãe de Deus e Mãe nossa» ”¹⁴¹.

Os Servitas consideram que, ao confiarem-se a Nossa Senhora para servir os peregrinos de Fátima, encontram na expressão “em silêncio e docemente fazer o bem” a tradução da meta a atingir nas suas atitudes e conduta de cristãos ao serviço de Maria e da Igreja. Podem ser reconhecidos, quando em serviço, pelas suas insígnias. Assim,

“As senhoras Servitas são reconhecidas pela Cruz de Cristo sobre a farda branca e uma estrela azul no véu e a Braçadeira; os homens Servitas pelas Correias aos ombros, utilizadas para o transporte de macas. Quanto aos candidatos, as senhoras são reconhecidas pela farda branca e a Braçadeira e os homens pela Braçadeira” [art.º 12.º dos estatutos].

Os médicos, enfermeiras e sacerdotes usam braçadeiras que identificam o seu serviço em Fátima, ou outras insígnias mais adequadas, definidas no Regulamento Geral. Estas insígnias são entregues aos Servitas e aos Candidatos, no início das atividades e devolvidas no fim das mesmas. A Estrela Azul com as letras “S.F.” é a insígnia identificativa de todos os Servitas, que a podem utilizar fora dos tempos de serviço [art.º 13.º dos estatutos].

A Associação publica, desde 1987, o *Boletim da Associação dos Servitas*, que sucedeu à Folha informativa criada em dezembro de 1969.

O primeiro Congresso da Associação decorreu entre os dias 1 e 3 de maio de 1981. O tema escolhido foi “Com o Coração Imaculado de Maria, servir a causa do Reino de Deus”¹⁴².

¹⁴¹ SERÔDIO, Frederico da Silva – Servitas. In AZEVEDO, Carlos A. Moreira; CRISTINO, Luciano (Coords.), *Enciclopédia de Fátima*. Estoril: Principia, 2007, p. 533.

¹⁴² *Voz da Fátima*, 13 de Junho de 1981, ano LIX, nº. 705, p. 4.

Poderá afirmar-se, como conclusão, que uma boa parte do acolhimento dos peregrinos em Fátima tem como ponto central o testemunhar a fé e a gratidão pela experiência feita. Reside nesse ponto a sua própria natureza, bem como a sua possibilidade de eficácia. É difícil enunciar de forma completa todos os serviços que se prestam em Fátima e tendo Fátima como centro. Seja qual for a natureza da tarefa, o voluntariado traz-lhe uma dimensão que é decisiva e muitas vezes visível. Hoje em dia poder-se-á dizer, de forma muito genérica, que o Santuário tem tarefas de carácter mais logístico e/ou quotidiano entregues a assalariados. No entanto, tudo o que tem uma componente mais espiritual e testemunhal é garantido por voluntários. Seja qual for a condição de servidor do Santuário (assalariado ou voluntário), é importante que partilhe a fé católica, a pertença à Igreja, a devoção a Nossa Senhora e a adesão à Mensagem de Fátima e que manifeste disponibilidade de vida para estar no Santuário.

1.2. Movimento da Mensagem de Fátima

Ao longo dos anos e a partir do testemunho dos videntes, foi-se definindo o essencial da mensagem religiosa de Fátima; uma mensagem simples que “contém uma verdade e um chamamento que, no seu conteúdo fundamental, são a verdade e o chamamento do próprio Evangelho” (João Paulo II, Fátima, 13 de maio de 1982). Concretamente, o Movimento da Mensagem de Fátima tirou o seu impulso, inspiração e espiritualidade das aparições do Anjo e de Nossa Senhora, em Fátima, em 1916 e 1917, promovendo o culto mariano e uma espiritualidade reparadora através da devoção do rosário e dos primeiros sábados. A sua preocupação principal é levar a Mensagem de Fátima às paróquias tal qual ela é, pois muitas vezes ela se confunde com promessas, oferta de velas e outras coisas exteriores, como nos adianta o seu assistente, P. Manuel Antunes.

O Movimento da Mensagem de Fátima (M.M.F.) é uma

“Associação de fiéis de formação e apostolado, criado pela CEP, [art.º 1.º dos estatutos], cuja sede se situa no Santuário de Fátima. A denominação atual data de 13 de Maio de 1994. Sucede à anterior designação «Movimento dos Cruzados de Fátima», que tinha, em 1984, substituído a «Pia União dos Cruzados de Nossa Senhora de Fátima», cuja provisão, publicada por D. José Alves Correia da Silva, bispo de Leiria, data de 18 de Fevereiro de 1934¹⁴³, com os estatutos a serem oficialmente aprovados a 20 de Abril de 1934”¹⁴⁴.

Inspirou-se, na sua génese, na Associação de Nossa Senhora do Rosário (1926), cuja finalidade era “ «conhecer, viver e difundir» ” a mensagem, [art.º 2.º dos estatutos] transformada em Confraria de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, foi ereta canonicamente pelo referido bispo, a 15 de janeiro de 1928, com a aprovação dos estatutos, publicados na *Voz da Fátima*, a 13 de fevereiro do mesmo ano.

No entanto, este Movimento teve a sua inspiração mais direta numa liga de piedade, caridade e apostolado, que se denominou “Ala do Santíssimo Rosário”, com acima referimos, criada pelo cónego Manuel Nunes Formigão, na diocese de Santarém. Recomenda aos seus membros a união espiritual com os fiéis que, nos dias 13 de cada mês acorram ao Santuário, que rezem o rosário todos os dias em ato de reparação pelas ofensas cometidas contra o Sagrado Coração de Jesus e o Coração Imaculado de Maria, vindo a ter um regulamento próprio em fevereiro de 1930.

Propõe-se, entre outros fins, interceder pelas necessidades da Ação Católica e colaborar com ela. Coloca-se sob a proteção de Nossa Senhora de Fátima, com o fim de viver e promover a sua Mensagem.

O Movimento da Mensagem de Fátima depende da CEP [art.º 3.º dos estatutos], na pessoa do bispo diocesano, que tem estatuto de assistente geral. Estrutura-se e

¹⁴³ *Voz da Fátima*, 13 de Março de 1934, ano XII, nº. 138, p. 4.

¹⁴⁴ SERÓDIO, Frederico da Silva – Movimento da Mensagem de Fátima. In AZEVEDO, Carlos A. Moreira; CRISTINO, Luciano (Coords.), *Enciclopédia de Fátima*. Estoril: Principia, 2007, p. 360.

orienta-se nos níveis paroquial, diocesano e nacional [art.º 8.º dos estatutos], por um conselho, dinamizado e coordenado por um secretariado, constituído por presidente, vice-presidente, secretário e tesoureiro [art.º 10.º, 11.º e 12.º dos estatutos], responsáveis dos vários campos de ação, dos sectores de jovens e crianças, assistidos por um sacerdote ou diácono.

A sua organização assenta em grupos paroquiais – as trezenas – núcleos de 13 pessoas que elegem entre si o animador e se reúnem, pelo menos uma vez por mês, sob orientação do pároco ou seu delegado. Colabora com os movimentos de apostolado e serviços de pastoral nas paróquias e nas dioceses e com os serviços pastorais do Santuário de Fátima, nomeadamente o Serviço de Associações (SEAS) e o Serviço de Doentes (SEDO).

Tem como suporte financeiro as quotas dos seus associados, distribuídas pelas várias instâncias, conforme acordado pelo conselho.

Este Movimento tem a seu cargo a responsabilidade de orientar os retiros de doentes e deficientes físicos, que começaram a 10 de maio de 1976, sendo feitos em colaboração com o Santuário de Fátima e com a Associação de Servitas.

No ano de 1986, para melhor poder responder aos objetivos do Movimento, surgiu o *Boletim do Movimento da Mensagem de Fátima*, que é editado anualmente.

Na prossecução dos seus fins, o Movimento da Mensagem de Fátima dá especial atenção aos seguintes campos de pastoral: oração, peregrinações, doentes e deficientes físicos [art.º 5.º dos estatutos].

A. Oração

O aspeto exterior do fenómeno de Fátima poderá constituir uma fachada que faça distrair daquilo que surge como fundamental. Deparamo-nos no meio de diversos fenómenos, tais como: visões, milagre do Sol, multidões reunidas numa grande

explanada ou em peregrinação a pé pelas estradas que, chegadas ao local desejado, cumprem as suas promessas. Esta dimensão, embora seja por vezes fortemente interpelante e espetacular, não é de forma alguma a essencial e fundamental.

O coração da realidade de Fátima está na mensagem evangélica transmitida por Maria, mensagem essa que está centrada na oração que leva à penitência ou conversão de vida. A oração é um ponto essencial para compreender as aparições e o fenómeno de Fátima. Nesse sentido, o Movimento da Mensagem de Fátima procura fazer uma pastoral da oração nas paróquias, promovendo a oração do terço, sobretudo em família, visita da imagem peregrina às famílias (de casa em casa), adorações eucarísticas e a devoção dos primeiros sábados¹⁴⁵.

Também, quando a imagem peregrina sai do Santuário para ir às paróquias, é pedido o seu acompanhamento a este Movimento. Esta ação divide-se em três etapas: a preparação, a vivência dos momentos em que a imagem se encontra na paróquia e aquilo a que poderemos chamar o “pós-visita”, ou seja, o balanço desta ação no que concerne à vivência da Mensagem, o eco que a Imagem produziu com a sua presença.

As crianças merecem também um olhar especial no seio do Movimento da Mensagem de Fátima. Com elas se desenvolve um trabalho específico através de reuniões e adorações eucarísticas ao jeito do Anjo com os três pastorinhos: “Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão para os que não creem, não adoram, não esperam e não Vos amam”¹⁴⁶.

¹⁴⁵ LÚCIA, Irmã – *Memórias da Irmã Lúcia*, vol. I, compilação do padre Luís Kondor e introdução e notas do padre Joaquín M. Alonso e do padre Luciano cristino, 8ª edição, Fátima: Secretariado dos Pastorinhos, 2000, p. 168.

¹⁴⁶ *Ibidem*, p. 156.

B. Peregrinações

Como todo o cristão é chamado a participar na grande peregrinação que Cristo, a Igreja e a humanidade continuam a realizar na história, o Movimento da Mensagem de Fátima procura desenvolver os diversos modos de peregrinar (a pé, transporte individual ou em grupo) [art.º 5.º, n.º 9 do Regulamento]. No dizer de José da Silva Lima,

“Um caminho é pressuposto em qualquer história que se narra ou que se encontra. Existe sempre uma trajetória, ainda que ténue, na longa marcha que uma narrativa encerra. [...] Assim, a ação de percorrer é própria de quem faz história, como contá-la obriga a fazer memória do caminho. [...] Deste modo, o ato de peregrinar não é um acessório da vida nem um anexo pedido emprestado”¹⁴⁷.

Deus não para de enviar mensagens nem de relembrar o caminho na missão de cada homem. Portanto, segundo o mesmo autor,

“Nesta perspetiva, é recado de Deus a aparição da Virgem, em Fátima, aos pastorinhos. Os «pastorinhos» de Fátima são os novos «discípulos de Emaús», agora Cova da Iria, que no vislumbre simples narram a história do seu regresso à Jerusalém Celeste, onde partilham a Glória”¹⁴⁸.

Assim, um fenómeno em que o Movimento da Mensagem de Fátima se encontra mais envolvido são as peregrinações a pé¹⁴⁹. Vêm anualmente a Fátima, peregrinando a pé, cerca de 60.000 peregrinos oriundos de todo o Portugal, sendo que alguns aparecem vindos do estrangeiro.

Perante esta realidade, existe um serviço de apoio aos peregrinos, nas estradas, com postos de assistência e várias equipas itinerantes que acompanham os doentes ao longo das estradas que os conduzem a Fátima.

¹⁴⁷ LIMA, José da Silva – Peregrinação. In AZEVEDO, Carlos A. Moreira; CRISTINO, Luciano (Coords.), *Enciclopédia de Fátima*. Estoril: Principia, 2007, p. 402.

¹⁴⁸ *Ibidem*, p. 409.

¹⁴⁹ *Voz da Fátima*, 13 de Outubro de 2013, ano 92, n.º. 1093, p. 4.

C. Doentes

Entre os estudiosos de Fátima, encontramos um texto de Carlos Cabecinhas no qual refere que,

“Os doentes sempre ocuparam um lugar de destaque entre os peregrinos de Fátima, antes de mais porque qualquer santuário é naturalmente «lugar de caridade», que se exprime «na solicitude e preocupação com os peregrinos mais idosos, doentes e portadores de deficiências»”¹⁵⁰.

De uma maneira muito particular, desde a primeira hora, no Santuário de Fátima, os doentes marcaram presença. Se verificarmos bem, logo na terceira e quarta aparições, Lúcia pediu a cura de alguns doentes¹⁵¹, de tal forma que a partir daqui foram crescendo os pedidos de intercessão e até de doentes que se deslocavam a Fátima, na esperança de alcançar a sua cura. Terá sido assim que o bispo de Leiria, D. José Alves Correia da Silva, verificando esta realidade, fora como que projetado a fundar no Santuário o Albergue dos doentes, com início em 1924, sendo mais tarde inaugurado a 13 de maio de 1929.

É interessante verificar como Lúcia, em todas as aparições, desde a segunda aparição, formulou sempre pedidos concretos sobre doentes e deficientes físicos a Nossa Senhora. Ao lermos atentamente os relatos das seis aparições, é importante notar que, apesar de responder sempre ao pedido das curas, Nossa Senhora fê-lo de modo muito “seco”, como que a dizer: “Não é para isso que eu apareço”¹⁵², como refere Joaquim Carreira das Neves.

¹⁵⁰ CABECINHAS, Carlos – Doentes, bênção dos. In AZEVEDO, Carlos A. Moreira; CRISTINO, Luciano (Coords.), *Enciclopédia de Fátima*. Estoril: Principia, 2007, p.178.

¹⁵¹ SANTUÁRIO DE FÁTIMA – *Documentação Crítica de Fátima*, Vol. I, Doc. 13-15, Fátima, 1992, pp. 168-169.

¹⁵² NEVES, Joaquim Carreira das – Curas e Milagres. In AZEVEDO, Carlos A. Moreira; CRISTINO, Luciano (Coords.), *Enciclopédia de Fátima*. Estoril: Principia, 2007, p.166.

As curas partiam dos pedidos do povo aos videntes, sobretudo a Lúcia; ela nunca se negava em pedir à Senhora, e esta respondia de modo estranho: “Se se converter, curar-se-á durante o ano (13 de junho)”¹⁵³, adianta o mesmo autor.

Lúcia tinha várias intervenções sobre situações concretas que lhe eram apresentadas. Nossa Senhora respondia positivamente. Dizia que a uns curaria, e a outros não. Mas advertia: “É preciso que se emendem, que peçam perdão dos seus pecados”¹⁵⁴. Este sentido de liberdade divina e de empenhamento cristão humano é próprio do Evangelho e vai contra tudo o que se possa confundir com magia. Na teologia cristã, o mundo de Deus vai ao encontro do mundo dos humanos, mas não se confunde com ele. Deus é o criador e o Pai, e os doentes são suas criaturas e seus filhos, que Ele atende, através da Senhora, mas sempre segundo a sua vontade bondosa e santa.

Tudo isto que acontece na história da Igreja, aconteceu outrora nos Evangelhos de Jesus e nos atos dos Apóstolos, mas também nos tempos de hoje, nomeadamente em Fátima. É importante repararmos que Jesus curava as pessoas em função do tema central de toda a sua vida: Reino de Deus. Como escreve Joaquim Carreira das Neves,

“Viveu entre nós para que Deus reinasse na história dos homens e das mulheres, «à sua maneira», distinta dos reis, sacerdotes, profetas, rabis do Antigo Testamento. Para manifestar o seu querer, apresentou alguns sinais distintivos do «Reino», sobressaindo as parábolas e as curas”¹⁵⁵.

O que aconteceu em Fátima, não é mais do que a apropriação desta novidade do reino de Deus na terra dos humanos, filhos e filhas de Deus. A história da salvação passou por Fátima, não admirando, pois, que a Senhora respondesse a Lúcia que “cura uns e não cura outros”¹⁵⁶, ou que cura dependendo da fé e da conversão das pessoas.

¹⁵³ *Ibidem*, p.166.

¹⁵⁴ *Ibidem*, p. 166.

¹⁵⁵ *Ibidem*, p. 173.

¹⁵⁶ *Ibidem*, p. 174.

Fátima surgiu assim e continua a ser um desafio para a Igreja Católica, na procura de novas respostas pastorais, em função de uma contínua e renovada leitura teológica.

D. Férias para pais com filhos deficientes físicos

O Santuário de Fátima, atento também ao sofrimento das pessoas, pais com filhos deficientes, decidiu criar em 2005 um serviço chamado “de férias” para estes pais, dando-lhes a oportunidade de passarem aqui um semana com uma assistência aos deficientes, com equipas preparadas para o efeito. Também os pais, querendo, podem acompanhar aqui os seus filhos durante esta semana. Os seus testemunhos evidenciam o quão importante é esta ação solidária para a vida destas famílias especiais, sobretudo no contexto de dificuldades socioeconómicas acrescidas em que atualmente se vive.

Desta alegria se fez eco a *Voz da Fátima*¹⁵⁷ ao noticiar alguns destes testemunhos.

Assim, Ermelinda e Domingos Barreto, pais do Carlitos, que esteve em Fátima na semana de 20 a 26 de agosto de 2013, testemunharam desta forma a sua gratidão: “Sentia-se a enorme felicidade do nosso filho quando ontem o fomos buscar. [...] Bem-hajam todos aqueles que com tanto carinho trabalham e cuidam destes deficientes”. Também Virgínia Feteira agradeceu a “felicidade” que pôde ver nos seus familiares: “Os poucos dias já é muito bom, são oxigénio e a esperança do ano seguinte. [...] Que Deus vos ajude, tal como nos ajudaram a nós”. Odete Malho optou por ficar em Fátima com o filho Marco. Pôde participar em toda a semana de forma gratuita, tal como todos os outros participantes e no fim exclamou:” Foi uma semana de convívio onde pudemos conhecer outras pessoas, partilhar um pouco as nossas histórias e também divertir-nos;

¹⁵⁷ *Voz da Fátima*, 13 de Outubro de 2013, ano 92, nº. 1093, p. 1.

foi muito bom”. Liliana Costa, professora de Educação Especial, foi uma das voluntárias e assim se exprimiu: “Toda a conjuntura de fatores – a equipa, a organização, o plano de atividades – fizeram com que eu vivesse uma das experiências mais ricas da minha vida. Foi maravilhoso, trouxe daí o coração cheio de amor e a fé revigorada”.

Toda esta pastoral dos doentes e assistência aos deficientes é assumida por completo pelo Santuário. A Reitoria do Santuário confia a este Movimento toda a sua logística e acompanhamento pastoral, assim como do retiro dos doentes e deficientes físicos. Esta é a proposta do Movimento da Mensagem de Fátima que não exige a ninguém nada mais do que ser cristão no seu mundo e em Igreja.

2. Formas de vida religiosa: Uma grande corrente, dois novos rios

As aparições de Fátima foram, na verdade, o mais importante fenómeno religioso do século XX português que veio impor-se no seio do catolicismo nacional, estimulando a sua reconfiguração, servindo de moldura aglutinadora de uma vivência da experiência cristã e mariana, impondo novos quadros referenciais de mentalidades, de práticas religiosas e mesmo imagéticas de devoção. Este fenómeno, depois das seis aparições da “Senhora vestida de branco” passaria então a estar sob os olhares atentos do mundo.

Foi neste cenário que começaram a surgir de novo congregações religiosas, contemporâneas deste acontecimento e que, de alguma forma, se apresentam como portadoras da Mensagem que a Virgem viera comunicar em Fátima. Uma delas, as Servas de Nossa Senhora de Fátima, foi fundada por Luiza Andaluz em 1923, constituindo-se como alguém que se associa para responder ao convite que a “Senhora” terá feito: “Quereis oferecer-vos a Deus [...]?”. São mulheres que se consagram a Deus, para participar na missão de Jesus Cristo Sacerdote, enviado do Pai, tendo Maria como exemplo de vida e missão. O seu carisma pode resumir-se na confiança em Deus, no seguimento de Cristo Sacerdote, no amor a Maria, na comunhão eclesial e na encarnação no meio.

Uma outra, Reparadoras de Nossa Senhora das Dores de Fátima, fundada em 1926 pelo cónego Manuel Formigão, apareceu como resposta ao pedido que a Senhora terá transmitido à vidente Jacinta: «É preciso que haja quem faça reparação». A sua espiritualidade tem uma tríplice dimensão: reparadora, eucarística e mariana. Tem como inspiração a Mensagem da Senhora de Fátima e como modelo os Pastorinhos de Fátima que se identificaram plenamente com Cristo na Sua entrega ao Pai pela salvação de todos.

Passemos então à análise destas duas realidades congregacionais.

2.1. As Servas de Nossa Senhora de Fátima (1923) e as Reparadoras de Nossa Senhora das Dores de Fátima (1926)

A Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima é um Instituto de Vida Religiosa Apostólica, de direito pontifício, [...] (Constituições, nº 1). “Foi fundada por Luiza Andaluz na cidade de Santarém, em 1923. O início desta instituição teve muito a ver com o contexto religioso, político e social das primeiras décadas do século XX”¹⁵⁸.

Luiza Andaluz, animada pela experiência de Deus, na sua contemplação e na resposta às exigências dos novos tempos e lugares, com profundo conhecimento de comunhão eclesial, dedicou toda a sua vida a levar a Boa Nova aos pobres, em união com os Pastores da Igreja Católica, [Constituições nº 2]. Atenta à nova situação, particularmente na cidade de Santarém, cedo se sensibilizou por frentes de resposta a carências emergentes. Na sua inquietação teve a compreensão e o apoio da família. A sua condição social proporcionou-lhe um mundo de contactos entre famílias e pessoas influentes do seu tempo. Essa rede de relações ser-lhe-ia altamente benéfica para os objetivos que empreenderia.

Como recorda D. José Policarpo, Luiza Andaluz “foi uma mulher concreta, que viveu a aventura da sua fidelidade por caminhos de humildade e de fé, semelhantes aos que nós próprios trilhamos”¹⁵⁹. Por outro lado, escreve António Pedro Manique que

“a ação de Luiza Andaluz tem que ser situada no tempo, enquadrada pelas conjunturas políticas e sociais em que viveu, analisada à luz dos condicionalismos presentes em

¹⁵⁸ BARBOSA, David Sampaio Dias – Servas de Nossa Senhora de Fátima. In AZEVEDO, Carlos A. Moreira; CRISTINO, Luciano (Coords.), *Enciclopédia de Fátima*. Estoril: Principia, 2007, p. 528.

¹⁵⁹ POLICARPO, José da Cruz – *Luiza Andaluz. Perfil de uma Personalidade*. Santarém: Servas Nossa Senhora Fátima, 1977, p. 21.

cada momento do seu percurso humano. Com efeito, ela viveu em três regimes políticos diferentes [...]”¹⁶⁰.

A Congregação das Irmãs Reparadoras de Nossa Senhora das Dores de Fátima, foi fundada no dia 6 de janeiro de 1926, em Lisboa, como resposta ao pedido de Nossa Senhora transmitido particularmente pela Jacinta: «É preciso que haja quem faça reparação». É uma Congregação religiosa, apostólica, de direito diocesano, cujos membros professam os conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência mediante votos públicos [Constituições, art.º 1]. “O objectivo da Congregação é buscar em tudo a glória de Deus, a santificação dos seus membros e a salvação da humanidade, conforme o nosso carisma reparador, no seio da Igreja”, lê-se no art.º 2 das Constituições.

“Foi seu fundador o padre Manuel Nunes Formigão, do presbitério do patriarcado de Lisboa. O contexto fundacional teve muito a ver com as correntes de espiritualidade que há muito se cultivavam no cristianismo europeu e que, por aqueles anos, em virtude da mensagem de Fátima, se acentuavam nalguns sectores da Igreja em Portugal”¹⁶¹.

O cónego Manuel Formigão, nascido no tempo da Monarquia Constitucional, dado o seu percurso de formação humanista e teológico nos conturbados anos do fim da Monarquia, dotado que era de talentos invulgares, foi incumbido, pelo seu bispo o cardeal Mendes Belo, de atividades bem diversas, que passaram, entre outras, pela docência quer no Seminário de Santarém, quer no Liceu local.

Iriam ter particular relevo, na sua vida e no seu itinerário, dois acontecimentos: um deles, a Obra de assistência à infância necessitada que, na cidade de Santarém, tinha como mentora Luiza Andaluz, à qual se tinham associado um grupo de senhoras

¹⁶⁰ MANIQUE, António Pedro – *Luiza Andaluz. Pedagogia e Benemerência nos contornos de uma vida*. Santarém: Instituto Politécnico de Santarém, 1999, p. 5.

¹⁶¹ BARBOSA, David Sampaio Dias – Reparadoras de Nossa Senhora das Dores de Fátima. In AZEVEDO, Carlos A. Moreira; CRISTINO, Luciano (Coords.), *Enciclopédia de Fátima*. Estoril: Principia, 2007, p. 487.

piedosas, sendo outra das ocorrências, que teve lugar também por essa altura, no ano de 1917, o acontecimento do fenómeno de Fátima.

A situação geográfica favorável proporcionou-lhe as necessárias deslocações à Cova da Iria, onde os três pequenos pastores afirmavam ter visto Nossa Senhora, e aí fazer os interrogatórios que entendeu aos três videntes. Tais interrogatórios proporcionaram ao cónego Formigão o conhecimento de uma Mensagem que insistia na Oração, na Penitência e na Reparação¹⁶², realidade esta que ganhou proporções maiores aquando do internamento e morte da vidente Jacinta, num hospital de Lisboa, quando a pequena confidenciou à “madrinha” a Mensagem que ao padre Manuel Formigão se destinava, que fora recebida de Nossa Senhora, e que tinha a ver com a “oração de reparação que importava implementar e viver em ordem à obtenção da clemência divina”¹⁶³, como lemos na *Enciclopédia de Fátima*.

2.2. Os fundadores: Luiza Andaluz (1877-1973) e o Cónego Manuel Formigão (1883-1958)

Luiza Andaluz, fundadora das “Servas de Nossa Senhora de Fátima” insere-se no movimento católico português, que transportava uma atitude de militância, desde o século XIX, e se iria intensificar, no século XX, em torno da ideia de “reconquista cristã” do país e do empenhamento social dos católicos. A sua filiação em diversos movimentos laicais, como o Apostolado da Oração, as Filhas de Maria, em Santarém e a Obra das Escolas da Congregação de São Luís, em Lisboa, dar-lhe-ia lastro apostólico, que cresceu a par com iniciativas próprias, em prol dos mais carenciados. A educação e a beneficência acabaram por ser os contornos mais salientes da ação de Luiza Andaluz. A vasta experiência apostólica, encetada na resposta ao bispo diocesano, marcou uma forma de estar na Igreja, em diálogo e colaboração, marcando uma diferença: dessa

¹⁶² *Ibidem*, p. 488.

¹⁶³ *Ibidem*, p. 488.fr

ligação ao bispo diocesano, fazia depender diretamente a aprovação dos projetos. Em suma, Luiza Andaluz assumiu-se como mulher de fé na Igreja, através de várias iniciativas, colocando ao serviço dos outros os seus próprios bens e dons pessoais. Rompeu os limites impostos à mulher do seu tempo, na participação social e eclesial e estendeu a sua ação a uma vasta zona do país, fundando e acompanhando escolas e obras sociais e outros projetos de carácter apostólico e cultural.

Manuel Nunes Formigão, cónego do patriarcado de Lisboa, colocou-se ao serviço de Deus e dos homens. Até à data em que ocorreram as aparições de Fátima, todo o seu percurso pode ser visto como uma caminhada de preparação, tanto pelo cumprimento do seu dever de estado, como no que concerne à sua passagem por Lourdes em cujo Santuário se deteve algum tempo como sacerdote Servita. São importantes os interrogatórios que fez aos pastorinhos e as crónicas sobre os acontecimentos que se iam desenrolando naquela localidade, tornando-se assim o seu primeiro cronista e historiador. Pelo seu profundo contacto com os acontecimentos de Fátima, foi escolhido por D. José Alves Correia da Silva para membro da Comissão Canónica que veio fazer o inquérito oficial das aparições e cujo relatório final redigiu, levando a Igreja à aprovação do culto a Nossa Senhora de Fátima. Criou e colaborou na fundação de várias Instituições, algumas delas em colaboração com Luiza Andaluz, patronatos para crianças e jovens de ambos os sexos, ao mesmo tempo que diligenciou para que lhes fosse dada a necessária instrução e os bens de que necessitavam, sendo a que mais nos despertou a atenção a Congregação das Religiosas Reparadoras de Nossa Senhora das Dores de Fátima.

Analisemos sucintamente a biografia de cada um deles, a sua vocação, espiritualidade, devoção mariana e comunhão com a Igreja.

- **Luiza Andaluz (1877-1973)**

Luiza Andaluz nasceu na cidade de Santarém a 12 de fevereiro de 1877, filha de pais distintos e profundamente cristãos. A condição social e a vivência dos pais marcaram a sua formação humana e espiritual. Na educação de Luiza existiu um cuidado extremo, e o retrato que ela própria nos legou da sua infância e juventude constitui uma fonte modelar para o estudo da sociedade da época. Como era hábito nas famílias diferenciadas da época, a sua formação foi obtida em casa, onde existiam preceptores de origem vária, nomeadamente inglesa e alemã, que ensinavam Desenho, História, Literatura, Geografia e Música, que incluía a prática de piano, além das línguas estrangeiras. Aos seis anos, já seguia a Missa por um livro inglês, mas recorda que aprendeu Português, primeiro com um velho padre, o padre Monteiro, e depois com um Professor de Ensino Primário de Santarém, o Sr. Florentino José Rodrigues¹⁶⁴, refere Maria Fernanda Tavares. Foi igualmente decisivo para a sua educação “o ambiente profundamente cristão, diria mesmo eclesial, em que vive a sua família. Aí enraíza o seu sentido de missão”¹⁶⁵, escreve José da Cruz Policarpo. A relação com o Cardeal Neto era tal que podemos considerá-lo, de certo modo, o seu primeiro catequista e diretor espiritual, de quem afirmava Luiza: “Muitos anos mais tarde soube que ele dizia que nunca tinha visto tamanha fé numa criança”¹⁶⁶. Posteriormente dirá D. José Policarpo, “Bem começa quem tem por catequista o seu próprio Bispo. O Bispo como critério de verdade e de decisão será mais tarde uma das suas forças em

¹⁶⁴ TAVARES, Maria Fernanda, org – *O Itinerário de Luiza Andaluz. A partir do seu manuscrito: História da Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima*. Lisboa: Servas de Nossa Senhora de Fátima, 1997, pp. 16-17. Passaremos a citar esta fonte apenas da seguinte forma: TAVARES, M.F. – *O Itinerário*”, seguida do número da página.

¹⁶⁵ POLICARPO, José da Cruz – *Luiza Andaluz. Perfil de uma Personalidade*. Santarém: Servas Nossa Senhora Fátima, 1977, p. 5.

¹⁶⁶ TAVARES, M.F. – *O Itinerário*, p. 15.

momentos difíceis”¹⁶⁷. Multiplicaram-se as casas em diversos distritos, a favor das classes mais pobres, na instrução das raparigas e na sua promoção, por meio do trabalho. Faleceu a 20 de agosto de 1973, com 96 anos, tendo deixado trinta comunidades em Portugal e África.

Do ponto de vista religioso, o seu ambiente familiar marcou profundamente a personalidade de Luiza Andaluz. Em conformidade com a mentalidade e as exigências da época, cumpriu os requisitos sacramentais da infância, tendo sido o Cardeal Neto a administrar-lhe o sacramento da Crisma, aos oito anos. Foi ainda o mesmo Cardeal que, em 1891, lhe confiou a sua primeira missão caritativa e social relacionada com a Igreja: o auxílio e animação da escola aberta no Convento das Capuchas e destinada ao ensino das crianças pobres da rua. Luiza Andaluz descreve assim esta missão:

“ Em 1891, tendo apenas 14 anos, fui convidada pelo Venerando Cardeal Neto a aceitar um encargo que, embora bastante difícil e de responsabilidade para uma criança, era contudo muito conforme com as minhas disposições e que me deu muito gosto. [...]”¹⁶⁸.

As Capuchas, conta ainda Luiza,

“não estavam nada preparadas para lidar com crianças buliçosas como são as criadas na rua, para aturar as impertinências de seus pais, para se dedicar ao ensino. Foi para as auxiliar e *animar que recebi missão*”¹⁶⁹.

Luiza Andaluz revela a íntima associação que estabelece entre a missão social e a missão religiosa, característica que marcará toda a sua vida, bem como o seu enquadramento pleno na situação vivida pela Igreja católica nos fins do século XIX e inícios do século XX. Escreve Dário Pedroso:

¹⁶⁷ POLICARPO, José da Cruz – *Luiza Andaluz. Perfil de uma Personalidade*. Santarém: Servas Nossa Senhora Fátima, 1977, p. 5.

¹⁶⁸ TAVARES, M.F. – *O Itinerário*, p. 30.

¹⁶⁹ *Ibidem*, p. 30.

“A sua delicadeza espiritual, o seu amor à vontade Deus, o imenso desejo de servir e amar os outros, não a podiam levar a ser irrefletida. Aliás, o exemplo de Maria, sua bondosa Madrinha, estava bem presente na sua vida e na sua oração. [...] Deus irá abrindo portas, iluminando o caminho, mostrando a sua vontade”¹⁷⁰.

Refere ainda o mesmo autor:

“Deus ia fazendo a Sua obra e preparando a Sua serva. A graça ia trabalhando, o Espírito Santo ia soprando, o coração de Luiza andava a ser trabalhado pela ação divina. Ela precisava de continuar a estar atenta, pois o Senhor iria continuar a falar”¹⁷¹.

A vocação de Luiza Andaluz definiu-se como vocação religiosa, mas concretizou-se em moldes diferentes dos tradicionais. As suas características delinearam-se a partir do aprofundamento progressivo da sua fé, das novas necessidades de evangelização, a que não deixou de ser sensível, e do diálogo com os pastores da Igreja, que deixou bem explícito ao longo da sua obra, e num longo processo de discernimento pessoal e eclesial. O seu percurso vocacional apresentou-se, assim, contínuo e progressivo, embora ele fosse marcado por uma certa tensão entre entusiasmo e empenhamento efetivo na ação apostólica e a atração pela contemplação, sentida como apelo a ingressar no Carmelo, onde se encontrava sua irmã Eugénia. Esta vocação religiosa de total consagração a Deus através da profissão dos conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência, encontrou em Luiza Andaluz um enquadramento secular. Também a profundidade da vida espiritual de Luiza se encontrava na sua personalidade. Vejamos como ela fez o seu autorretrato:

“Sou habitualmente ponderada, afável, generosa, cheia de entusiasmo por tudo o que possa dar glória a Deus ou promover o bem do próximo. Sou intrépida e corajosa na luta

¹⁷⁰ PEDROSO, Dário – *Audácia e Serviço. Vida de Luiza Andaluz*. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1989, p. 25.

¹⁷¹ PEDROSO, Dário – *Audácia e Serviço. Vida de Luiza Andaluz*. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1989, p. 28.

com as dificuldades, confiando absolutamente em Deus e na Santíssima Virgem, por isso nunca desanimo”¹⁷².

Ela aprendia a discernir a voz do Espírito, a partir da leitura da sua própria vida. Em determinados momentos da sua vida, nomeadamente quando se encontrava perante determinados projetos em favor dos pobres, a fé de Luiza surgia sob a forma de confiança na providência divina, a quem era seu hábito recorrer amiudadamente. Mas foi sobretudo o seu amor a Nossa Senhora que a levou, na sua juventude, a juntar ao seu nome o de *Maria*. Dizia ela:

“Eu creio que foi nesta ocasião que a Eugénia e eu começámos a juntar ao nosso nome de batismo também o de Maria, passando sempre a assinar as cartas íntimas e os documentos não oficiais com Eugénia Maria e Luiza Maria o que ainda faço”¹⁷³.

Também D. José Policarpo, ao referir-se à sua devoção a Nossa Senhora, dizendo não se tratar de uma devoção vulgar, acrescenta: “A Virgem está presente em todas as etapas da sua vida. Naquele momento em que, no Carmelo, ela se sente chamada à vida religiosa, sente também que o dom da vocação lhe vem através de Maria”¹⁷⁴. Ela própria nos diz isto mesmo, desta forma:

“Nesta ocasião também Ela não me faltou e amparou-me eficazmente a firmar a minha vocação religiosa, que tinha vindo tão tardia e inesperadamente. Eu não me sentia vacilar, porém receava e temia imenso poder desmerecer tão grande graça, de que me reconhecia e reconheço absolutamente indigna”¹⁷⁵.

Maria foi a protetora de todos os seus empreendimentos apostólicos. Ela vibrou com os acontecimentos de Fátima em 1917. Manifestou-se agradecida por ter podido ir muitas vezes à Cova da Iria, que ela designou de “local bendito”. Foi aquele Santuário

¹⁷² PEDROSO, Dário – *Audácia e Serviço. Vida de Luiza Andaluz*. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1989, pp. 150-152; TAVARES, M.F. – *O Itinerário*, p. 250.

¹⁷³ TAVARES, M. F. – *O Itinerário*, p. 36.

¹⁷⁴ POLICARPO, José da Cruz – *Luiza Andaluz. Perfil de uma Personalidade*. Santarém: Servas Nossa Senhora Fátima, 1977, p. 19.

¹⁷⁵ *Ibidem*, 19; TAVARES, M.F. – *O Itinerário*, p. 64.

que escolheu para iniciar a sua Congregação, propondo ao primeiro grupo de senhoras, com quem estava em comunicação, uma peregrinação à Cova da Iria, a 13 de maio de 1923, que seria seguida de um retiro em Santarém, onde ficariam logo as que pudessem.

Refere Maria Fernanda Tavares:

“Depois de receber o telefonema no dia 17, [...] tratei logo também de escrever para diferentes lados a ver quais das senhoras, com quem eu já estava em comunicação, se dispunham a vir ter comigo, a fim de se dar início à nossa vida em comum. Propunha-lhes uma peregrinação à Cova da Iria, em data de 13 de Maio, a qual terminaria por um retiro em Santarém, aí ficariam desde logo as que já tivessem a sua vida preparada para isso. Fui rezando e apontando as respostas”¹⁷⁶.

No entanto, a devoção a Maria não se confinou exclusivamente à Cova da Iria.

Ela apareceu frequentemente associada a outros santuários, dos quais Luiza afirmava:

“Todos os santuários da Santíssima Virgem têm o seu cunho próprio, o seu encanto particular, mas todos eles variam apenas nos pormenores, [...]: é pela sua mediação incessante que vêm até nós todas as graças de que carecemos. Bendita seja Maria Santíssima”¹⁷⁷.

Também para Luiza Andaluz a comunhão com Deus teve lugar na comunhão da Igreja e encontrou na Eucaristia a sua expressão mais profunda. A comunhão com Deus expressou-se na realização da sua vontade, encontrada na mediação eclesial.

A proximidade ao Cardeal Neto, de quem recebeu a primeira missão apostólica, contribuiu para incutir em Luiza o sentido eclesial, que encontramos na sua espiritualidade. Decisivo foi também a profunda e permanente ligação entre ela e o Cardeal Cerejeira, que se refletiu bem no apoio que dele recebeu em momentos difíceis, nomeadamente aqueles que se passaram em 1933-1934¹⁷⁸ o que permitiu um discernimento sobre o projeto inicial. Será o referido cardeal que irá elaborar as Bases

¹⁷⁶ TAVARES, M. F. – *O Itinerário*, p. 99.

¹⁷⁷ *Ibidem*, p. 64.

¹⁷⁸ *Ibidem*, p. 172.

que presidirão ao espírito da Congregação, sobre as quais vinha falando há algum tempo com Luiza Andaluz.

“Luiza Andaluz nunca procurou triunfalismos vazios, nunca buscou elogios fáceis, não andou a publicar façanhas ou trabalhos, não desejou condecorações ou títulos”¹⁷⁹, adianta Dário Pedroso.

Os seus bens pessoais, herdados dos seus familiares, não mais lhe pertenciam mas eram morada e conforto para os pobres.

Não obstante, ela foi destinatária de vários reconhecimentos do poder civil e até eclesial. No dizer do mesmo autor, “ Ela só desejava servir e amar. Quis ser luz que ilumina, fogo que aquece, guia para ajudar a caminhar. Luiza sabe que o Evangelho nos ensina, que depois de fazermos tudo, nos devemos considerar servos inúteis”¹⁸⁰.

A sua vida foi sempre vivida com pleno sentido de obediência à Igreja, à Hierarquia. Quando mais tarde lhe surgiu a ideia de fundar uma Congregação, sentiu interiormente uma voz que lhe dizia: “Vai primeiro falar aos Bispos, depois aos Sacerdotes”¹⁸¹. Ficou fascinada com os acontecimentos e pela Mensagem da Senhora de Fátima, mas como sabia da reserva da Igreja, não foi à Cova da Iria. “Sentia com a Igreja, vivia com a Igreja e para a Igreja”¹⁸², escreve Dário Pedroso. Luiza fazia da obediência, critério de verdade e expressão de comunhão.

- **Manuel Nunes Formigão (1883-1958)**

Manuel Nunes Formigão Júnior, era este o seu nome de batismo, foi o filho mais velho de um sargento de infantaria, Manuel Nunes Formigão e de Maria da Piedade Mendes Dias. Nasceu a 1 de janeiro de 1883, tendo sido batizado a 18 de fevereiro do

¹⁷⁹ PEDROSO, Dário – *Audácia e Serviço. Vida de Luiza Andaluz*. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1989, p. 96.

¹⁸⁰ *Ibidem*, p. 99.

¹⁸¹ *Ibidem*, p. 144.

¹⁸² *Ibidem*, p. 146.

mesmo ano, na Igreja de S. João Batista, paróquia de Santa Maria dos Olivais, cidade de Tomar, Patriarcado de Lisboa¹⁸³, refere Maria Encarnação Vieira Esteves. “Sob a proteção de Santa Maria, inicia a sua vida de Cristão e ao longo de toda ela, teve-A sempre como a *Estrela* que lhe anunciara novos rumos e novos caminhos”¹⁸⁴, escreve a mesma autora. Tendo nascido no Convento de Cristo em Tomar, na ala destinada a residência dos oficiais do exército, ali bebeu o espírito patriótico que sempre o animou. Neste Convento, o pequeno Manuel ia-se desenvolvendo, num ambiente familiar no qual todos procuravam cumprir os seus deveres. Sendo o filho mais velho do casal, os pais foram-no responsabilizando pelos irmãos mais novos, um rapaz e uma rapariga, como é hábito nas famílias com mais de um filho, situação que o marcou com o sentido da responsabilidade. Assim no-lo relata Rafael José Antunes Marques:

“De seu pai herdou, devido ao estatuto militar, o rigor, disciplina, verticalidade, isenção, abnegação, espírito de sacrifício e de luta, mas principalmente a obediência; de sua mãe herdou a mansidão, humildade, quietude e a docilidade”¹⁸⁵.

Todo este ambiente familiar o foi preparando para a decisão do seu futuro, que se viria a espelhar na realização conscienciosa das diversas missões de que foi incumbido e responsabilizado ao longo de toda a sua vida. Expirou no dia 30 de janeiro de 1958, pelas 18 horas, estando presentes D. João Pereira Venâncio, ao tempo bispo de Leiria, alguns sacerdotes amigos e várias Irmãs da Congregação.

A educação no seio da sua família teve os seus efeitos e refletiu-se em toda a sua vida, nomeadamente do ponto de vista religioso. Tendo sido cumprida a escolaridade primária, obteve do seu pároco, P. José Martins da Silva Conceição, um testemunho abonatório que lhe permitiria matricular-se, a 22 de setembro de 1895, no Seminário

¹⁸³ ESTEVES, Maria Encarnação Vieira - *Apóstolo de Fátima: Cón. Manuel Nunes Formigão*. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 2004, p. 15.

¹⁸⁴ *Ibidem*, p. 15.

¹⁸⁵ MARQUES, Rafael José Antunes - *Roteiro da Vida do Padre Manuel Nunes Formigão*. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 2009, p. 16.

Menor do patriarcado, a funcionar na Quinta de S. Vicente, Farrobo, Vila Franca de Xira¹⁸⁶, escreve Josué Pinharda Gomes.

O seu aproveitamento escolar e a sua conduta moral e religiosa foram de tal ordem que, concluído o seu percurso teológico, os superiores recomendaram ao Patriarca, ao tempo o Cardeal Neto, que o enviasse para Roma, para o Colégio Português, de forma a poder fazer o doutoramento em Direito Canónico, na Universidade Gregoriana, formação que concluiu em 1906, ali continuando por mais três anos a cursar teologia, cujo doutoramento concluiu em 1909. Foi ordenado presbítero a 14 de abril de 1908, na Basílica de S. João de Latrão, situação que assumiu com serenidade, ao ver chegar este dia, o da sua ordenação sacerdotal. Celebrou a sua missa nova no dia seguinte, na capelinha de S. Luís Gonzaga, na Igreja de Gesù, dos Jesuítas, em Roma¹⁸⁷, refere o mesmo autor. Foi acompanhado nestes atos por alguns dos seus Superiores e colegas de curso, uma vez que familiares e amigos, em Portugal, dada a distância que naquele tempo não era facilmente superada, somente o puderam acompanhar em espírito e oração.

O cónego Formigão, referindo-se a esta circunstância, dizia com humor: “Fiquei com todo o meu tempo para, na intimidade com Deus, Lhe agradecer tão grande *dom* e recomendar-lhe todos sem excepção”¹⁸⁸. O local escolhido para a sua primeira celebração eucarística, deveu-se à grande devoção a este santo¹⁸⁹, com o qual tinha várias afinidades espirituais.

Tendo concluído os seus estudos em Roma, na viagem de regresso, não voltou de imediato a Portugal para se apresentar ao seu prelado, o então Cardeal Patriarca D.

¹⁸⁶ GOMES, Josué Pinharda – Formigão, Manuel Nunes. In AZEVEDO, Carlos A. Moreira: CRISTINO, Luciano (Coords.), *Enciclopédia de Fátima*. Estoril: Príncipia, 2007, p. 232.

¹⁸⁷ *Ibidem*, p. 233.

¹⁸⁸ ESTEVES, Maria Encarnação Vieira – *Apóstolo de Fátima: Cón. Manuel Nunes Formigão*. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 2004, p. 21.

¹⁸⁹ MARQUES, Rafael José Antunes – *Roteiro da Vida do Padre Manuel Nunes Formigão*. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 2009, p. 34.

António Mendes Belo, que sucedera em 1907 ao Cardeal D. José Sebastião Neto. Nessa viagem, decidiu fazer uma paragem em Lourdes, Santuário pelo qual sentia há muito tempo uma especial devoção. Aí passou todo o mês de agosto, tendo pedido para ser admitido ao serviço do Santuário como sacerdote *Servita*, situação que viria mais tarde a contribuir para o surgimento do *Movimento de Servitas*, em Fátima. Empenhou-se em todas as atribuições que lhe foram cometidas, desde a celebração da Santa Missa, ao acompanhamento dos peregrinos e serviço de *maqueiro* (brancardier). “No exercício desta última actividade, era-lhe permitido o contacto próximo com os doentes e até dos seus relatórios clínicos, pela permissão que lhe fora dada no conhecido *Bureau des Constatations Médicales*”¹⁹⁰, adianta Rafael José Antunes Marques.

Refere o P. Formigão ter ficado de tal modo impressionado com o ambiente sobrenatural que se vivia em Lourdes, que após ter ouvido o bispo de Valence afirmar num sermão, que a recristianização da França era fruto das peregrinações diocesanas à cidade da Imaculada Conceição, se foi prostrar aos pés de Nossa Senhora de Lourdes, pedindo-lhe a graça de ser um dos mais ardorosos *propagandistas* do seu culto em Portugal e ali mesmo fez a promessa de consagrar toda a sua vida a essa tarefa¹⁹¹. Recorda ele, desta forma, as palavras do bispo francês:

“Disse o ilustre Prelado que esses homens, quase todos os que tinham feito a peregrinação no ano anterior, que até então se limitavam à confissão e comunhão anuais e à audição da missa aos domingos e dias santos, a maior parte se tornaram católicos fervorosos, que todos, ou quase se aproximavam do tribunal da penitência e da Mesa Eucarística”¹⁹².

Via ele, nestas palavras do prelado de Valence, uma luz para poder reconduzir Portugal às suas origens cristãs, numa altura em que começavam a reinar os ideais ateus

¹⁹⁰ *Ibidem*, p. 40.

¹⁹¹ *Ibidem*, p. 41.

¹⁹² *Ibidem*, p. 41.

e maçónicos. Foi com este espírito que se despediu do Santuário de Lourdes. No entanto, várias seriam as condicionantes que o iriam impedir de avançar com este propósito: a pressão do regime republicano sobre a Igreja católica portuguesa e os seus fiéis, bem como o início da 1ª Guerra Mundial, na qual a França seria um país envolvido, e assim as suas fronteiras encerradas. Ficou portanto adiado o sonho e o cumprimento da sua promessa a Nossa Senhora. No entanto, alguns anos depois, o fenómeno de Fátima mudou o rumo do cónego Formigão e tornou-o arauto da Mensagem de Nossa Senhora, agora já não de Lourdes, mas com outra invocação. Escreve Maria da Encarnação Vieira Esteves:

“A princípio, não acreditava na sua sobrenaturalidade, nem na sua realidade. Lourdes enchia-me a alma e o coração. Não havia numa e noutra o mais pequeno espaço para Fátima. Todo o meu empenho era provar a inanidade das aparições anunciadas pelos pastorinhos da Serra d’Aire. Mas isso obrigou-me a estudar de perto os acontecimentos que se desenrolaram na Cova da Iria. [...] Entendi a partir desse momento, que era meu dever substituir a posição de Lourdes pela posição de Fátima, tendo como certo ser esse o desejo de Nossa Senhora”¹⁹³.

Chegado a esta convicção, sentiu-se responsabilizado a aprofundar a *Mensagem*, a vivê-la e a transmiti-la. Fátima tornou-se para ele a realidade mais absorvente da sua vida. Empenhou-se em recolher toda a documentação possível sobre Fátima, sendo a ele que, todos aqueles que se interessavam por este assunto, recorriam *como primeira fonte de informação*.

Em meados do mês de setembro de 1909 o cónego Formigão chegou a Santarém, vindo de Roma e iniciou aí a sua atividade sacerdotal. Foi colocado como professor no Seminário de Santarém. Não obstante todos os atributos académicos que lhe eram reconhecidos, começou a evidenciar-se nele outra faceta, o apostolado social.

¹⁹³ ESTEVES, Maria Encarnação Vieira – *Apóstolo de Fátima: Cón. Manuel Nunes Formigão*. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 2004, pp. 61-62.

Os mais desfavorecidos, os pobres, começaram a ser uma preocupação constante. Esta predisposição era de tal ordem que a fazia transbordar para a própria imprensa, onde começou por adotar o pseudónimo literário de *Miosótis*, que significa “florinha minúscula”, utilizando-o pela primeira vez no jornal *Correio da Estremadura*, como escreve Rafael José Antunes Marques:

“por ocasião de uma subscrição que este sacerdote ali levou a efeito, no sentido de angariar fundos para auxiliar Luiza Andaluz no pagamento do recém comprado Convento das Capuchas, onde aquela benemérita senhora tinha instalado o Colégio de Nossa Senhora dos Inocentes”¹⁹⁴.

Tal espaço destinava-se a albergar crianças órfãs, que eram vítimas da pneumónica e que também era conhecido por Asilo-Creche. Não se contentando somente com a sua atividade de docente no Seminário de Santarém, “requer ao Ministro da Instrução Pública a sua inscrição como professor particular dos liceus”¹⁹⁵, diz-nos o mesmo autor. No entanto, a sua vida de professor no Liceu de Santarém não foi fácil, uma vez que elementos anticlericais não suportavam ver um padre a lecionar na escola pública, arrastando atrás de si uma multidão de jovens estudantes. Foi por causa desta mesma juventude, que ele fundou a Associação Nun’Álvares, com estatutos criados a 26 de março de 1917, radicada em três pensamentos:

“honrar a Deus; honrar a Pátria, na pessoa de D. Nuno Álvares Pereira e, por seu intermédio, prestar homenagem e admiração a Nossa Senhora, Mãe de Deus, e inculcar nos jovens associados de Santarém o amor a Deus e à Pátria, numa altura em que os valores cristãos e humanos se encontravam na lama”¹⁹⁶.

¹⁹⁴ MARQUES, Rafael José Antunes – *Roteiro da Vida do Padre Manuel Nunes Formigão*. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 2009, pp. 45-46.

¹⁹⁵ *Ibidem*, p. 47.

¹⁹⁶ *Ibidem*, pp. 49-50.

Outra importante causa a que o cónego Formigão se entregou, foi o socorro das vítimas da pneumónica, que provocou um morticínio sem paralelo na Europa, no pós Grande Guerra, a que Portugal não escapou. À imagem de S. Luís Gonzaga, ia diariamente ao encontro dos doentes a quem prestava assistência medicamentosa e acompanhamento espiritual, ao mesmo tempo que auxiliava as famílias deixadas na miséria por esta epidemia. Foi esta a altura em que se deu o primeiro contacto com Luiza Andaluz, que nos dá, ela própria, o testemunho da ação benemérita levada a cabo pelo cónego Formigão, que se ocupava de toda a logística dos medicamentos, auxiliado pelos estudantes do Liceu e que tinha como base o Palácio Andaluz, uma vez que as farmácias eram poucas e as existentes não davam vencimento ao excessivo trabalho.

2.3. O projeto de fundação de uma Congregação, divergências e separação

No processo da fundação da primeira obra, um acontecimento importante irá mudar o rumo da vida de Luiza Andaluz. Eugénia, sua irmã, decidiu ingressar no Carmelo atraída pelo silêncio da clausura, da vida contemplativa. Luiza ajudou a irmã o melhor que pôde, embora parecesse não compreender muito bem esta sua decisão. A ligação afetiva familiar, apostólica e espiritual das duas irmãs era profunda. Viviam o mesmo amor a Jesus Cristo e a mesma devoção à Virgem Maria, a mesma dedicação aos pobres e o mesmo zelo apostólico. Esta prova, a que se iriam seguir tantas outras, era ainda só o começo da sua caminhada, que fora ao mesmo tempo benéfica para o crescimento da sua vida interior. Luiza recolhia muitas vezes em oração, onde buscava força, luz e confiança. As suas idas ao Carmelo, visitar a irmã, faziam crescer nela também o desejo da contemplação. Mas nem tudo era claro. Se por um lado sentia o desejo de se dar inteiramente a Jesus, por outro não sabia como, nem onde. Se a separação trouxe, por um lado, a dor e angústia, por outro, deu os seus frutos. Através da vocação da irmã, o Senhor iria seduzi-la interiormente e iria acompanhando-a na sua

caminhada. O diálogo com a irmã e outras carmelitas, o seu ambiente, o silêncio e o recolhimento cativavam-na. Era preciso comunicar a alguém este seu desejo, mas ao mesmo tempo existia nela o receio de não ser aceite, face à sua idade, pois tinha já 38 anos e receava poder ser um obstáculo.

Pediu uma entrevista com a Priora e ficou alegre, mas ao mesmo tempo confusa, com as esperanças que lhe foram por ela transmitidas. Havia uma condição a cumprir: devia voltar para Portugal e incumbir-se duma missão importante.

Escreve Dário Pedroso:

“A sua amiga Henriqueta, então presidente das Filhas de Maria, já há muito que tinha desejo de entrar no Carmelo. Luiza foi encarregada pela Priora de a ajudar na resolução do problema das Escolas da Congregação das Filhas de Maria, para que a Henriqueta pudesse realizar, o mais depressa possível, o seu sonho”¹⁹⁷.

A braços com esta situação, Luiza pediu à Priora que lhe desse um tempo para pensar, findo o qual lhe disse que sim. As saudades do Carmelo eram imensas e Luiza continuava convencida que era ali que Deus a queria. No entanto, o Senhor, através do pedido da Priora, tinha-a lançado numa vida apostólica mais intensa. As crianças, as Obras...

A ideia de fundar uma Congregação surgiu primeiramente, quando em 1923 fundou, clandestinamente, uma Congregação religiosa designada genericamente por “Obra de Santarém” ou, simplesmente por “Obra”, a qual veio a ser aprovada canonicamente em 1939, com o título de Servas de Nossa Senhora de Fátima. Ela foi também uma resposta ao desejo de ser carmelita, isto é, como meio de se libertar dos encargos que assumira e poder afastar-se tranquilamente. Após a sua estadia no

¹⁹⁷ PEDROSO, Dário – *Audácia e Serviço. Vida de Luiza Andaluz*. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1989, p. 37.

Carmelo, em 1922, salientando Luiza que esta visita a marcou de forma especial pelas luzes divinas que recebeu em seu coração, a apontarem-lhe novas perspectivas no seu caminhar, ao chegar a Lisboa, no dia 7 de outubro do mesmo ano, enviou uma carta ao arcebispo de Évora, D. Manuel da Conceição Santos, com quem já tinha falado várias vezes sobre o assunto, pedindo-lhe audiência, e aguardando a ocasião para lhe expor o projeto. Começou a contactar pessoas de outras localidades que também se interessavam pela fundação da Obra. Um primeiro grupo aceitou o convite de Luiza para celebrarem juntas a semana santa, em Santarém¹⁹⁸. A 17 de abril de 1923, recebeu do arcebispo de Évora luz verde para avançar com a fundação, referindo ela:

“Ainda me conservava com a minha irmã, na Rua de S. Vicente, quando no dia 17 fui chamada ao telefone e me foi dito pelo Senhor Arcebispo de Évora o seguinte: «Dizendo-lhe muito não lhe digo contudo nada senão: pode começar a Obra quando quiser»”¹⁹⁹.

No dia 13 de maio de 1923, foi com o primeiro grupo, em peregrinação à Cova da Iria, consagrar a Congregação nascente à proteção de Nossa Senhora e de seguida dirigiram-se para Santarém, onde fizeram retiro espiritual. Depois desta data, Luiza recebeu numerosos pedidos de admissão, provenientes de diversos pontos do país. A Congregação, ainda sem ter nome, “estava por enquanto escondida e encoberta, mas a sua fundação já era uma realidade”²⁰⁰, escreve Maria Fernanda Tavares. Como o nosso país vivia um período conturbado em que as perturbações políticas eram muito prolongadas e tristes, causadas por um governo anticlerical, quase todas as Instituições católicas, Conventos e Escolas mantidas por Ordens religiosas tinham sido encerradas. Para poder concretizar o seu projeto, que parecia inviável naquele contexto, planeou a criação de um colégio para meninas, em Santarém, que justificava a presença do grupo

¹⁹⁸ TAVARES, M. F. – *O Itinerário*, p. 95.

¹⁹⁹ *Ibidem*, p. 99.

²⁰⁰ *Ibidem*, p. 107.

de senhoras que constituiu a comunidade e que ficou instalado na casa que herdara dos pais e para o mobilar, dispôs dos próprios bens²⁰¹. As futuras Servas vinham chegando a pouco e pouco, nos meses de julho, agosto e setembro, e “já começavam a ajudar-me imenso”²⁰², refere Luiza. A abertura do colégio deu-se a 15 de outubro de 1923, tendo a comunidade já sido organizada. Mas a sua existência era segredo reservado àqueles que nela estavam implicados. A vida religiosa era adaptada de forma a não estorvar o trabalho, sendo a oração em comum feita na capela, à porta fechada²⁰³, tudo se “fazendo com prudência e sem alarido”²⁰⁴. A Congregação religiosa fundada por ela assumiu formas novas, tipicamente laicais, como refere Maria Isabel Costa Rodrigues:

“a ausência de hábito religioso, a inserção de pequenas comunidades (os núcleos) em meios desprovidos de assistência religiosa, se necessário, onde ficariam habitualmente privadas da eucaristia e assumindo tarefas profissionais comuns, com a consequente permissão de as Irmãs passarem o dia inteiro fora de casa”²⁰⁵.

Se analisarmos bem a biografia do cônego Manuel Formigão verificamos a existência de um facto que poderemos considerar estranho: a sua recusa em aceitar ser o Fundador duma nova Congregação Religiosa. Na verdade, se olharmos bem a sua história, nada nos aparece mais claro do que a verdade de que a sua função de Fundador não foi assumida por sua própria iniciativa, mas sim ajudada pela presença de outros, embora seja ele sempre quem, perante essa mesma história, deva ser proclamado como Fundador. Se à “Obra” de Santarém atribuiu o mérito a Luiza Andaluz, nunca transpondo os limites duma colaboração humilde e sincera, foi ao bispo da diocese de Leiria, D. José Alves Correia de Silva, que atribuiu as funções de Fundador da sua obra,

²⁰¹ *Ibidem*, pp. 101-102.

²⁰² *Ibidem*, p. 108.

²⁰³ *Ibidem*, p. 108.

²⁰⁴ *Ibidem*, p. 116.

²⁰⁵ RODRIGUES, Maria Isabel Costa – *Intuições de Luiza Andaluz: no catolicismo português do seu tempo*. Lisboa: Servas de Nossa Senhora de Fátima, 2008, pp. 45-46.

tratando-se de colocar em primeiro plano a autoridade daquele bispo, que tinha recebido na sua diocese o grupo que se retirara do Dafundo, como adiante veremos.

No entanto, o cónego Formigão recebeu, se assim poderemos dizer, o carisma de Fundador de uma Obra Contemplativa e Reparadora, em fins de Fevereiro de 1920, quando Maria da Purificação Godinho, a quem a Jacinta tratava por “madrinha”²⁰⁶, lhe comunicou a revelação e o segredo da Jacinta²⁰⁷. Mas isso não obstou a que, já antes, a relação de atividades apostólicas entre Luiza Andaluz e o cónego Formigão fosse uma realidade, não nos devendo deixar iludir ao ponto de fazer dele “co-fundador” da “Obra” de Santarém, embora seja injusto desconhecer o mérito daquele Professor do Seminário de Santarém, nos inícios da “Obra”, à qual deu vocações, algumas das quais iriam mais tarde integrar as Reparadoras das Dores de Fátima.

Foi, no entanto, no hospital de D. Estefânia em Lisboa, que a vidente Jacinta Marto recebeu o *recado* de Nossa Senhora. Em fevereiro de 1920, a pequena pastora recebeu mais uma comunicação do Céu, esta destinada ao cónego Manuel Formigão, como se lê na *Documentação Crítica de Fátima*:

“Nosso Senhor está profundamente indignado com os pecados e crimes, que se comettem em Portugal. Por isso um terrível cataclysmo de ordem social ameaça o nosso país e principalmente a cidade de Lisboa.

Desencadear-se-á, segundo parece, uma guerra civil, de caracter anarchista ou comunista, acompanhada de saques, morticínios, incêndios e devastações de toda a espécie. A capital converter-se-á numa verdadeira imagem do Inferno. Na ocasião em que a divina justiça ofendida infligir tão pavoroso castigo, todos aquelles que o puderem fazer, fujam dessa cidade. Este castigo agora predito convem que seja anunciado pouco a pouco e com a devida discrição”²⁰⁸.

²⁰⁶ SANTUÁRIO DE FÁTIMA – *Documentação Crítica de Fátima*, Vol. II, Doc. 9, Fátima, 1999, p. 186.

²⁰⁷ *Ibidem*, Vol. III-2, Doc. 438, Fátima, 2004, p. 183.

²⁰⁸ *Ibidem*, Vol. III-2, Doc. 440, Fátima, 2004, p. 189.

Ficariam assim estas duas almas espiritualmente unidas até ao fim das suas vidas terrenas. Referia ainda o cónego Formigão que, “ao receber a mensagem que a Santíssima Virgem (no dizer de Jacinta) lhe confiara para mim, apoderou-se do meu espírito um sentimento misto de confusão, de surpresa e de ansiedade”²⁰⁹. Embora o sacerdote não tivesse ouvido da boca da Jacinta o teor da Mensagem que o impulsionaria, a partir daí, para a concretização da constituição de uma Congregação religiosa com a finalidade Reparadora de expiar as ofensas que eram continuamente cometidas contra Deus e que tornavam o carisma reparador cada vez mais atual nesta sociedade em mudança, ele conseguiu, após alguns anos de sofrimento, desaires e incompreensões, a concretização da Congregação, que sabia não provinha de uma invenção ou teimosia suas, mas sim de um desejo do Alto e que iria dar corpo a que “um punhado de almas reparadoras Lhe servissem, contemplando Jesus-Hóstia, noite e dia”²¹⁰, refere ainda Rafael José Antunes Marques. Duas questões no entanto se colocavam: onde e como começar?

Seria na cidade de Santarém que obteria a resposta, ao ser conduzido a Luiza Andaluz, pessoa já muito próxima naquela altura do cónego Formigão. “Quis a Providência que estes dois rios caudalosos se unissem durante certo tempo, transformando-os numa grande corrente, que, depois de engrossada, viria posteriormente a bifurcar-se em dois novos rios”²¹¹, escreve o mesmo autor.

A vocação pastoral do cónego Formigão encontrou eco na ação que Luiza estava a executar, por altura da pneumónica (1918), ficando os dois a partir daí com um relacionamento estreito. O antigo convento das Capuchas, a que estava ligada Luiza, desde os tempos de adolescente e que havia sido expropriado em 1910, com a

²⁰⁹ ESTEVES, Maria Encarnação Vieira - *Apóstolo de Fátima: Cón. Manuel Nunes Formigão*. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 2004, p. 109.

²¹⁰ MARQUES, Rafael José Antunes - *Roteiro da Vida do Padre Manuel Nunes Formigão*. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 2009, p. 166.

²¹¹ *Ibidem*, p. 169.

instauração da república, foi vendido em hasta pública. Aqui entrou também o cónego Formigão, desempenhando um papel notável na angariação de fundos para ajudar nas despesas com a sua recente aquisição, abrindo uma subscrição no Semanário *Correio da Estremadura*.

Como se vê, o cónego Manuel Formigão não foi alheio aos projetos de Luiza Andaluz, indo oferecer-lhe, nos meados de 1924, os seus serviços como capelão da igreja do Convento das Capuchas e para colaborar no encaminhamento de vocações para a Congregação, tudo isto sem remuneração, oferta que logo ela aceitou, sendo este o modo como aquele sacerdote começou a aproximar-se do novo Instituto, que para Luiza parecia uma dádiva de Deus.

Ao longo do ano de 1925, insistiu aquele sacerdote com Luiza, no sentido de se incluir na “Obra” de Santarém o ramo da Reparação, estando desta forma a corresponder ao pedido que Nossa Senhora havia feito à pequenina Jacinta em Lisboa, pouco tempo antes de morrer. “«Creio que foi no ano de 1925 que o Senhor Dr. Formigão começou a insistir comigo para que se inaugurasse o Ramo da Reparação [...]»”²¹², refere Joaquín Maria Alonso. Luiza ficou perplexa com esta ideia e consultou os Prelados de Évora e Leiria.

Foi em Lisboa, cidade ameaçada nas palavras da vidente de Fátima, que no dia 6 de janeiro de 1926, na Rua Arriaga, nº. 41, nasceu a Congregação das Religiosas Reparadoras de Nossa Senhora das Dores de Fátima, ramo este de Reparação, como dependente da “Obra” de Santarém, embora com ideal e finalidade distintos. “[...] O Senhor Cónego Formigão pediu emprestada uma parte da casa mobilada que a bondosa Assunção Avelar habitava em Lisboa na Rua Arriaga [...]”²¹³, adianta o mesmo autor.

²¹² ALONSO, Joaquín Maria – *O Dr. Formigão: Homem de Deus e Apóstolo de Fátima*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1979, p. 232.

²¹³ *Ibidem*, p. 233.

Por coincidência, iniciava-se também nesse dia, por decisão do Episcopado Português, o *dia da Reparação Nacional* a fazer-se no primeiro domingo de cada mês²¹⁴.

O que também moveu o cônego Formigão a fundar esta nova casa, com um espírito diferente, foi o facto de haver um grupo de senhoras, na “Obra” de Santarém, que não se sentiam satisfeitas com a vida religiosa que estavam a ter naquela cidade. Algo lhes estava a faltar, fazendo ver ao cônego Formigão que a Obra Reparadora de Fátima ainda não estava criada. Só o silêncio do retiro e da solidão contemplativa faziam vibrar o espírito do cônego Formigão, ao passo que “Luiza estava vocacionada para a pastoral social e ativa”²¹⁵. Duas formas diferentes de apostolado e de caminho de santidade, cujos desentendimentos causaram aos dois muito sofrimento, que motivou, anos mais tarde, em 1934, a separação dos ramos, dando origem a duas Congregações Religiosas. Iam-se entretanto fazendo diligências para obter uma casa própria para a vida da Comunidade. Com o pedido de novas admissões, as instalações tornavam-se exíguas, tendo-se transferido, a título provisório, para o antigo Casino de Caxias, em fevereiro de 1928. Entretanto, foi adquirida pelo cônego Formigão, no Dafundo, “uma boa casa rodeada da respectiva quinta, à qual pôs o nome de Betânia”²¹⁶, para onde a Comunidade se mudou em junho de 1929.

Faltava, no entanto, fundar ainda o terceiro ramo da “Obra” de Santarém. O cônego Formigão convidou uma senhora, residente em Portalegre, D. Deolinda Sardinha, para começar o terceiro ramo, abrindo uma casa de Regeneração naquela cidade alentejana, em virtude de ter sido aí deixada por herança uma fortuna destinada

²¹⁴ ESTEVES, Maria Encarnação Vieira - *Apóstolo de Fátima: Cón. Manuel Nunes Formigão*. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 2004, p. 113.

²¹⁵ MARQUES, Rafael José Antunes - *Roteiro da Vida do Padre Manuel Nunes Formigão*. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 2009, p. 174.

²¹⁶ ESTEVES, Maria Encarnação Vieira - *Apóstolo de Fátima: Cón. Manuel Nunes Formigão*. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 2004, p. 114.

para tal. Tendo sido adquirido o antigo Convento de Santa Clara, fundou-se o terceiro e último Ramo da “Obra” sob a invocação de Nossa Senhora das Dores. Este Ramo tinha como finalidade “acudir a tantas raparigas e mulheres constituídas em perigo próximo de perversão moral e a tantas outras, embora já pervertidas, mas em condições de se regenerarem”²¹⁷, como refere Rafael José Antunes Marques. Estava assim criada a Obra Apostólica e Reparadora de Nossa Senhora de Fátima, que acabava de suceder à “Obra” de Santarém.

A partir de 1930, começou o cónego Formigão a trabalhar no memorial para pedir à Sagrada Congregação dos Religiosos a obtenção do *Nihil Obstat* para o novo Instituto. Aí é explicado que ela é uma verdadeira Congregação dividida em três Ramos, tendo como padroeira a Santíssima Virgem, invocada para cada Ramo como “do Carmo, do Rosário e das Dores”. O Novo Instituto ia crescendo, já com uma identidade própria e diferente do de Santarém, pois distinto também era o seu fim, mas havia um problema, comum aos dois, que urgia resolver: o início do noviciado.

Foi a experiência de um noviciado comum na casa do Dafundo que, nos anos de 1931 a 1934, se foi revelar verdadeiramente amarga para Luiza Andaluz e o cónego Formigão, tão diferentes entre si no tocante à vivência dos seus objetivos fundacionais. Esta experiência em comum teve como resultado a decisão de cada Instituto ser autónomo e viver independentemente o seu próprio carisma.

Desde o começo dos três ramos da Obra que Luiza Andaluz ia sentindo dificuldades pois a separação das Irmãs, sobretudo entre o ramo contemplativo e as outras, tornava-se uma empresa difícil. Não havia a comunhão e a abertura desejada. Na casa do Dafundo, onde decorria o Noviciado, as coisas não corriam bem e previa uma futura divisão. Referia que o cónego Formigão orientava para uma “vida de piedade

²¹⁷ MARQUES, Rafael José Antunes – *Roteiro da Vida do Padre Manuel Nunes Formigão*. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 2009, p. 177.

mais intensa, mais resguardada e escondida²¹⁸”, enquanto ela entendia que deveria preparar as Irmãs para “auxiliar eficazmente a Igreja e o clero no apostolado social²¹⁹”, acrescentando não ser possível manter as duas orientações numa mesma Instituição. Resolveu então escrever uma carta ao Senhor Cardeal Patriarca. Ela tinha a percepção de que o bispo diocesano deveria estar ao corrente de toda a situação, pedindo-lhe conselhos e instruções de como deveria lidar com este problema, colocando-se ao mesmo tempo ao seu dispor para obedecer em tudo o que ele lhe mandasse. Era uma situação que a fazia sofrer profundamente. Escreve ela:

“O Senhor Dr. Formigão sente-se levado a dar às almas uma vida de piedade mais intensa, mais resguardada e escondida. Eu julgo que só corresponderei à missão, que creio o Senhor me confiou, preparando elementos para auxiliar eficazmente a Igreja e o clero, no apostolado social, espalhando essa ação mesmo à custa de muitas privações e sacrifícios. A experiência feita mostra-nos que conciliar estes dois ideais a dentro da mesma Obra, a dentro do mesmo noviciado, se torna impossível. [...] Para isto seria preciso que Vossa Eminência me fizesse conhecer o que aconselha ou manda”²²⁰.

O Cardeal Cerejeira respondeu-lhe, chamando-a várias vezes, propondo-se acompanhar a Congregação se Luiza concordasse introduzir nela o “espírito sacerdotal”, conforme o plano da natureza, fim e espírito de um Instituto que ele próprio queria fundar e lhe apresentava. Continua ela:

“[...] O Senhor Cardeal-Patriarca [...] propunha-me tomar conta da Congregação se eu anísse a que Sua Eminência nela introduzisse o espírito sacerdotal, que lhe parecia conveniente ela tivesse. Expunha-me, muito claramente, o seu programa, que em tudo, na verdade, muito me agradava, [...]”²²¹.

²¹⁸ TAVARES, M. F. – *O Itinerário*, p. 168.

²¹⁹ *Ibidem*, p. 168.

²²⁰ *Ibidem*, p. 168.

²²¹ *Ibidem*, p. 169.

Luiza refere que as propostas do Cardeal Cerejeira lhe agradaram muito, mas queria, antes de dar uma resposta definitiva, refletir e rezar para amadurecer bem a sua decisão. Depois de se ter aconselhado e ter deixado passar algum tempo, aceitou a proposta, como refere: “Segui o caminho que me tinha sido aconselhado em Roma e fiquei absolutamente tranquila”²²².

No entanto as tensões iam aumentando e as dificuldades também. O cônego Formigão persistia nas suas intenções, mas Luiza não cedia. Tornava-se claro que não podia continuar aquela divergência de orientações e que uma separação estaria eminente.

No dia 6 de janeiro, dia da conclusão do retiro na casa do noviciado, no Dafundo (Lisboa), o Cardeal Cerejeira visitou a comunidade, encontrou-se com a mestra de noviças e, falando a todas, exortou-as à obediência. Entretanto o cônego Formigão pediu ao Cardeal Cerejeira para escolher vinte e duas Irmãs e retirá-las para a vida contemplativa, sem que fossem desligadas da Congregação. O Cardeal não concordou com o pedido sem primeiro consultar os outros bispos.

A tensão era de tal ordem que, o grupo ligado ao cônego Formigão resolveu separar-se e marcou a saída. Conta-nos Maria Fernanda Tavares que “os membros que se julgavam chamados a seguir orientação diversa, tendo por fim resolvido deixar-nos e formar Congregação à parte, marcaram a data de 3 de maio de 1934 para a separação”²²³.

Depois da saída do Grupo do Dafundo, o cônego Formigão ficou mais uns dias em Lisboa, deslocando-se a 9 de maio ao Paço episcopal a fim de conversar mais uma vez com o Cardeal Patriarca, tendo-lhe ele dito que “as contemplativas se tinham

²²² *Ibidem*, p. 170.

²²³ *Ibidem*, p. 209.

precipitado em sair e que tudo resultara uma grande trapalhada. Mas estava feito, estava feito”²²⁴.

Tendo saído de Lisboa nesse mesmo dia, mandou dizer a Luiza que “não se despedia, porque as despedidas eram sempre custosas”²²⁵, indo encontrar-se com o Grupo que se tinha reunido em Braga. Ali tomou a decisão de algumas irem diretamente falar com o bispo de Leiria, no sentido de o convencer a recebê-las na sua diocese, tendo para o efeito escrito uma carta, datada de 12 de maio, a preparar essa reunião, pedindo-lhe para receber “aquelas suas filhas na terra abençoada da Cova da Iria”²²⁶. No dia 14 desse mesmo mês, um grupo de quatro religiosas foi recebido por D. José Alves Correia da Silva, que lhes disse no fim da reunião: “Vão para Fátima, façam de conta que são os pastorinhos; façam adoração ao Santíssimo, vão cantar ao terço e vistam modestamente”²²⁷, escreve Rafael José Antunes Marques.

Desta forma o Instituto da Reparação transferiu a sua sede para Fátima, naquele 14 de maio de 1934. A partir desse dia, dois Institutos iniciavam a sua caminhada segundo o carisma próprio de cada um, vindo a tornarem-se duas importantes Congregações religiosas.

2.4. O reconhecimento de duas novas Congregações: a alegria da entrega

Estava superada a maior crise da Congregação iniciada por Luísa Andaluz, permitindo que fosse definida e afirmada a sua identidade específica. Face à tensão outrora em confronto, forma tradicional e outra que ainda não conhecia bem os seus contornos, Luiza veio a superar tudo isto através de um processo de integração da oração e do serviço, que deu consistência à sua vocação religiosa. A partir daí, a

²²⁴ MARQUES, Rafael José Antunes – *Roteiro da Vida do Padre Manuel Nunes Formigão*. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 2009, p. 188.

²²⁵ *Ibidem*, p. 188.

²²⁶ *Ibidem*, p. 189.

²²⁷ *Ibidem*, p. 190.

Congregação encontrou o seu rumo. Aquilo que há já vários anos se vinha tentando esboçar através de regras, normas de vida para o grupo, veio a ter o seu reconhecimento em 10 de dezembro de 1935, num rescrito da Sagrada Congregação Romana, com o *Nihil Obstat*. No entanto, o caminho para uma aprovação definitiva ainda estava longe. Que nome deveria dar à Congregação?

Conta-nos Luiza que, ao tomar parte numa peregrinação a Roma, pediu uma audiência ao Padre geral da Companhia de Jesus. Tendo-lhe exposto as suas dúvidas, com o pedido de aconselhamento quanto à melhor forma de as resolver, o referido Padre geral ter-lhe-ia respondido que “o caminho a seguir era pôr a Congregação nas mãos do Senhor Cardeal”²²⁸. Também nesta estada em Roma, continuando a sentir-se perplexa sobre o nome que deveria ser dado à Congregação, conta ela,

“dirigi-me com grande devoção ao altar central da Basílica de S. Pedro, colocado sobre o local do túmulo do 1º chefe da Santa Igreja, e aí, lhe pedi, me fizesse conhecer o título que convinha escolher. Estava convencida que a Obra devia tomar o nome de Nossa Senhora, mas ao meu espírito, naquela ocasião, não se me apresentou o título completo, embora julgasse perceber claramente as duas primeiras palavras: Servas de...”²²⁹.

Passados que foram alguns anos, após a sua ida a Roma, o Senhor Cardeal foi a Roma e falou com o Santo Padre na Congregação, referindo-se à escolha do título que lhe haveria de ser dado. Seria um frade capuchinho, que ali se encontrava, profundo conhecedor e devoto de Fátima, a solucionar o problema. Segundo o mesmo frade, tendo a Congregação tanto sentido mariano, tendo nascido em Portugal e o seu primeiro ato comum em 13 de maio de 1923, por que razão não se chamaria “Servas de Nossa Senhora de Fátima?”²³⁰, refere Maria Fernanda Tavares. Tal nome agradou tanto ao Senhor Cardeal Patriarca, como ao Papa que o aprovou, como a todos, tendo o rescrito

²²⁸ TAVARES, M. F. – *O Itinerário*, p. 169.

²²⁹ *Ibidem*, pp. 169-170.

²³⁰ *Ibidem*, p. 179.

de aprovação definitiva, incluindo o título da Congregação, sido datado de Roma em abril de 1939. Foi então, neste dia 11 de outubro de 1939, festa da Maternidade de Nossa Senhora, que Luiza Andaluz deu mais um passo no seu sonho ao fazer a sua profissão religiosa, juntamente com um grupo de Irmãs, exclamando: “Chegámos enfim ao feliz dia da nossa doação a Deus, doação pela qual, há mais de 20 anos, eu, ardentemente, suspirava”²³¹. A Congregação seguia, finalmente, o seu caminho.

Entretanto, a nova Congregação das Reparadoras de Nossa Senhora das Dores de Fátima, ia ganhando forma própria, registando-se o dia 8 de dezembro de 1935, dia da Imaculada Conceição, em que as Irmãs Reparadoras vestiram os hábitos, como continuam a usar (saia e blusa de cor azul escura e gola de cor pérola, véu azul escuro), [art.º 15 do Directório Geral], indo por um lado impor mais compostura e gravidade à comunidade e por outro, foi um marco importante na vida destas Religiosas, por contribuir para a aprovação do novo Instituto pela Santa Sé. Devido às múltiplas atividades de que estava incumbido o cônego Formigão, só em 1948 terminou as Constituições da Congregação, tendo nesse mesmo ano sido enviadas para Roma, seguindo os trâmites normais, a fim de serem aprovadas, o que viria a verificar-se em 11 de abril de 1949, pelo Decreto N.º. 7052/47, conforme os cânones próprios, vigentes na Sagrada Congregação dos Religiosos. Ao receber esta notícia, com serenidade e alegria, proferiu o cônego Formigão esta palavra: *Magnificat*²³². Em 15 de agosto desse ano, o bispo de Leiria decretou a Ereção Canónica da Congregação, cujos fins principais seriam:

²³¹ *Ibidem*, p. 184.

²³² MARQUES, Rafael José Antunes – *Roteiro da Vida do Padre Manuel Nunes Formigão*. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 2009, p. 206.

“adoração ao Santíssimo Sacramento e a reparação das injúrias cometidas contra o Sagrado Coração de Jesus e o Coração Imaculado de Maria; a fundação de casas de trabalho e patronato para raparigas pobres; ajudar o apostolado da Ação Católica”²³³.

Determinou ainda a realização das primeiras profissões no dia 22 desse mesmo mês, festa litúrgica do Imaculado Coração de Maria, na Basílica do Santuário de Fátima²³⁴. Esse dia foi precedido pela exposição do Santíssimo, na véspera, dia 21, em que, por turnos, as Irmãs se mantiveram em adoração profunda às Sagradas Espécies²³⁵, como prelúdio da adoração perpétua que ficaria mais tarde a cargo da Congregação e que iria ser inaugurada a 1 de janeiro de 1960. Iniciou-se o solene ato litúrgico das Profissões, nesse 22 de agosto, às 8 horas, com a Santa Missa presidida pelo Senhor bispo de Leiria, concelebrada pelo cónego Formigão, Dr. João Pereira Venâncio, que viria a ser o próximo bispo de Leiria, e outros sacerdotes, em que estiveram presentes todos os membros da Congregação, familiares e amigos, Seminário Diocesano de Leiria e religiosas de várias congregações, formando uma numerosa assembleia. No momento próprio, fizeram a sua Profissão Perpétua 14 Irmãs, tendo 16 emitido os votos temporários. Foi um dia histórico e de louvor ao Senhor, que fez rejubilar o coração agradecido do Fundador. A este sentimento de júbilo e gratidão, veio juntar-se um sinal feito por D. José Alves Correia da Silva ao cónego Formigão para que se aproximasse de si. Abraçou-o demoradamente, ali mesmo, num gesto expressivo e comovido, revelando uma profunda cumplicidade com toda a Obra de Fátima, selando assim a importância da Congregação das Religiosas Reparadoras para a Mensagem de Fátima. Depois da aprovação da Congregação, o Fundador, com todo o ardor da sua alma e a riqueza do seu saber, começou a tarefa que se tornava urgente e necessária: a formação

²³³ *Ibidem*, p. 206.

²³⁴ *Voz da Fátima*, 13 de Agosto de 1949, ano XXVII, nº. 323, 4; *Voz da Fátima*, 13 de Setembro de 1949, ano XXVII, nº. 324, p. 4.

²³⁵ *Ibidem*, 13 de Setembro de 1949, ano XXVII, nº. 324, p. 4.

dos elementos do Instituto, trabalho em que foi coadjuvado pelas Irmãs responsáveis, dando ao mesmo tempo as diretrizes necessárias para que as suas religiosas pudessem assumir as obras que iriam orientar.

2.5. As obras emergem, continuam e frutificam

Dificilmente se acompanha Luiza Andaluz, nos anos 30, nas suas constantes deslocações entre Santarém e Lisboa, cuidando das Obras Sociais que fundou e dirigiu nestas cidades. Outras localidades se encontram no roteiro desta atividade de assistência. Luiza recuperou conventos e edifícios degradados, transformando-os em Obras para crianças e jovens; dirigiu escolas, creches, casas de trabalho e até um hospital (hospital de D. Manuel de Aguiar em Leiria); fundou centros de assistência em várias localidades; assumiu o projeto União Gráfica, em Lisboa, onde seria feito e editado o jornal *Novidades*, da responsabilidade da Igreja, que permitiria estabelecer um núcleo, em Lisboa, de um outro grupo de Irmãs. Preocupou-se com a alfabetização de mulheres, criando em Santarém uma escola noturna para “criadas de servir”. Da sua vasta e diversificada Obra Social e Pedagógica, há que realçar duas Instituições, fundadas em Santarém, que são exemplo vivo da sua ação pedagoga e benemérita: o Instituto de Nossa Senhora dos Inocentes e o Colégio Andaluz. Ao analisarmos o protagonismo que se atribui a Luiza em todo este empreendimento, ele resulta de uma leitura de missão que, apesar dos obstáculos, levou por diante, das ações que desenvolveu e das iniciativas que tomou. Ela tinha bem presente que “se o grão de trigo que cai na terra não morrer, permanecerá só; mas se morrer produzirá muito fruto”²³⁶. E ainda: “Sabei que quem semeia com parcimónia, com parcimónia também colherá, e quem semeia com largueza, com largueza também colherá”. Portanto, “cada um dê

²³⁶ Jo 12, 24.

como dispôs em seu coração, sem pena nem constrangimento, pois Deus ama a quem dá com alegria”²³⁷.

Assim aconteceu com as Congregações começadas por estes Fundadores, como instrumentos da ação de Deus. Luiza dizia muitas vezes: “A Obra não é minha, é de Deus. Eu só fui instrumento d’Ele”²³⁸. Por isso mesmo essa semente deu fruto e deu-o em abundância. Luiza quis ser, em toda a sua vida, como um a candeia acesa que, para iluminar, deve estar no candelabro, tais as três “lucernas” que compõem o escudo das Servas de Nossa Senhora de Fátima.

O desenvolvimento da Congregação, a maturidade da sua vida e das suas obras, levaram a um novo passo, a uma nova dimensão, ou seja, a passagem da Congregação de direito diocesano a direito pontifício. [Constituições, Decreto Sagrada Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares de 13/10/1981]. Tudo isto significou o atingir a maturidade, superando uma fase de crescimento experimental, e que a Congregação se abriu às dimensões da Igreja universal. Já não eram desta ou daquela diocese, mas pertenciam a todas as dioceses do mundo. Num trabalho elaborado por Maria Fernanda Tavares e Maria Helena Inácio, podemos ler:

“Na fidelidade ao seu projeto inicial que se define, alarga e clarifica face às circunstâncias concretas, a Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima quer estar ao serviço do Povo de Deus para em colaboração com o ministério sacerdotal, responder às necessidades do Mundo de hoje”²³⁹.

O lema: «Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra», exprime o propósito de participar no mistério de Cristo Sacerdote, enviado para realizar o desígnio salvífico do Pai [Constituições, nº 5]. Do seu carisma brota a espiritualidade,

²³⁷ 2Cor 9, 6-7.

²³⁸ PEDROSO, Dário – *Audácia e Serviço. Vida de Luiza Andaluz*. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1989, p. 125.

²³⁹ TAVARES, Maria Fernanda; INÁCIO, Maria Helena – *50 Anos ao Serviço do Reino de Deus. Dados Históricos e Âmbito Eclesial das Comunidades da Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima*. Lisboa: Servas de Nossa Senhora de Fátima, 1989, p. 45.

com forte acento sacerdotal e mariano, que tem origem em Cristo Sacerdote, a quem seguimos a exemplo de Maria [...] [Constituições, nº 7]. Contemplativas na ação, estão atentas às urgências do Reino e concretizam a sua missão em convergência com o ministério sacerdotal [...]. [Constituições, nº 8]. A sua vida é vivida em “castidade consagrada que brota do amor infinito que une as três Pessoas divinas [Constituições, nº 24]; em pobreza, despojando-se a si mesmo e tomando a condição de servo, Cristo abriu um caminho de liberdade e de felicidade [...], [Constituições, nº 32]; em obediência, no seguimento de Jesus Cristo que, desde a sua entrada no mundo até à morte na cruz, se entregou em total obediência, à realização do plano salvífico do Pai [...], [Constituições, nº 46]; em comunidade, pois a comunhão trinitária é origem, fonte e modelo supremo da sua vida comunitária [...], [Constituições, nº 57]; em oração, um dom de Deus que lhes permite entrar em comunhão com Ele [...], [Constituições, nº 75]”. Para poder dar cumprimento a esta vocação apostólica, na atenção aos novos tempos e às necessidades mais urgentes do Povo de Deus, as Comunidades são estruturadas em ordem à missão [Constituições, nº 88]. Qualquer que seja o seu objetivo, em todas entra o dinamismo apostólico da Igreja, quer se destinem à formação das Irmãs e revitalização interna da Congregação, quer se dediquem a uma ação pastoral externa. [Constituições, nº 101]. Esta ação pastoral da Congregação, inserida na pastoral diocesana, desenvolve-se no âmbito das diferentes funções da Comunidade cristã, ou seja, na cooperação no ministério do anúncio da Palavra, na celebração da Liturgia e na condução do Povo de Deus. Assim, em resposta a situações concretas da Igreja, conforme as orientações do bispo diocesano, as Servas procuram servir em diversos setores, como nos diz Dário Pedroso:

“na catequese a vários níveis; na pastoral litúrgica, juvenil e vocacional; no ensino religioso nas escolas; em vários secretariados Diocesanos; em serviços de promoção

humana e de índole social; trabalho em casas de retiros, seminários; no ensino, enfermagem, etc”²⁴⁰.

“Todos estes trabalhos, além de permitirem a nossa encarnação no meio e de contribuírem para o serviço pastoral, garantem-nos o nosso sustento e a total partilha dos nossos bens”²⁴¹, como refere um escrito de Maria Fernanda Tavares e Maria Helena Inácio.

Como já referido, todas estas atividades são exercidas pelas Irmãs, reunidas em pequenos núcleos, inseridas na Comunidade humana eclesial. Qualquer que seja a sua atividade, a sua idade e saúde, a todas anima o mesmo espírito: “sentir com a Igreja, pensar, trabalhar e sofrer com ela, levando assim a Congregação a manifestar e desenvolver o espírito eclesial que a caracteriza desde o início”²⁴², adiantam as mesmas autoras. É neste dinamismo interior, assim manifestado e vivenciado em cada uma das Irmãs, que a torna Serva de Nossa Senhora de Fátima e participante do dom que a Congregação é para a Igreja e para o Mundo.

Enquanto se concretizava em 1923 a amizade entre o cónego Formigão e Luiza Andaluz, surgia na mente daquele sacerdote a vontade de adquirir uma casa em Fátima. Certamente já fervilhava no seu espírito a ideia de poder vir a utilizar aquele espaço como uma casa de Reparação. No entanto, tal projeto não chegaria a concretizar-se.

Quando em março de 1934 percebeu a inevitabilidade da separação da “Obra” de Santarém, iniciou a procura de um edifício no centro da Cova da Iria, onde pudesse alojar as suas contemplativas, vindas do Dafundo. Escrevendo no dia 3 desse mês ao bispo de Leiria, diz:

²⁴⁰ PEDROSO, Dário – *Audácia e Serviço. Vida de Luiza Andaluz*. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1989, p. 127.

²⁴¹ TAVARES, Maria Fernanda; INÁCIO, Maria Helena – *50 Anos ao Serviço do Reino de Deus. Dados Históricos e Âmbito Eclesial das Comunidades da Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima*. Lisboa: Servas de Nossa Senhora de Fátima, 1989, p. 46.

²⁴² *Ibidem*, p. 46.

“A compra, aluguer ou construção da casa, assim como a sustentação do pessoal, não implicará encargos de ordem material para V. Ex.cia Rev.ma [...]. Não pretendo nem procuro outra coisa senão acolher-me filialmente à protecção de V. Ex.cia Rev.ma [...]”²⁴³.

A casa de Nossa Senhora das Dores, hoje Casa-Mãe, foi adquirida ao Dr. Manuel António Martins, das Caldas da Rainha, sendo paga com verba disponibilizada por D. Zeferina Rosa que depois viria a fazer parte da Congregação, na qualidade de Oblata. A Oblatura foi um a realidade fundada com um grupo de leigas, com a aprovação do Fundador, anexa à Congregação, cujos membros seriam, como ele próprio dizia, “os braços e as pernas do Instituto, isto é, o seu prolongamento para o exercício do Apostolado exterior”²⁴⁴, refere Joaquín Maria Alonso.

A Casa-Mãe da Congregação está intimamente ligada à história da Oblatura, que, por sua vez, foi a génese da Obra Reparadora de Fátima, ou seja, o carisma reparador do cónego Formigão a ser vivido pelos leigos. Entendia ele que a vivência daquele ideal não devia ser exclusivo de um grupo de religiosas, embora dele devesse irradiar o ensinamento e o testemunho. Sentia que esta ação reparadora devia ser vivida por toda a Igreja e em especial pelos leigos, uma vez que sendo a maioria do povo de Deus, constitutiva da Igreja doméstica, tornariam os seus lares um alfobre de virtudes, tendo como lema o cariz reparador. Assim se lançou o carisma reparador para que fosse também vivido pelo laicado, primeiro através de um grupo de senhoras de Santarém, dirigidas espiritualmente por este sacerdote e que iniciaram a chamada *Ala do Santíssimo Rosário* e depois, dada a inclusão deste grupo na Pia União dos Cruzados de Fátima, em 1934, através da fundação da Oblatura, que ocorreu oficialmente a 7 de

²⁴³ MARQUES, Rafael José Antunes – *Roteiro da Vida do Padre Manuel Nunes Formigão*. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 2009, pp. 192-193.

²⁴⁴ ALONSO, Joaquín Maria – *O Dr. Formigão: Homem de Deus e Apóstolo de Fátima*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1979, p. 401.

outubro de 1936, com a aprovação do Bispo de Leiria. A ideia de Oblatura terá surgido quando entre os meses de setembro e novembro de 1933, este cónego, por incumbência do Cardeal D. Manuel Cerejeira, fez uma viagem à Europa, com o objetivo de estudar a Ação Católica e a Ação Social Cristã, assim como diversos Institutos nascentes. O seu sonho era que a Oblatura fosse uma verdadeira escola apostólica e que as pessoas por ele escolhidas se dedicassem à formação apostólica dos outros membros da Oblatura e deviam ir formando, através de cursos organizados, pessoas para serem “propagandistas” da Ação Católica. Iniciaram esta caminhada como leigas reparadoras 6 senhoras, tantas quantas as que tinham abraçado, 10 anos antes, o projeto reparador do cónego Formigão e que deram origem à Congregação das Religiosas Reparadoras. A Oblatura foi presidida pela D. Maria da Soledade Mourão de Freitas que, pela sua competência e dedicação, viria a dirigir a revista *Stella*, fundada pelo cónego Formigão a 1 de janeiro de 1937 e que se destinou prioritariamente ao público feminino. As Irmãs da Oblatura tratavam também da redação e paginação desta revista, assim como do *Almanaque de Nossa Senhora de Fátima*, outra publicação da autoria daquele sacerdote. Como as Irmãs da Congregação viviam, àquela data, em regime de clausura, as “Irmãs Oblatas” dedicavam-se a todo o tipo de apostolado externo, nomeadamente na ajuda aos párocos na catequese, ensaios de cânticos, auxílio aos mais necessitados e muitas outras formas de apostolado.

Consolidada que estava já esta caminhada, chegou a hora de lhe dar novos rebentos e foi assim que a 2 de fevereiro de 1939 três Religiosas e duas Oblatas estendiam para o exterior, ao Souto da Carpalhosa, concelho de Leiria, o seu primeiro ramo. Ao longo dos anos, outras casas foram fundadas, nomeadamente em Meixomil, Paços de Ferreira, Santa Marta de Penaguião, no Porto, entre outras, levando mais longe os ideais do cónego Manuel Formigão, havendo a preocupação de as Oblatas leigas

acompanharem, sempre que possível, as Irmãs da Congregação, à semelhança da imagem de Marta e de Maria como nos é apresentada nos Evangelhos. A secção das Oblatas tinha, na intenção do Fundador, uma dupla finalidade: a santificação comum com as Religiosas Reparadoras e em segundo lugar despertar o alento apostólico que transbordava da adoração e contemplação daquelas. Com o tempo, chegou-se à conclusão de que, para cumprir esses fins, não era absolutamente necessária uma secção expressamente para isso e pouco a pouco foi suprida a Oblatura, ainda em vida do seu Fundador. No entanto, estava lançada a semente daquilo que mais tarde viria a ser a Obra Reparadora de Fátima, que a 23 de fevereiro de 2003 retomou de forma concreta e objetiva a vivência do carisma da Reparação por parte dos leigos.

“As Constituições e o Directório Geral formam a *Regra de Vida*. Outros documentos complementarão estes, que são os fundamentais” [Constituições, art.º 8]. Por Decreto do bispo de Leiria-Fátima, D. António Augusto dos Santos Marto, datado de 6 de janeiro de 2010, na sequência do pedido feito pela Superiora Geral da Congregação, em nome do XII Capítulo Geral Extraordinário, foi alterado o nome para Congregação das Irmãs Reparadoras de Nossa Senhora de Fátima.

A Congregação encontra-se atualmente nas dioceses de Leiria-Fátima, Braga, Porto, Lichinga-Moçambique, Benguela-Angola e Maliana-Timor.

Apesar de toda esta Obra, entendia o Apóstolo de Fátima que os desígnios de Deus não estariam totalmente realizados e que a Obra de Fátima só ficaria completa com a fundação duma Congregação masculina, a dos Padres da Mensagem de Fátima - Missionários Reparadores. Tanto estes como aquelas podem considerar como sua mãe e fundadora a pequena vidente – Jacinta Marto. Também o carácter específico desta última Obra foi, entre outros, a Reparação, enquanto recomendou a preparação de Missionários para a Europa de Leste, dizendo:

“Logo que o actual regime político e social da Rússia seja substituído por um que conceda liberdade à Igreja Católica, os Missionários Reparadores que generosamente se ofereçam para isso, podem ir cooperar na evangelização do povo russo ou de outro que tenha estado sujeito ao mesmo regime, incluindo a China”²⁴⁵.

Embora houvesse quem desejasse aderir a este projeto, e de ter a concordância do bispo de Leiria, a hora do início não tinha chegado, continuando em aberto a sua concretização.

²⁴⁵ ESTEVES, Maria Encarnação Vieira - *Apóstolo de Fátima: Cón. Manuel Nunes Formigão*. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 2004, p. 132.

Conclusão

Na reflexão que procurámos fazer sobre algumas das várias e complexas questões que se colocam ou se podem colocar sobre “Fátima e o catolicismo português”, na primeira parte deste trabalho, tentámos por um lado fazer uma abordagem, embora não exaustiva, dos impactos que os acontecimentos que se registaram em Fátima, em 1917, tiveram nos vários palcos da realidade – social, política, cultural, religiosa e económica – bem como a sua expansão a nível nacional e até internacional e, por outro lado, perceber como as aparições de Fátima vieram contribuir para impor ao catolicismo nacional uma reconfiguração, servindo de moldura aglutinadora de uma vivência da experiência cristã e mariana, impondo novos quadros referenciais de mentalidades, de práticas religiosas e mesmo imagéticas de devoção.

Com esta contextualização, procurámos identificar o ambiente sociopolítico e religioso em que ocorreram as aparições, contribuindo muito para a forma como foram recebidas, se desenvolveram e se consolidaram. Depois de uma experiência vivenciada por três crianças e alargada rapidamente a uma multidão, as aparições ganharam forma e corpo, também, como resultado de um vasto conjunto de ações e estruturas no âmbito da reconstrução do catolicismo e da sociedade em geral, neste início do século XX.

Portugal vivia uma instabilidade política e de agitação social permanente, sendo que a participação efetiva na Grande Guerra veio agudizar a já grave situação de pobreza, repressão e sofrimento das populações. Na sua relação com o Estado, também a Igreja passava por duras provações, sentindo-se coartada nas suas liberdades de expressão, associação e ensino, tentando por todos os meios recuperar a capacidade de intervenção social de que tinha sido espoliada pelas leis da República. Enquanto tudo isto, ia procurando resolver a sua própria crise interna de identificação, insistindo numa

reconfiguração do catolicismo português a partir de novas formas de militância e associativismo, por parte dos católicos.

O concelho de Vila Nova de Ourém e a freguesia de Fátima, em particular, era uma ignorada colina, árida, inabitada e inculta, perdida na serra. Apesar do ambiente maioritariamente rural e de algum isolamento geográfico, esta região tinha bastante dinamismo agrícola e comercial, verificando-se ao mesmo tempo a existência de uma vida política muito participativa e também uma ativa prática religiosa. Mas, Vila Nova de Ourém era apenas mais um concelho do distrito de Santarém, não deixando Fátima de ser uma pequena freguesia desconhecida para a população portuguesa, pelo menos para a sua maioria. Também a aldeia de Aljustrel aparecia como um minúsculo aglomerado populacional, sendo a Cova da Iria não mais do que um pobre local para o pastoreio, desabitado e sem condições de hospitalidade.

Com as primeiras notícias das aparições, todos estes nomes (locais) começaram a surgir na senda nacional, com algumas imprecisões na sua localização inicialmente, ganhando gradualmente um estatuto de locais famosos, passando a ser objeto de romarias de gentes de todo o país. Fátima encontrava-se então no cerne de conversas por todo o país, proporcionando um forte impacto na experiência religiosa portuguesa e uma dinâmica sempre crescente.

A segunda parte coloca-nos na senda da extinta diocese de Leiria, área onde se inclui a paróquia de Fátima, na qual os sentimentos de perseguição e espoliação tiveram lugar como no resto do país, embora não tão violentos. Apesar de ser uma região poupada aparentemente às mais radicais perseguições anticlericais, as consequências da Lei da Separação foram bem evidentes, agravadas pela dor que constituíra a perda do bispado no final do século XIX e as fracassadas tentativas de o recuperar. Também Fátima, ao ter-se constituído num polo simultaneamente de resistência e de mobilização

do catolicismo português, funcionou como lugar de reelaboração da própria religiosidade católica. Se num primeiro momento de tensão ou crise, Fátima surgiu como instância de identificação nacional e ao mesmo tempo de afirmação da inflexibilidade católica, num segundo momento, permitiu acolher, expressar e canalizar as inquietações e problemas que atravessavam a sociedade, numa exigência de renovação eclesial, como se verificou mais tarde nos anos 50 e voltou a acontecer a partir do final da década de 60, com a emigração e a guerra colonial, transformando Fátima num imenso “cais de despedida”²⁴⁶, como refere Paulo Fontes.

Foi neste cenário que a Virgem terá vindo propor o convite: “Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em ato de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?”.

Na terceira parte, debruçámo-nos sobre quatro realidades que ao tempo procuraram incarnar a mensagem de Fátima: duas laicais e outras tantas congregacionais. No âmbito laical refletimos sobre a “Associação de Servitas de Nossa Senhora de Fátima”, associação pública de leigos, religiosos e sacerdotes, ereta canonicamente pelo bispo de Leiria, em 1924, sob a proteção de Nossa Senhora. Verificámos por um lado como procuram os Servitas viver e dar a conhecer a Mensagem de Nossa Senhora e do Anjo de Portugal, ao mesmo tempo que se empenham na realização do triunfo do Imaculado Coração de Maria, que pressupõe a devoção dos primeiros sábados; por outro constatámos como esta entidade se inspirou nos *Brancardiers* de Lourdes de forma a servir, com um carácter mais organizado, os peregrinos e sobretudo os doentes no Santuário de Fátima, para que todos se sintam acolhidos como irmãos, não esquecendo que ligado a este Movimento se encontrava

²⁴⁶ FONTES, Paulo – O catolicismo português no século XX: da separação à democracia. In AZEVEDO, Carlos A. Moreira (Dir.). *História Religiosa de Portugal*. Vol. 3. CLEMENTE, Manuel; FERREIRA, António Matos (Coords.), Religião e secularização. Lisboa: Circulo de Leitores, 2002, p. 245.

aquele que irá ser considerado o grande “apóstolo de Fátima”, o cónego Manuel Nunes Formigão, também ele ligado muito profundamente a Lourdes, onde tinha estagiado como Servita, tendo inicialmente a ideia, conjuntamente com outras entidades, de colocar Fátima na senda de Lourdes, como a Lourdes portuguesa.

Outra realidade neste âmbito foi também objeto de reflexão: o “Movimento da Mensagem de Fátima”, associação de fiéis de formação e apostolado, criado pelo episcopado português, com sede no Santuário de Fátima, Movimento este que sucedeu à anterior designação «Movimento dos Cruzados de Fátima», que por sua vez tinha substituído a «Pia União dos Cruzados de Nossa Senhora de Fátima» e inspirado, na sua génese, na Associação de Nossa Senhora do Rosário (1926), assumiu como finalidade «conhecer, viver e difundir» a Mensagem. Propõe-se também interceder pelas necessidades da Ação Católica e com ela colaborar, colocando-se sob a proteção de Nossa Senhora de Fátima, com o fim de viver e promover a sua Mensagem. O novo Movimento dependendo da Conferência Episcopal Portuguesa (CEP), na pessoa do bispo diocesano, assenta a sua organização em grupos paroquiais – as trezenas – ou seja, núcleos de 13 pessoas que reúnem pelo menos uma vez por mês. Possui como órgão de informação o *Boletim do Movimento da Mensagem de Fátima*, dando especial atenção, para a prossecução dos seus fins, aos seguintes campos de pastoral: «oração, peregrinações, doentes e deficientes físicos».

Mergulhando no âmbito congregacional, verificámos como duas realidades, “Servas de Nossa Senhora de Fátima e Reparadoras de Nossa Senhora das Dores de Fátima” bem entrosadas na Mensagem de Fátima, tinham outras tantas formas de a entender e colocar no terreno. Para Luiza Andaluz, o cumprimento desta Mensagem passava pela confiança em Deus, no seguimento de Cristo Sacerdote, no amor a Maria, na comunhão eclesial e na encarnação no meio, portanto na vida ativa. Luiza Andaluz,

fundadora das “Servas de Nossa Senhora de Fátima” inseriu-se no movimento católico português, que transportava uma atitude de militância, desde o século XIX, e se iria intensificar, no século XX, em torno da ideia de “reconquista cristã” do país e do empenhamento social dos católicos. A sua filiação em diversos movimentos laicais, dar-lhe-ia lastro apostólico, que cresceu a par com iniciativas próprias, em prol dos mais carenciados. Multiplicaram-se as casas em diversos distritos, a favor das classes mais pobres, na instrução das raparigas e na sua promoção, por meio do trabalho. A educação de meninas mais favorecidas também foi contemplada como meio de partilha, em benefício daquelas a quem o *status* social não favorecia tanto. A educação e a beneficência acabaram por ser os contornos mais salientes da ação de Luiza Andaluz. A vasta experiência apostólica, encetada na resposta ao bispo diocesano, marcou uma forma de estar na Igreja, em diálogo e colaboração, marcando uma diferença: dessa ligação ao bispo diocesano, fazia depender diretamente a aprovação dos projetos. Esta diferença constituiu um estilo de participação eclesial, que antecipou as diretivas do Vaticano II, quer pela revalorização da Igreja diocesana como local próprio de concretização da pertença à Igreja Universal, quer pela iniciativa laical, como expressão da corresponsabilidade eclesial, inerente ao ser cristão, em comunhão com o ministério ordenado.

Por outro lado, para o cónego Formigão, o cumprimento desta mesma mensagem de Fátima passava pela fundação de uma Congregação religiosa, com espírito reparador, como resposta ao pedido que a Senhora terá transmitido à Jacinta: “É preciso que haja quem faça reparação”, assente numa espiritualidade de tríplice dimensão: reparadora, eucarística e mariana. É esta Congregação que vai mantendo o Sagrado Lausperene no Santuário de Fátima.

Manuel Nunes Formigão, cónego do patriarcado de Lisboa, fundador das Reparadoras de Nossa Senhora das Dores de Fátima, foi um homem do século XX, chamado a uma missão específica na sua Igreja, à qual ele procurou sempre responder. Até à data em que ocorreram as aparições de Fátima, fez uma séria caminhada de preparação, tanto pelo cumprimento do seu dever de estado, como no que concerne à sua passagem por Lourdes em cujo Santuário se deteve algum tempo como sacerdote Servita. Terá sido das primeiras pessoas que chegaram a Fátima de uma forma verdadeiramente crítica e decidido a saber a verdade, embora de uma forma calma e à sua própria maneira. São memoráveis as crónicas sobre os acontecimentos que se iam desenrolando naquela localidade, tornando-se assim o seu primeiro cronista e historiador. Como podemos ler no *Roteiro da Vida do Padre Manuel Nunes Formigão*,

“É alguém irresistível, que apaixonava e cativa quem dele se aproximava, [...] sendo um modelo a seguir por leigos e, fundamentalmente, pelos sacerdotes, pois ele bebeu até ao fim o cálice da bênção desse ministério. [...]”²⁴⁷.

Como corolário de tudo isto, o que mais importa realmente é a reflexão, é observar o que de facto se diz da “face que se quer humana”. É descobrir que existem caminhos possíveis de percorrer e que permitem cativar e potenciar a adesão dos crentes a uma vida cristã mais madura e empenhada; que é a vida otimizada, “vida em abundância”. O ser humano, como referiu um pensador, faz caminho, caminhando; caminhando na “força do amor, de dom em dom”, em relação de “proximidade”, em relação de uns com os outros, de “doação ilimitada”, à “imagem de Jesus Cristo”, oferecendo e dilatando dons, de forma “natural e gratuita”; sublinhe-se à “imagem de

²⁴⁷ MARQUES, Rafael José Antunes – *Roteiro da Vida do Padre Manuel Nunes Formigão*. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 2009, p. 9.

Jesus Cristo”, “crescendo em estatura, em sabedoria e Graça”²⁴⁸. Em suma, é o “caminho” verdadeiramente “humano”, que o “ser que é humano deve seguir”.

²⁴⁸ Lc 2, 40. 52.

Bibliografia

FONTES

BIBLIA Sagrada, 5º ed. Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica, 2006.

Constituições da Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima, 2008.

Constituições e Directório Geral da Congregação das Irmãs Reparadoras de Nossa Senhora de Fátima, Fátima, 2010.

GENS, José Pereira – *Fátima como eu a vi e como a sinto: Memórias dum médico*. Leiria: Gráfica de Leiria, 1967.

- - Fátima como eu a vi e como a sinto: História dos Servitas. In *Boletim Associação dos Servitas de Nossa Senhora de Fátima*, nº 4, Fátima, 1987.

- - Fátima como eu a vi e como a sinto: História dos Servitas. In *Boletim Associação dos Servitas de Nossa Senhora de Fátima*, nº 5, Fátima, 1987.

IGREJA CATÓLICA – *Lumen Gentium: Constituição Dogmática sobre a Igreja*. In *CONCILIO Ecuménico Vaticano II*. 10ª ed. Braga: Editorial Apostolado Oração, 1987.

JOSÉ, Bispo de Leiria – *Recomendação do bispo de Leiria aos peregrinos*. In *Voz da Fátima*, 13 de Julho de 1924.

LÚCIA, Irmã – *Memórias da Irmã Lúcia*, vol. I, compilação do padre Luís Kondor, introdução e notas do padre Joaquín M. Alonso e do padre Luciano cristino, 8ª edição, Fátima: Secretariado dos Pastorinhos, 2000.

- - *Como vejo a Mensagem através dos tempos e dos acontecimentos*, 2ª edição, Fátima: Indugráfica, 2007.

Manual do Peregrino de Fátima, 4ª edição, Lisboa: União Gráfica, 1935, pp. 47-49.

O Mensageiro, 1917-1922 (nºs 159, 177, 274, 367, 373).

Presente, 2013, nº 4150.

REPARADORAS DE FÁTIMA – *Espiritualidade das Religiosas Reparadoras de Fátima*. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 1997.

SANTUARIO DE FÁTIMA – *Documentação Crítica de Fátima*. Vols. I (1992); I (2013); II (1999); III - 1 (2002); III - 2 (2004); III - 3 (2005); IV - 1 (2006); IV - 4 (2009); V- 2 (2010).

Voz da Fátima, 1926 – 2013 (n.ºs 45, 138, 323, 324, 403, 605, 705, 816, 1093, 1094).

ESTUDOS

ABRANTES, Joaquim Roque; PINTO, Manuel Serafim; CARVALHO, Maria Palmira – *Aljustrel. Uma aldeia de Fátima: O passado e o presente*. Fátima: Santuário de Fátima, 1993.

ALONSO, Joaquín Maria – *O Dr. Formigão: Homem de Deus e Apóstolo de Fátima*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1979.

AZEVEDO, Carlos Moreira; CRISTINO, Luciano (Coords.) – Religiosidade Popular. In *Enciclopédia de Fátima*. Estoril: Príncípia, 2007.

BALTAZAR, Tiago Apolinário – Fátima: a expressão de um culto. *Agência Ecclesia*. Semanário de atualidade religiosa. Moscavide, 2010, pp. 73-79.

BARBOSA, David Sampaio Dias – Servas de Nossa Senhora de Fátima. In AZEVEDO, Carlos A. Moreira; CRISTINO, Luciano (Coords.), *Enciclopédia de Fátima*. Estoril: Príncípia, 2007, pp. 528-532.

BARRETO, José – *Religião e Sociedade: Dois Ensaios*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2002.

BUENO DE LA FUENTE, Eloy – *A Mensagem de Fátima. A Misericórdia de Deus: O Triunfo do Amor nos Dramas da história*. Fátima: Santuário de Fátima, 2013.

CLEMENTE, Manuel, bispo – *A fé do povo: compreender a religiosidade popular*. Lisboa: Paulus, 2013.

DUARTE, Marco Daniel – “Em Fátima rezei por ti”: uma abordagem aos testemunhos materiais da peregrinação. In *Memórias, sinais, afetos: Nos 90 anos das Aparições de Fátima*. Lisboa, 2007.

ESTEVES, Maria Encarnação Vieira - *Apóstolo de Fátima: Cón. Manuel Nunes Formigão*. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 1993.

FERRAZ, Luís Miguel – Reflexos dos conflitos político-religiosos na imprensa local: o caso de Leiria. In *Lusitania Sacra*, 24 (Julho-Dezembro 2011), pp. 91-110.

FERREIRA, António Matos – As aparições de Fátima. In *Memórias de Portugal: o milénio português*. CARNEIRO, Roberto (Coord. Geral); (Coord. cient.) MATOS, Artur Teodoro. [S.l.]: Círculo de Leitores, 2001.

FONTES, Paulo – O catolicismo português no século XX: da separação à democracia. In AZEVEDO, Carlos A. Moreira (Dir.), *História Religiosa de Portugal*, Vol. 3,

CLEMENTE, Manuel; FERREIRA, António Matos (Coords.), *Religião e secularização*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2002, pp. 152-266.

GUARDA, Jorge Manuel Faria – *O Carisma dos Pastorinhos de Fátima: A força de Deus na pequenez humana*. Fátima: Secretariado dos Pastorinhos, 2004.

LIMA, José da Silva – *Religiosidade Popular*. In AZEVEDO, Carlos A. Moreira (Dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Lisboa: Círculo de Leitores, 2000.

MANIQUE, António Pedro – *Luiza Andaluz. Pedagogia e Benemerência nos contornos de uma vida*. Santarém: Instituto Politécnico de Santarém, 1999.

MARQUES, Rafael José Antunes – *Roteiro da Vida do Padre Manuel Nunes Formigão*. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 2009.

NEVES, Joaquim Carreira das – *Escritos de São João*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2004.

PEDROSO, Dário – *Audácia e Serviço. Vida de Luiza Andaluz*. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1989.

POLICARPO, José da Cruz – *Luiza Andaluz. Perfil de uma Personalidade*. Santarém: Servas Nossa Senhora Fátima, 1977.

REPARADORAS DE FÁTIMA - *Fátima: Os primeiros escritos (1917-1923). Visconde de Montelo: Padre Manuel Nunes Formigão*. Lisboa, Alêtheia Editores, 2010.

- - *Manuel Nunes Formigão: Apóstolo do Reino*. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 2008.

RODRIGUES, Maria Isabel Costa – *Intuições de Luiza Andaluz: no catolicismo português do seu tempo*. Lisboa: Servas de Nossa Senhora de Fátima, 2008.

SANCHIS, Pierre – *Arraial: Festa de Um Povo. As Romarias Portuguesas*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2ª edição, 1992. In TORGAL, Luís Filipe – *As aparições de Fátima: Imagens e representações*. Lisboa: Temas e Debates, 2002.

SARDICA, José Miguel – *Sociedade Portuguesa*. In AZEVEDO, Carlos A. Moreira; CRISTINO, Luciano (Coords.), *Enciclopédia de Fátima*. Estoril: Principia, 2007, pp. 542-546.

- - *Estado e Fátima*. In AZEVEDO, Carlos A. Moreira; CRISTINO, Luciano (Coords.), *Enciclopédia de Fátima*. Estoril: Principia, 2007, pp. 190-199.

SERÓDIO, Frederico da Silva – *Servitas*. In AZEVEDO, Carlos A. Moreira; CRISTINO, Luciano (Coords.), *Enciclopédia de Fátima*. Estoril: Principia, 2007, pp. 532-534.

SERVITAS de Fátima. *Mensageiro de Maria*. Fátima. S. d.

TAVARES, Maria Fernanda, org. – *O Itinerário de Luiza Andaluz. A partir do seu manuscrito: História da Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima*. Lisboa: Servas de Nossa Senhora de Fátima, 1997.

TAVARES, Maria Fernanda; INÁCIO, Maria Helena – *50 Anos ao Serviço do Reino de Deus. Dados Históricos e Âmbito Eclesial das Comunidades da Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima*. Lisboa: Servas de Nossa Senhora de Fátima, 1989.

TEIXEIRA, Alfredo – Catolicismo: entre o território e a rede. In TEIXEIRA, Alfredo (org.), *Identidades Religiosas em Portugal: ensaio interdisciplinar*. Prior Velho: Paulinas, 2012.

TORGAL, Luís Filipe – *As aparições de Fátima: Imagens e representações*. Lisboa: Temas e Debates, 2002.

VASCONCELOS, Maria Celeste – Documento dactilografado. In *Stella*, nº 161, Fátima, 1950.

VISCONDE DE MONTELO – *As Grandes Maravilhas de Fátima: Subsídios para a história das aparições e dos milagres de Nossa Senhora de Fátima*. Lisboa: União Gráfica, 1927.

ZÚQUETE, Afonso – *Leiria: Subsídios para a História da sua Diocese*. Gráfica de Leiria, 1945.

Anexos

Anexo 1

Arco no local das aparições, com Lúcia, Jacinta e Francisco, cuja fotografia foi tirada em Outubro de 1917 (DCF, III-1, Doc. 76, p. 208).



Descrição do documento: Dimensões (17x117mm). O Francisco em corpo inteiro; a Lúcia está com os dedos cruzados à frente da cintura, assim como a Jacinta.

Anexo 2

Capelinha das aparições - 1919 (DCF, III-3, Doc. 1, p. 423).



Fonte: Visconde de Montelo – *Os Episódios Maravilhosos de Fátima*, Guarda, Empresa Veritas, 1921, p. 68.

Anexo 3

Capelinha das aparições dinamitada (DCF, III-3, Doc. 9, p. 431).



Fonte: SANTOS, Gilberto Fernandes dos – *Os grandes fenómenos da Cova da Iria*, Edição do autor, 1956, p. 75.

Anexo 4

Bomba colocada na Capelinha (DCF, III-3, Doc. 11, p. 433).



Fonte: ASF – VASCONCELOS, Maria Celeste da Câmara – *Eu vi* (inédito), p. 49/50 (fotografia sem indicação de proveniência).

Anexo 5

Estampa de Nossa Senhora da Paz, relacionada com as aparições de Fátima, distribuída na Cova da Iria, no dia 13 de Outubro de 1917 (DCF, III-1, Doc. 43, 140-142).



Legenda: NOSSA SENHORA DA PAZ / (Regina Pacis, ora pro nobis) / RECORDAÇÃO DA FÁTIMA (13-10-1917)

Anexo 6

Estampa de Nossa Senhora da Paz, relacionada com as aparições de Fátima, distribuída na Cova da Iria, no dia 13 de Outubro de 1917 (DCF, III-1, Doc. 44, 143-144).



Legenda: NOSSA SENHORA DA PAZ / (REGINA PACIS ORA PRO NOBIS) / *Que apareceu a três pastorinhos na freguesia de Fátima / concelho de Vila Nova d'Ourém / Recordação do dia 13-10-1917.*

Anexo 7

ESTRELA AZUL “SERVITAS NOSSA SENHORA DE FÁTIMA”



A Estrela Azul com as letras “S.F.” é a insígnia identificativa de todos os Servitas, que a podem utilizar fora dos tempos de serviço [art.º 13.º dos estatutos].

Anexo 8

Bandeira e emblema do Movimento da Mensagem de Fátima

(Fig. 1)



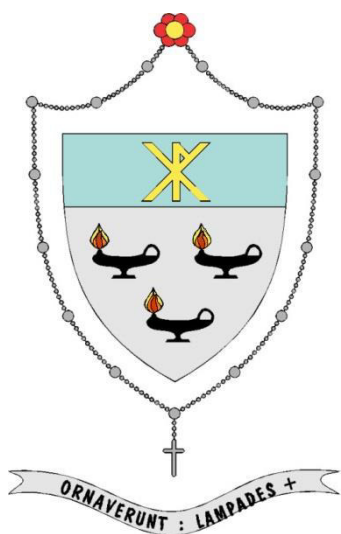
(Fig. 2)



Legenda: A frente da bandeira (*fig. 1*) contém a imagem de Nossa Senhora de Fátima e dos Pastorinhos. O verso da bandeira (*fig. 2*) contém a inscrição que corresponde ao carisma do Movimento, (*Oração, Doentes e Peregrinações*), significando ao mesmo tempo o sentido cristológico da Mensagem e a sua universalidade.

Anexo 9

ESCUDO DAS SERVAS DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA



Neste escudo encontramos dois tipos de leitura: uma heráldica e outra simbólica.

“LEITURA HERÁLDICA:

De prata, com três lucernas de negro, em santor, acesas de vermelho e oiro.

Chefe de azul, carregado de Chrismon de oiro.

Atributo – O Rosário de negro, pendente de uma rosa de sua cor, circundando o escudo

Mote – Ornaverunt lampades

LEITURA SIMBÓLICA:

Na simplicidade humilde da sua vocação (campo de prata) as Servas de Nossa Senhora de Fátima, na renúncia e no esquecimento de si (lucernas negras), como as virgens prudentes da parábola, aguardam, na adoração amorosa e servem na fé e no amor (chama de vermelho e oiro) o Esposo Divino, que se lhes mostra do céu (chefe de Azul), na beleza e na glória, na riqueza e na felicidade (chrismon de oiro) do Reino eterno de Cristo.

Atributo – O Rosário característico das Congregações ou casas religiosas, femininas.

Simbolismo – do Evangelho de S. Mateus, parábola das dez virgens, (XXV, 1-13) claramente legível nos elementos heráldicos, sendo o mote de S. Mateus XXV, 7,²⁴⁹.

²⁴⁹ TAVARES, Maria Fernanda; INÁCIO, Maria Helena – *50 Anos ao Serviço do Reino de Deus. Dados Históricos e Âmbito Eclesial das Comunidades da Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima*. Lisboa: Servas de Nossa Senhora de Fátima, 1989, 4.

Anexo 10

BRASÃO IRMÃS REPARADORAS DE FÁTIMA

O brasão é o símbolo que contém a síntese de vida das Irmãs Reparadoras de Nossa Senhora de Fátima. É formado por elementos históricos e carismáticos:

-A Hóstia, em campo de ouro, significa que a Eucaristia é o centro da vida espiritual da Reparadora de Fátima vivido em ambiente de pureza total;

-O Coração de Jesus ferido pelos pecados da humanidade (os espinhos), a fundir-se no Coração Imaculado de Maria, são o modelo da Reparadora de Fátima, que deve viver absorvida no pensamento de desagravar a Deus que está muito ofendido;



-A Estrela de seis hastes em campo de púrpura, conduz-nos ao dia da Fundação, a Solenidade da Epifania e à primeira Imagem de Nossa Senhora de Fátima onde reluz uma estrela de ouro;

-A Basílica em campo de prata, simboliza Fátima de onde a Mensagem da Senhora irradia para o mundo e onde as primeiras Irmãs fizeram a sua Profissão Religiosa;

-O Espírito Santo, representado pela pomba, é quem coroa toda a Obra;

-“Sit Laus Deo” é a última estrofe do hino “Ave Maris Stella”, e indica a atitude de glória a Deus a prestar pela Irmã Reparadora, em todos os momentos, até ao face a face eterno;

-A Cruz indica a vida de reparação e de sacrifício que abrange a vida.
[Constituições, artº. 9]